



Dar-te-ei a
MESTRA
IX Congresso Maria Auxiliadora

29 AGOSTO - 1 SETEMBRO • FÁTIMA, PORTUGAL

Tema do Congresso **“Dar-te-ei a Mestra”**

O IX Congresso Internacional de Maria Auxiliadora cujo tema é “DAR-TE-EI A MESTRA”, recorda os 200 anos do “Sonho dos 9 anos” de Joãozinho Bosco, no qual Maria lhe foi indicada por Jesus como Mestra.

Em 1824, Joãozinho Bosco, com nove anos, teve um sonho que o marcaria para toda a sua vida. No primeiro sonho profético, em que lhe foi manifestado o campo do seu futuro apostolado, Joãozinho ouviu a voz misteriosa do Senhor que lhe disse: “DAR-TE-EI A MESTRA.” E logo, apareceu uma Senhora de aspeto majestoso que o animou a trabalhar, para corrigir o comportamento dos rapazes da rua.

Nossa Senhora apareceu, frequentemente, nos sonhos de Dom Bosco e foi a estrela do seu apostolado. “Maria Santíssima é minha Mãe” – dizia Dom Bosco. Maria valia à Congregação Salesiana, especialmente, quando era preciso um auxílio extraordinário para atender às necessidades dos jovens pobres e abandonados. Quem privou com Dom Bosco intuiu a intervenção materna, real e constante de Nossa Senhora, invocada como Auxiliadora.

Maria é, verdadeiramente, a Mestra, a Guia, a Mãe de Jesus.

Congresso Internacional de Maria Auxiliadora



Maria é figura principal na espiritualidade e pedagogia salesiana. A relação vital de Dom Bosco com Maria ao longo de toda a sua vida é essencial: nasce na sua família, alimenta-se no seu caminho sacerdotal e consolida-se na sua ação educativa. É Mãe e Mestra. Auxiliadora e guia. É Mãe da humanidade desde o seu “sim” na Anunciação, confirmado pela expressão de Jesus no Calvário: “Eis a tua Mãe” (Jo 19, 26). Faz-se presente em todos os acontecimentos da nossa vida, como presença atenta, amável, disponível, para responder, com a sua solicitude de Mãe, às nossas invocações e necessidades. “Temos Mãe! Agarrados a Ela como filhos, vivamos da esperança que assenta em Jesus” – disse o Papa Francisco, neste Santuário, em 2017, no centenário das aparições aos três pastorinhos. Depois do anúncio do Anjo, parte apressadamente para ir em auxílio de Isabel. Acompanha cada passo de seu Filho, de Belém ao Egito, de Nazaré a Jerusalém, desde o silêncio ao testemunho, estando presente entre os discípulos no Pentecostes nascente da Igreja. Sempre como Mãe.

É Mestra, indicando-nos Jesus a quem seguir: “Fazei tudo o que Ele vos disser!” (Jo 2, 5). Tudo nela aponta para Seu Filho, o centro, o que realmente importa.

É Auxiliadora, como aprendemos com Dom Bosco. A confiança em Maria Auxiliadora é a certeza de que nunca seremos desiludidos, de que seremos ajudados, escutados, porque, quem confia em Maria Auxiliadora, verá o que serão milagres. Guia-nos nas incertezas da vida para encontrarmos o caminho certo, de humanidade plena, na realização da bem-aventurança da esperança e da confiança. Não caminhamos nunca sós, mas caminhamos de mãos dadas com Maria: sempre presente, sempre Mãe, sempre nossa!

A presença de Maria marca as nossas origens, e, por conseguinte, a nossa maneira de ser e de agir. “A seu tempo, tudo compreenderás”: a melhor maneira de ser como Jesus e Maria Auxiliadora é aprender

a estar atentos e disponíveis para quem precisa de nós: a olhar com o coração, a escutar e a construir uma Igreja em saída, em ação pelos outros.

A realização deste Congresso de Maria Auxiliadora, convida-nos a olhar de novo para a experiência vivida por Dom Bosco para que a revivamos e a atualizemos na nossa forma de ser cristãos na Igreja, com a espiritualidade salesiana. Percorrer de novo a espiritualidade mariana salesiana, ajuda-nos a recuperar todas estas dimensões de vida e perceber, que também nas nossas vidas: “foi Ela quem tudo fez”, ou mais ainda, “é Ela quem tudo faz” neste presente que vivemos.

Bem-vindos ao IX Congresso Internacional de Maria Auxiliadora! Desde este Santuário, Altar do mundo, rezemos, meditemos, aprendamos e vivamos a experiência de sermos família salesiana, sob a proteção e guia da Auxiliadora de todos os cristãos, de toda a humanidade.

Maria Auxiliadora dos Cristãos, rogai por nós.

Pe. Tarcízio Morais

Provincial de Portugal e Cabo Verde

Programa do Congresso

29.agosto

- 08:30 . 17:00 Boas-vindas, check-in, *kit* de participante
17:00 . 19:00 Festa de abertura
19:00 . 20:00 Eucaristia com o Bispo
20:00 . 21:30 Jantar
21:45 . 22:30 Mensagem de boa noite – Vigário do Reitor-Mor

30.agosto

- 08:00 . 08:45 Eucaristia (em várias línguas)
09:00 . 12:30 Programa da manhã
12:30 . 14:45 Almoço e intervalo
14:45 . 19:30 Programa da tarde
20:00 . 21:30 Jantar e intervalo
21:30 . 22:30 Recital mariano – “Filhos do SIM”
22:30 . 23:00 Mensagem de boa noite – M. Chiara Cazzuola, FMA

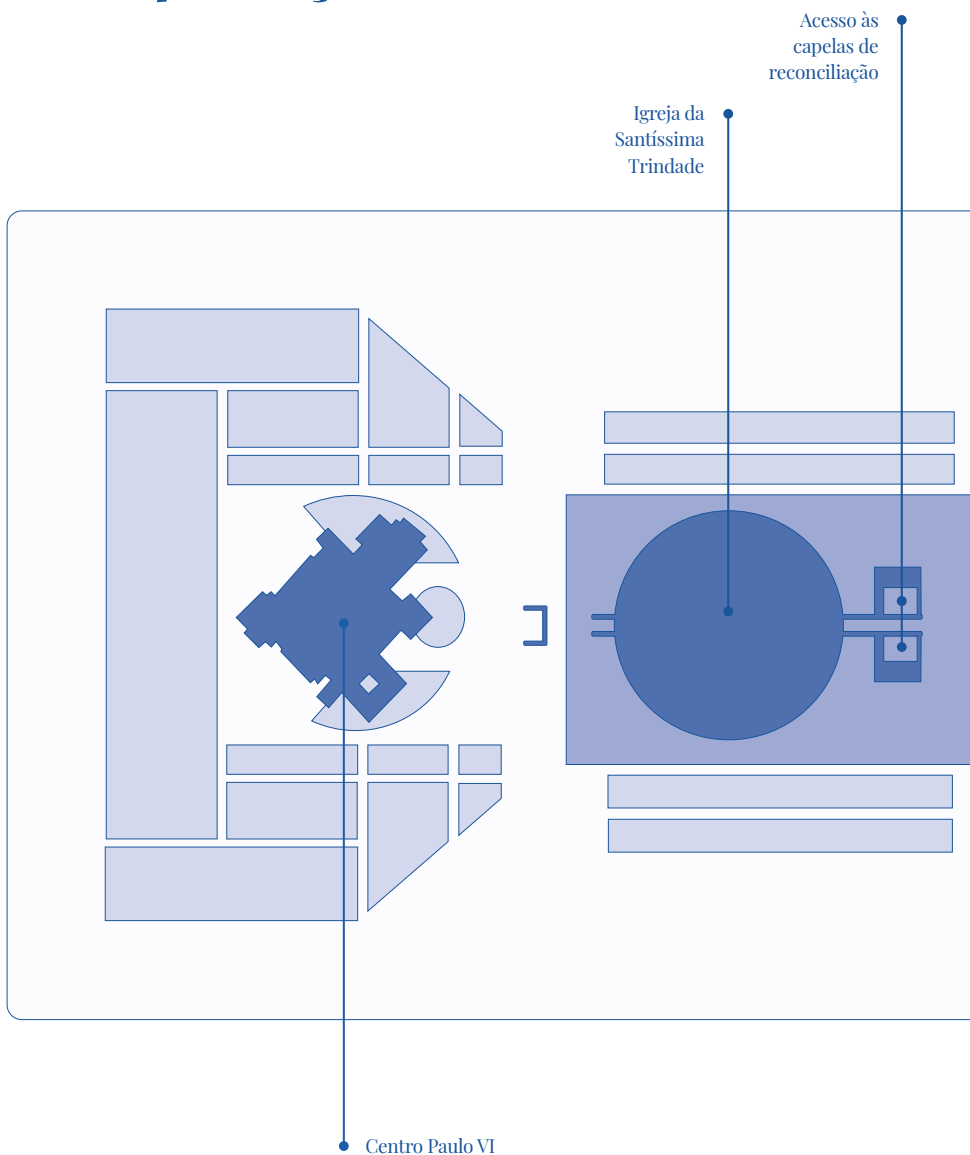
31.agosto

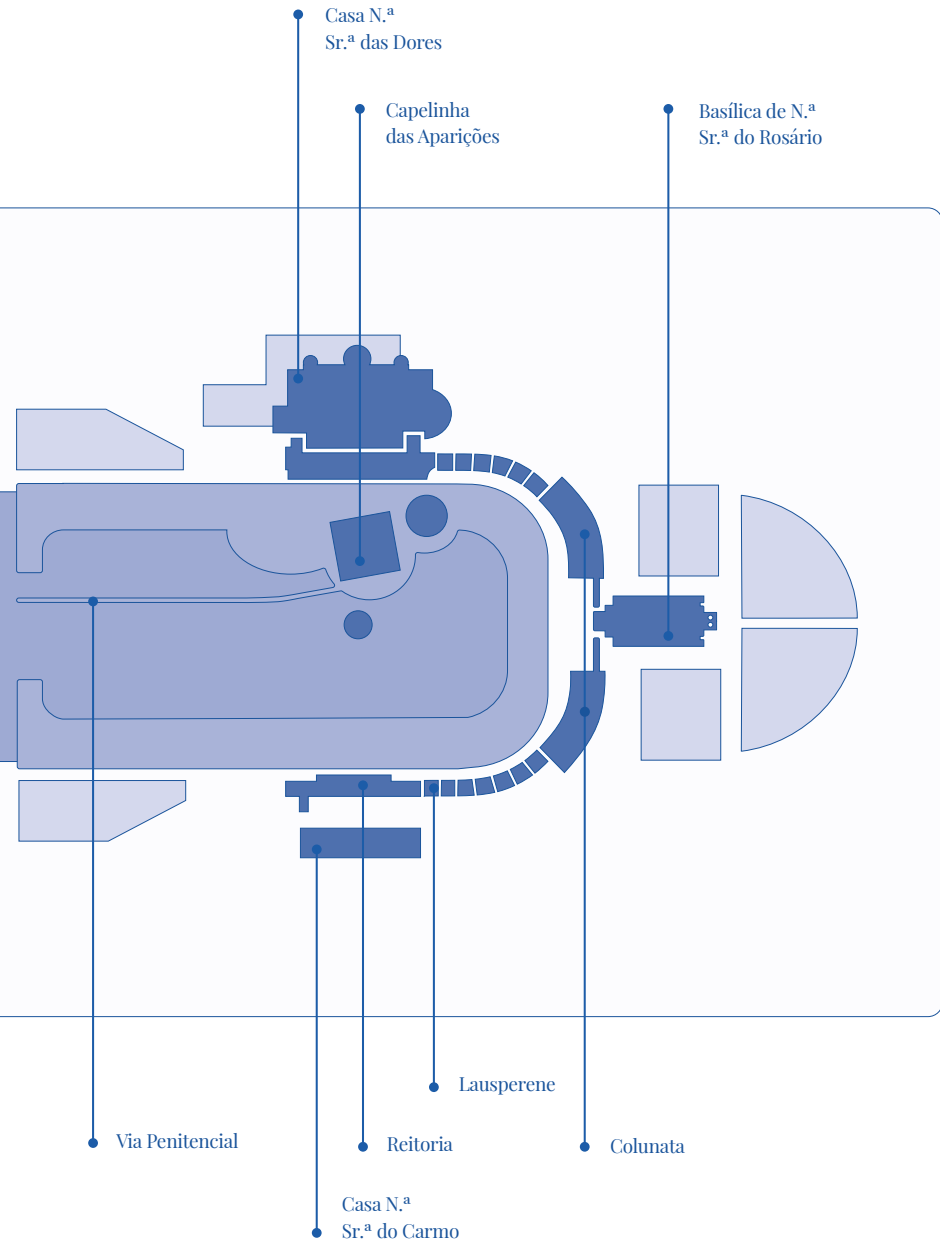
- 08:00 . 08:45 Eucaristia (em várias línguas)
09:30 . 12:30 Programa da manhã
12:30 . 14:45 Almoço e pausa
14:45 . 19:30 Programa da tarde
19:00 . 21:00 Jantar e intervalo
21:30 . 23:00 Terço e Procissão das velas pela paz
– presidida pelo bispo Maksym Ryabukha

1.setembro

- 09:00 . 10:00 Discurso de encerramento do Vigário do Reitor-Mor
10:30 . 12:00 Eucaristia final e anúncio do local
do X Congresso Internacional de Maria Auxiliadora
13:00 . 14:00 Almoço e partida

Informações Úteis





Orientações do Santuário para os peregrinos:

1. Procure ter sempre à mão este roteiro uma vez que ele pode responder, imediatamente, a algumas das suas dúvidas;
2. Se tem dificuldade em orientar-se em Fátima, peça a alguém que o acompanhe ou procure fixar pontos de encontro;
3. Lembre-se de que se desloca a Fátima como peregrino. Procure ter um comportamento digno. Guarde silêncio, compostura e recolhimento. A sua condição de peregrino deve afastar qualquer tentativa de fazer apenas turismo;
4. No local onde se hospedar, procure ser sempre educado e compreensivo. Nestas alturas de grande afluência de pessoas surgem alguns problemas que só com diálogo e ponderação se podem resolver. Mostre que é verdadeiramente cristão imbuído do espírito salesiano;
5. Em Fátima, não dê esmola de ânimo leve. Prefira oferecê-las aos mais necessitados da sua terra, do seu bairro ou paróquia. Por vezes, surgem falsos indigentes;
6. Preste atenção a grupos de identificação duvidosa ou a pessoas que oferecem pagelas e autocolantes, a troco de dinheiro. Há, por vezes, grupos organizados que exploram a generosidade dos peregrinos apresentando falsas necessidades;
7. Se não se sente seguro, não ande sozinho;
8. Atenção aos valores que traz consigo. Nas grandes concentrações estão, por vezes, os carteiristas. Cuide dos seus objetos pessoais em qualquer local. Um simples esquecimento ou distração pode dar-lhe muitos dissabores.
9. Procure ter espírito de peregrino, pontualidade, ordem, respeito e promova o bom ambiente



Contactos de emergência

Número Nacional de Emergência . 112

Bombeiros Voluntários Fátima . 249 531 200

PSP – Polícia de Segurança Pública . 249 540 440

GNR – Guarda Nacional Republicana (Fátima) . 249 530 580

Centro de Saúde Ourém . 249 540 630

Centro de Saúde Fátima . 249 531 836

Centro Hospitalar de Leiria . 244 817 000

A stylized, monochromatic blue illustration of a woman in a sari. She is depicted from the waist up, with her hands clasped in front of her. The style is graphic and minimalist, using various shades of blue to create depth and shadow. The background is a solid dark blue.

dia 1
29. agosto

Cerimónia de Abertura

Saudações de:

Pe. Tarcízio Morais . Provincial de Portugal e Cabo Verde

Pe. Joan Lluís Playa . Delegado do RM para a FS

Irmã Lucrecia . Delegada da FS das FMA

Pe. Gabriel Cruz . Guia Espiritual ADMA

Renato Valera . Presidente Mundial ADMA

Festa dos jovens

Boa-noite do Vigário do Reitor-Mor



dia 2
30. agosto

Conferência sobre Fátima

Pe. Carlos Cabecinhas (Reitor)



O Pe. Carlos Cabecinhas é Reitor do Santuário de Fátima, desde 2011. Obteve, em 2008, o grau de Doutor pela Faculdade de Sagrada Liturgia do Pontifício Ateneu Santo Anselmo, com a tese *A Ciência Litúrgica como disciplina Universitária*. Manuel de Azevedo s.j. (1713-1796) e as primeiras Cátedras de ciência litúrgica, na qual obteve a classificação máxima.

Foi, durante vários anos, professor na Faculdade de Teologia da Universidade Católica, em Lisboa, e diretor do Departamento de Liturgia da Diocese de Leiria-Fátima.

Fátima: história e mensagem

Introdução

As aparições marianas ou mariofanias criam sempre alguma incomodidade aos teólogos que, por essa razão, de modo geral, não lhes dedicam particular atenção. Mesmo no campo da reflexão teológica sobre Maria, é frequente depararmo-nos com a ausência de uma reflexão teológica sobre este fenómeno. Tal desconfiança deve-se ao preconceito de que tais fenómenos nos desviam do essencial da fé cristã, detendo-se no que é secundário. Trata-se, porém, de um preconceito, que não resiste a uma avaliação objetiva.

No caso concreto de Fátima, a sua mensagem conduz precisamente ao essencial da fé cristã; “reflete, de diferentes pontos de vista, o próprio coração da revelação”¹. Na mensagem de Fátima e no testemunho dos três videntes há um “nexus mysteriorum”: ali entrecruzam-se as dimensões fundamentais da autocomunicação de Deus, Uno e Trino e da livre resposta de fé do homem e da mulher a ela². A mensagem de Fátima conduz-nos ao essencial da fé cristã e “permite-nos aprofundar a lógica mais radical da revelação do Deus Trindade: o amor de Deus que se manifesta como misericórdia para superar, a partir de dentro, os dramas da história humana”³.

Nesta breve apresentação, começaremos com a história de Fátima: do acontecimento e das suas interpretações. Num segundo momento, ocupar-nos-emos do conteúdo da mensagem e da espiritualidade que daí emerge.

História

Quanto à história, importa começar pelos acontecimentos que estão na origem do fenómeno Fátima.

As fontes fundamentais para o conhecimento das aparições são as seguintes:

- antes de mais, as *Memórias da Irmã Lúcia*, textos imprescindíveis, através dos quais, num relato na primeira pessoa, conhecemos a experiência dos videntes: LÚCIA DE JESUS, *Memórias*, Edição crítica de Cristina Sobral, Fátima, Santuário de Fátima, 2016;
- o testemunho da Irmã Lúcia não dispensa o contacto com os interrogatórios aos Videntes, em 1917: *Documentação Crítica de Fátima I: Interrogatórios aos videntes*, 2.ª edição, Fátima, Santuário de Fátima, 2013.

Um útil instrumento a quem desejar contactar com o acontecimento de cada uma das aparições, compilando e comparando criticamente as *Memórias da Irmã Lúcia* e os interrogatórios, bem como outra documentação relevante, é a obra do anterior responsável pelo Departamento de Estudos do Santuário Luciano Coelho Cristino: *As aparições de Fátima: reconstrução a partir dos documentos*, (2.ª edição, 2022).⁴

O Santuário de Fátima nasceu de um fenómeno sobrenatural – assim foi entendido pelos intervenientes e reconhecido como tal pela autoridade eclesial competente – constituído por um conjunto de hierofanias. Os videntes de Fátima foram três crianças: Lúcia, Francisco e Jacinta. Lúcia era prima dos dois irmãos Francisco e Jacinta. Eram naturais da aldeia de Aljustrel, da freguesia de Fátima, e dedicavam-se a pastorear o rebanho de ovelhas das suas famílias.

É relevante dizer o óbvio, pois frequentemente damos por conhecido aquilo que efetivamente o não é.

Na história de Fátima encontramos três ciclos de aparições:

- o ciclo das aparições do Anjo, em 1916;
- o ciclo das aparições marianas, em 1917, que constituem a parte mais importante das aparições de Fátima e foram explicitamente reconhecidas pela autoridade competente como “dignas de crédito”;
- e o ciclo cordimariano, que desenvolve, concretiza e complementa aspetos das aparições marianas; neste ciclo, a única vidente é Lúcia.

Em 1916 tiveram lugar as três aparições do Anjo, que se apresentou a si mesmo como “Anjo da Paz” e, posteriormente, também como “Anjo de Portugal”. A primeira aparição aconteceu na primavera, em data desconhecida, e nessa aparição, o Anjo ensinou aos Pastorzinhos uma oração. Meses depois, no verão, aconteceu a segunda aparição, na qual o Anjo exortou os videntes à oração e à reparação. No outono, o Anjo apareceu uma terceira vez, trazendo a comunhão eucarística aos videntes. Ensinou-lhes uma segunda oração, trinitária, de adoração.

No ano seguinte, em 1917, acontecem as seis aparições de Nossa Senhora, uma em cada mês, de maio a outubro.

A primeira aparição foi a 13 de maio, no lugar chamado Cova da Iria, onde atualmente se ergue o Santuário de Fátima. Nessa aparição, a Virgem Maria afirma que vem do Céu e diz aos pastorinhos: “Vim para vos pedir que venhais aqui seis mezes seguidos, no dia 13 a esta mesma hora, depois vos direi quem sou e o que quero” ⁵. Pe-de-lhes que rezem o terço todos os dias e este será o pedido mais vezes feito por ela, repetido em cada uma das seis aparições.

Na segunda aparição, a 13 de junho, Nossa Senhora prometeu levar os videntes Francisco e Jacinta para o Céu em breve, mas disse à Lúcia que ela deveria ficar mais tempo e confia-lhe uma missão: “Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração” ⁶.

A terceira aparição, em julho, é a célebre aparição do chamado “segredo de Fátima”, cuja terceira parte, que fala da perseguição à Igreja, só foi conhecido no ano 2000.

A quarta aparição foi a única que não aconteceu a 13 de agosto, porque o Administrador do Município – Vila Nova de Ourém – levou os pastorinhos, impedindo-os de estarem na Cova da Iria no dia 13, para os convencer a revelar-lhe o segredo. A aparição teve lugar nos Valinhos, perto de Aljustrel, no dia 19 de agosto.

A quinta aparição aconteceu a 13 de setembro, de novo na Cova da Iria.

Por fim, a sexta aparição, a 13 de outubro, é a aparição do milagre do sol, visto por uma multidão, entre 50.000 e 70.000 pessoas. Nessa aparição, Nossa Senhora apresenta-se como a Senhora do Rosário e pede: “quero dizer-te que façam aqui uma capela em minha honra”⁷. O Santuário de Fátima nasce deste pedido de Nossa Senhora: inicialmente, logo em 1919, é construída a Capelinha das Aparições, depois a Basílica de Nossa Senhora do Rosário, o amplo recinto de oração e, finalmente, a Basílica da Santíssima Trindade.

Houve ainda uma sétima aparição, mas teve caráter pessoal e não deve ser confundida com estas: tratou-se de uma aparição de Nossa Senhora a Lúcia, já depois da morte de Francisco e Jacinta, a 15 de junho de 1921. Lúcia preparava-se para deixar definitivamente Fátima.

Por fim, temos o ciclo cordimariano, de 1925 a 1929, quando Lúcia era já religiosa Doroteia e se encontrava em Espanha.

Em 1925, em Pontevedra, Nossa Senhora fala da devoção dos primeiros sábados de cada mês. Em 1929, em Tuy, uma nova aparição, é pedida a consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria.

Quando falamos de “mensagem de Fátima”, referimo-nos, antes de mais, aos conteúdos destas aparições; mas também ao testemunho de vida dos videntes, dois dos quais canonizados.

Desde as aparições de Nossa Senhora que as multidões passaram a marcar presença em Fátima. O período de 1919 a 1930 é o da construção do Santuário, da configuração das práticas culturais e disciplinação e organização das peregrinações.

Mas falemos também da história da interpretação de Fátima. Procurando simplificar um processo complexo, podemos identificar cinco fases no estudo e interpretação do acontecimento Fátima⁸. A pri-

meira fase assinala, logo depois das aparições, o período de inquéritos e o processo canónico de reconhecimento da autenticidade das aparições, concluído em outubro de 1930.

A segunda fase, apologética, começa em 1923, quando ainda decorre o processo canónico, e prolonga-se até aos anos 60 do século XX. É neste período que se publicam os primeiros documentos sobre Fátima, como as *Memórias da Irmã Lúcia* e outros textos relevantes. Esta fase apologética produziu uma leitura catequética da mensagem de Fátima, enquadrando-a no universo da doutrina católica, mas não ainda uma leitura especificamente teológica.

A terceira fase caracteriza-se pela abordagem teológico-pastoral, em ordem a conseguir uma sistematização doutrinal dos grandes temas fatimitas, e pelo rigor historiográfico no tratamento crítico das fontes. O arranque simbólico desta fase é assinalado pela entrega ao claretiano espanhol José Maria Alonso a missão de preparar uma história rigorosa de Fátima, a partir da documentação recolhida. É nesta fase que se lançam as bases para a publicação e tratamento crítico das fontes.

A fase seguinte, marca o início da colaboração regular da Universidade Católica Portuguesa com o Santuário, quer no tratamento da documentação, em ordem à sua publicação, quer na organização de congressos, que permitiram aprofundar as várias dimensões da mensagem de Fátima. É nesta fase que se inicia a publicação da Documentação Crítica de Fátima, iniciada em 1992 e concluída em 2013. No mesmo ano de 1992, por ocasião da celebração dos 75 anos das aparições, realizam-se dois congressos internacionais; e depois desses, muitos outros congressos permitiram aprofundar diversos aspetos e dimensões da mensagem de Fátima, criando as condições para uma leitura teológica mais rica da mensagem.

Atualmente, estamos no quinto período: a fase da síntese crítica de Fátima e da sua mensagem. Podemos dizer que esta fase se iniciou na celebração dos 90 anos das aparições, em 2007, com a realização de um congresso com o tema “Fátima para o Século XXI” e que pretendeu apresentar uma leitura global da história e mensagem de Fátima⁹. Nesse mesmo ano foi publicada uma outra obra de síntese: a *Enciclopédia de Fátima*¹⁰. Este período, que se estende até hoje,

caracteriza-se pela passagem “do paulatino abandono do discurso político sobre Fátima ao gradual aparecimento de sínteses interpretativas do fenómeno” ¹¹.

O Centenário das Aparições ofereceu a oportunidade para fazer o *status quaestionis* sobre a investigação acerca de Fátima, nas várias dimensões, e os anos que se lhe seguiram têm permitido dar continuidade a esse trabalho. Recordo dois congressos internacionais sobre Fátima, por ocasião do Centenário das Aparições, e que têm as suas atas publicadas:

- O Congresso Mariológico-Mariano Internacional da Pontifícia Academia Mariana Internacional, que se realizou aqui, em Fátima em 2016 ¹²;
- O Congresso Internacional do Centenário de Fátima ¹³, promovido pelo Santuário no ano seguinte.

Mensagem

Deixando a parte histórica, olhemos para os conteúdos fundamentais da Mensagem de Fátima.

No centro da mensagem de Fátima está o “evangelho da Trindade” ¹⁴. Nos gestos e nas palavras, quer do Anjo da Paz quer de Nossa Senhora,

“Deus revela-Se a Si mesmo no seu mistério trinitário suscitando uma resposta generosa de adoração, do dom de si e de reparação da parte dos pastorinhos [...] O acontecimento de Fátima coloca o acento sobre a representação de Deus como luz que ilumina todas as realidades, como Trindade que devemos adorar e amar” ¹⁵.

Assim, o essencial da mensagem de Fátima é “o despertar para a urgência de centrar radicalmente a nossa vida em Deus, como o único que deve ser amado e adorado” ¹⁶. O modo de nos falar de Deus, Santíssima Trindade, e de a Ele conduzir não são os conceitos teológicos ou o discurso especulativo, mas sim, o caminho da intensa experiência espiritual ¹⁷.

Ao tempo das Aparições, floresciam ideologias e regimes políticos apostados em afastar Deus definitivamente do horizonte da humanidade, num ateísmo militante e combativo. Hoje, mais insidioso do que esse combate declarado contra Deus, é a indiferença religiosa, a tendência a viver como se Deus não existisse. De forma mais ou menos discreta, pretende-se “apagar” qualquer sinal de Deus no espaço público, remetê-lo à clandestinidade. Neste contexto em que vivemos, a afirmação clara e inequívoca do primado de Deus, Santíssima Trindade, na vida dos crentes mantém toda a sua atualidade e urgência.

Porque o mistério pascal é o acontecimento culminante da história da revelação e da salvação, acontecimento no qual se realiza plenamente no mundo e se revela a paternidade de Deus a respeito do seu Filho único e de onde brota para o mundo o Espírito da filiação divina¹⁸, é importante destacar o “horizonte pascal da Mensagem de Fátima”, como o faz Eloy Bueno de la Fuente, que afirma:

“Embora esta perspectiva não tenha sido destacada nas publicações sobre Fátima, a melodia pascal ressoa com clareza: a luz, a beleza, a alegria acompanham a presença da Senhora. Ela deixa-se ver e escutar a partir da glória do Ressuscitado, à qual ela acedeu em corpo e alma”¹⁹.

O carácter pascal da mensagem de Fátima sublinha a centralidade de Jesus Cristo, sobretudo na sua presença eucarística. Mas este carácter cristocêntrico da Mensagem fica também patente na oração do Rosário, que nos conduz à meditação dos mistérios de Cristo, que têm no mistério pascal o seu centro e sentido pleno.

Ainda neste horizonte trinitário da Mensagem de Fátima, importa sublinhar uma dimensão pneumatológica e eclesial. Pouco depois da sua peregrinação ao Santuário da Cova da Iria, o Papa Bento XVI afirmou:

“Não há Igreja sem Pentecostes. E gostaria de acrescentar: não há Pentecostes sem a Virgem Maria. Foi assim no início, no Cenáculo [...] E é sempre assim, em todos os lugares e tempos. Disto também eu fui testemunha há poucos dias, em Fátima. O que viveu, de facto, aquela imensa multidão, na esplanada do Santuário, onde todos éramos realmente um só coração e uma só alma? Foi um renovado

Pentecostes. No meio de nós estava Maria, a Mãe de Jesus. É esta a experiência típica dos grandes Santuários marianos: onde quer que os cristãos se reúnam em oração com Maria, o Senhor doa o seu Espírito”²⁰.

A dimensão eclesial faz-se patente, de forma muito explícita, no chamado “Segredo”, na referência ao “Bispo vestido de branco” e à Igreja peregrina e mártir; e está implícita no pedido de Nossa Senhora de edificar, na Cova da Iria, uma capela, pois o edifício da igreja é sempre símbolo da Igreja de pedras vivas que aí se reúne para celebrar a presença de Jesus Cristo; e exprime-se na participação nas celebrações sacramentais, sempre expressões por excelência da Igreja.

A Mensagem de Fátima tem também uma clara dimensão sacramental, centrada sobretudo na Eucaristia. A mensagem de Fátima é profundamente eucarística. Se o ciclo angélico, em 1916, foi o “prelúdio eucarístico” da Mensagem, o ciclo cordimariano, sobretudo na aparição de Tui em 1929, constitui o seu “epílogo eucarístico”²¹.

É significativo notar que é no horizonte trinitário que se encontra o contexto próximo em que está inserida a dimensão eucarística da Mensagem de Fátima. A Eucaristia é sacramento eficaz não apenas da presença viva de Cristo, mas também da Santíssima Trindade e da nossa incorporação nesse mistério de comunhão salvífica. A Santíssima Trindade é origem e meta da Eucaristia: no Pai, pelo Filho, no Espírito está a fonte verdadeira e o ponto culminante de todo o mistério eucarístico²². É isso que sublinha a Mensagem de Fátima com particular veemência.

Por outro lado, além da Eucaristia, também a celebração do sacramento da Penitência e Reconciliação tem importância fundamental na Mensagem de Fátima. Nas aparições do Anjo e de Nossa Senhora, a conversão ocupa um lugar fundamental. Claro que a conversão não se reduz à celebração do sacramento da Penitência, mas encontra aí a sua mais importante expressão e realização sacramental. A própria peregrinação a Fátima é marcada por esta dimensão sacramental relativa à Penitência: toda a peregrinação autêntica é caminho de conversão, que aponta para a celebração do sacramento da Penitência.

Por fim, a dimensão mariana de Fátima é evidente. Segundo o testemunho dos videntes, Maria apresentou-se como a “Senhora do Rosário”, mostrou-se revestida de luz e espargindo a luz de Deus, e revelou o mistério do seu Imaculado Coração. O Pe. Alonso, grande estudioso de Fátima, considerava a revelação do Imaculado Coração de Maria a “alma da mensagem de Fátima”²³.

Desde as aparições do Anjo, em 1916, que a referência ao Imaculado Coração de Maria acompanha todas as aparições de Fátima. A partir da aparição de Nossa Senhora, em junho de 1917, torna-se elemento fundamental na Mensagem. Na aparição de junho, Nossa Senhora entrega à vidente Lúcia uma missão:

“Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração”. E faz-lhe uma promessa: “O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus”²⁴.

Nesta promessa estão sintetizados os dois aspetos mais relevantes da espiritualidade do Imaculado Coração de Maria: a intercessão de Maria e a sua exemplaridade. Na aparição de Nossa Senhora, em julho, a revelação aprofunda-se e, no contexto do Segredo, anuncia-se o triunfo final do seu Coração Imaculado. Nessa aparição, Nossa Senhora promete voltar novamente para pedir a comunhão reparadora dos primeiros sábados e a consagração da Rússia. O primeiro pedido foi feito na aparição de Pontevedra (Espanha), em 1925; o segundo, na aparição de Tui (Espanha), em 1929.

A invocação do Imaculado Coração de Maria compreende-se à luz do significado bíblico do “coração”. Na Bíblia, o coração é “sacramento” da pessoa, que manifesta a sua mais íntima e absoluta singularidade diante de Deus e diante uns dos outros. No Imaculado Coração de Maria, é todo o seu ser e mistério que é visado. O coração designa a própria pessoa da Virgem Maria; o seu “ser” íntimo e único; o centro e a fonte da sua vida interior: inteligência e memória, vontade e amor. No seu comentário teológico, à terceira parte do Segredo de Fátima, o então Cardeal J. Ratzinger, depois Papa Bento XVI, diz:

“O termo «coração», na linguagem da Bíblia, significa o centro da

existência humana, uma confluência da razão, vontade, temperamento e sensibilidade, onde a pessoa encontra a sua unidade e orientação interior. O «coração imaculado» é, segundo Mt 5, 8, um coração que a partir de Deus chegou a uma perfeita unidade interior e, conseqüentemente, «vê a Deus». Portanto, «devoção» ao Imaculado Coração de Maria é aproximar-se desta atitude do coração, na qual o *fiat* – «seja feita a vossa vontade» – se torna o centro conformador de toda a existência.”²⁵

Uma “Espiritualidade de Fátima”

As várias dimensões elencadas – trinitária, cristológica e pascal, pneumatológica e eclesial, sacramental e mariana –, são constitutivas de toda a verdadeira espiritualidade cristã e encontram-se na Mensagem de Fátima, permitindo-nos falar de uma verdadeira espiritualidade de Fátima.

Stefano De Fiore, ilustre professor de Teologia Espiritual e de Mariologia, comparando Fátima com a mensagem de outras aparições, destacava como marca da originalidade e especificidade de Fátima, entre outros aspetos, a espiritualidade: “das recomendações de práticas de piedade, oração e conversão, Nossa Senhora de Fátima passa a uma autêntica espiritualidade, condensada na devoção ou consagração ao seu Imaculado Coração”²⁶.

Segundo este autor, Fátima apresenta outras características originais, tais como a perspectiva histórica e política em que se coloca, a “solicitude pelo futuro” e não apenas pelo presente da vida da Igreja e do mundo, a “influência universal sobre a piedade dos fiéis e até dos bispos e dos papas”²⁷; mas é sobretudo a nível da espiritualidade que Fátima se destaca: “Fátima está mais além de um projeto simplesmente devocional, porque interessa à Virgem Santíssima fazer abraçar uma autêntica «espiritualidade mariana», expressa na consagração a Deus, mediante o Imaculado Coração”.²⁸

A espiritualidade de Fátima é uma espiritualidade mariana²⁹, que tem como traço mais característico a devoção ao Imaculado Coração de Maria, elemento que une às diversas dimensões da Mensagem.

Das dimensões elencadas emergem atitudes, que marcam a vivên-

cia espiritual a que a Mensagem de Fátima desafia. Destacaremos, de forma breve, algumas delas.

A adoração

A adoração é a atitude religiosa fundamental. Como atitude crente especificamente cristã, a adoração é sempre acolhimento da revelação de Deus como Trindade Santíssima. O cristão não adora uma qualquer força cósmica indeterminada, uma qualquer divindade impessoal: adora o Deus uni-trino, que vem ao seu encontro, que se lhe revela, manifestando o seu amor.

Na Mensagem de Fátima, a adoração ocupa um lugar de especial relevo e está diretamente ligada à dimensão trinitária e eucarística da Mensagem. As três aparições do Anjo centram-se na revelação do rosto trinitário de Deus, não de modo especulativo, mas doxológico³⁰, através da adoração. Aí, crer, esperar e amar são a forma, por excelência, da adoração, que “concentra em si mesma as três virtudes”³¹. Também nas aparições de Nossa Senhora, a adoração aparece como atitude fundamental. Na luz que irradia das mãos de Nossa Senhora, os Pastorinhos experimentam a presença de Deus, Santíssima Trindade, que os envolve completamente, e respondem com a adoração.

A adoração a Deus marca indelevelmente a vida dos videntes, não apenas enquanto gesto de oração, mas também como atitude existencial de dar a Deus o lugar central nas suas vidas.

A reparação

Uma outra atitude fundamental na espiritualidade de Fátima é a da reparação: a Mensagem de Fátima desafia à vivência de uma espiritualidade reparadora. A reparação surge, desde logo, nas aparições angélicas de 1916, assume um lugar de relevo nas aparições de Nossa Senhora e concretiza-se na resposta vital, dada pelos Pastorinhos de Fátima³².

A reparação, que percorre toda a Mensagem de Fátima e marca indelevelmente a sua espiritualidade, é teocêntrica e trinitária, como aparece de forma explícita nas orações ensinadas pelo Anjo, mas é

igualmente cristológica e eucarística; e é também explicitamente mariana: a atitude de reparação está intimamente unida ao lugar fundamental do Imaculado Coração de Maria, na espiritualidade de Fátima. A devoção dos primeiros sábados³³, especificamente fatimista e que “pode considerar-se um compêndio de toda a mensagem”³⁴ de Fátima, é uma concretização desta atitude reparadora para com Maria.

A reparação, na Mensagem de Fátima, está profundamente ligada à adoração. Adoração e reparação aparecem unidas e indissociáveis, na espiritualidade de Fátima.

Conversão e penitência

A espiritualidade de Fátima está ainda profundamente marcada pelo apelo veemente à conversão e à penitência. O pedido repetido para que os homens não ofendam mais a Deus, a tristeza de Nossa Senhora como expressão da não indiferença diante dos pecados cometidos, o apelo à oração e aos sacrifícios pelos pecadores marcam a Mensagem de Fátima do primeiro ao último momento. Na vida dos pequenos videntes, não apenas se verifica um autêntico movimento de conversão, que permite fazer um retrato diferente antes e depois das aparições³⁵, como a preocupação pela conversão dos pecadores os acompanhará permanentemente.

No seu comentário teológico à terceira parte do Segredo, o então Cardeal J. Ratzinger dizia: “A palavra-chave desta (terceira) parte do «segredo» é o tríplice grito: “Penitência, Penitência, Penitência!” Volta-nos ao pensamento o início do Evangelho: «Pænitemini et credite evangelio» (Mc 1, 15)”.³⁶

Solidariedade e compromisso com os irmãos

A um outro nível, a espiritualidade de Fátima também se exprime no compromisso para com os irmãos, como expressão de amor. O encontro com Deus, que é Amor, desperta nos Pastorinhos a própria capacidade de amar³⁷. Eloy Bueno de la Fuente recorda, a este propósito, que S. João da Cruz dizia que aos bem-aventurados parece-lhes pouco ir para o Céu sozinhos. Isso mesmo expressa Jacinta, na sua linguagem simples, em diálogo com Lúcia: quando esta lhe recordou que ela iria para o Céu, conforme prometera Nossa Senhora, Jacinta respondeu: "Pois vou [...] mas eu queria que tôda aquela gente para lá fosse também"³⁸. A Ir. Lúcia comentará mais tarde que, precisamente porque Deus é Amor, e porque só o amor nos pode unir a Deus, "este amor não se contenta com ser feliz; quer levar o próximo a partilhar com ele da mesma felicidade"³⁹.

Uma espiritualidade que vá beber a sua inspiração à Mensagem de Fátima tem necessariamente esta dimensão de solidariedade e de compromisso para com os irmãos. O Papa Bento XVI afirmou que Fátima é "uma escola de fé e de esperança, porque é, também, escola de caridade e de serviço aos irmãos"⁴⁰.

Conclusão: atualidade da mensagem de Fátima

Mais de um século depois das aparições de Fátima, a pergunta pela atualidade da sua Mensagem impõe-se. Depois de, no ano 2000, o Papa João Paulo II ter decidido revelar a terceira e última parte do chamado Segredo de Fátima, muitos foram os que anunciaram o fim do interesse por Fátima, por entenderem que era a curiosidade sobre o conteúdo daquele documento que mantinha as pessoas ligadas a Fátima. Por outro lado, parecia que a profecia contida no Segredo estava já plenamente realizada, pelo que se tornava inevitável a pergunta pelo interesse daqueles conteúdos.

Na sua peregrinação a este Santuário, em 2010, na homilia da missa do dia 13 de maio, o Papa Bento XVI afirmou:

"Iludir-se-ia quem pensasse que a missão profética de Fátima es-

teja concluída. Aqui revive aquele desígnio de Deus que interpela a humanidade desde os seus primórdios: «Onde está Abel, teu irmão? [...] A voz do sangue do teu irmão clama da terra até Mim» (Gn 4, 9). O homem pôde despoletar um ciclo de morte e terror, mas não consegue interrompê-lo... Na Sagrada Escritura, é frequente aparecer Deus à procura de justos para salvar a cidade humana e o mesmo faz aqui, em Fátima, quando Nossa Senhora pergunta: «Que-reis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele mesmo é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?» (*Memórias da Irmã Lúcia*, I, 162)“⁴¹.

Basta pensarmos no tema da paz, central na Mensagem de Fátima e hoje dramaticamente presente nas nossas vidas; no lugar da importância da oração, que o Papa Francisco escolheu como tema deste ano de preparação do Jubileu e que está no coração da Mensagem de Fátima; ou no lugar de Deus nas nossas vidas, neste tempo em que tantos contemporâneos nossos vivem como se Deus não existisse... para nos darmos conta da atualidade de Fátima e da sua Mensagem.

- 1** Eloy BUENO DE LA FUENTE, A Mensagem de Fátima. *A misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história*, 3.^a edição, Fátima, Santuário de Fátima, 2018, p. 17.
- 2** Cf. Salvatore M. PERRELLA, *Impronte di Dio nella storia. Apparizioni e Mariofanie*, Padova, Edizioni Messaggero di Padova, 2011, p. 20.
- 3** BUENO DE LA FUENTE, *A Mensagem de Fátima*, p. 17.
- 4** Luciano Coelho CRISTINO, *As aparições de Fátima: reconstrução a partir dos documentos*, Org. André Melícias – Marco Daniel Duarte – Sónia Vazão, Santuário de Fátima, 2.^a edição, 2022.
- 5** LÚCIA DE JESUS, *Memórias: Quarta Memória*, p. 229.
- 6** LÚCIA DE JESUS, *Memórias: Quarta Memória*, p. 231.
- 7** LÚCIA DE JESUS, *Memórias: Quarta Memória*, p. 235.
- 8** José Eduardo FRANCO, «Fátima, o milagre da interpretação – I: fases de abordagem gnoseológica», *Brotéria* 165 (2007) 345-356; José Eduardo FRANCO, «Fátima: o milagre da interpretação. O milagre do Sol: análise crítica da documentação», em *Congresso Internacional Fátima para o Século XXI*, Fátima 2008, 389-435 (aqui, 389-403); para uma abordagem crítica às várias propostas de periodização, cf. Marco Daniel DUARTE, «Epistemologia de Fátima: ouvir, narrar, ler e interpretar Fátima ao longo de um século», in Stefano M. CECHIN (Coord.), *Fatimensis eventus centum post anos. Historia, Nuntius et Praesentia. Acta Congressus Mariologici-Mariani Internationalis in civitate Fatima anno 2016 celebrati*, Pontificia Academia Mariana Internationalis, Città del Vaticano 2021, pp. 79-113; Marco Daniel DUARTE, «História e historiografia de Fátima: cem anos de tradução de um acontecimento histórico», in Marco Daniel DUARTE – Pedro Valinho GOMES (Coord.), *Pensar Fátima. Leituras interdisciplinares. Atas do Congresso Internacional do Centenário de Fátima*, Vol. I, Santuário de Fátima, Fátima 2021, pp. 19-38.
- 9** *Congresso Internacional Fátima para o Século XXI*, Fátima 2008.
- 10** Carlos M. AZEVEDO – L. CRISTINO (Coord.), *Enciclopédia de Fátima*, Estoril 2007.
- 11** Marco Daniel DUARTE, «História e historiografia de Fátima: cem anos de tradução de um acontecimento histórico», p. 35.
- 12** Stefano M. CECHIN (Coord.), *Fatimensis eventus centum post anos. Historia, Nuntius et Praesentia. Acta Congressus Mariologici-Mariani Internationalis in civitate Fatima anno 2016 celebrati*, Pontificia Academia Mariana Internationalis, Città del Vaticano 2021
- 13** Marco Daniel DUARTE – Pedro Valinho GOMES (Coord.), *Pensar Fátima. Leituras interdisciplinares. Atas do Congresso Internacional do Centenário de Fátima*, Vol. I e II,

Santuário de Fátima, Fátima 2021.

14 Bruno FORTE, «A Mensagem de Fátima e a Revelação», in *A Pastoral de Fátima. Actas do I Encontro Internacional sobre a Pastoral de Fátima*, Fátima, Santuário de Fátima 1993, p. 97.

15 Stefano DE FIORES, *O Segredo de Fátima. Uma luz sobre o futuro do mundo*, Apelação, 2008, p. 31

16 José Jacinto F. FARIAS, *Um fogo que arde, mas não queima. Um ensaio teológico sobre a Mensagem de Fátima, como contributo para a entender e viver hoje em Portugal*, Prior Velho, 2010, p. 69.

17 Cf. António MARTO, *A beleza do rosto trinitário de Deus na Mensagem de Fátima*, Coimbra, 2007, p. 16.

18 Cf. François-Xavier DURRWELL, *Nuestro Padre, Dios en su mistério*, Salamanca, Sígueme, 1992, p. 9.

19 BUENO DE LA FUENTE, *A Mensagem de Fátima*, p. 154.



20 Alocução *Regina Caeli*, 23 de maio de 2010 (acedido a 10/04/2024).

21 Cf. R. Schulte STAADÉ, «A adoração», in *A Pastoral de Fátima. Actas do I Encontro Internacional sobre a Pastoral de Fátima no 75.º Aniversário das Aparições*, Fátima, Santuário de Fátima, 1993, p. 111 (original alemão: p. 465-471). As expressões são do autor, mas não a periodização.

22 Cf. Manuel GESTEIRA GARZA, *La Eucaristia, misterio de comunión*, 5.ª edição,

Salamanca, Sígueme, 2006, p. 675.

23 Cf. Joaquín Maria ALONSO, «El corazón Imaculado de Maria, alma del mensaje de Fatima», *Ephemerides Mariologicae*, 22, 1972, pp. 240-303.

24 LÚCIA DE JESUS, *Memórias: Quarta Memória*, p. 231.

25 Joseph RATZINGER, «Comentário teológico», in CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *A mensagem de Fátima. O Segredo*, Lisboa, Paulinas, 2000, p. 49.

26 Stefano DE FIORES, «Mariologia e Fátima», in AZEVEDO, Carlos Moreira e CRISTINO, Luciano (coords.), *Enciclopédia de Fátima*, Cascais 2007, p. 337; cf. DE FIORES, *O Segredo de Fátima*, p. 28.

27 DE FIORES, «Mariologia e Fátima», pp. 337-338.

28 DE FIORES, *O Segredo de Fátima*, p. 64.

29 Sobre a presença de Maria na espiritualidade cristã e o sentido da expressão “espiritualidade mariana”, cf. Stefano DE FIORES, *Maria nella teologia contemporanea*, Roma, 3.ª edição, 1991, pp. 291-338; Johann G. ROTTEN, «How can Spirituality be Marian?», *Marian Studies*, 52, 2001, pp. 7-52; Cetina MILITELLO, «Una spiritualità per l’oggi: il modello mariale», *Credere Oggi*, n. 142, 2004/4, pp. 103-113; Juan ESQUERDA BIFET, *Espiritualidad Mariana. María en el corazón de la Iglesia*, Valencia, EDICEP, 2009.

30 Cf. MARTO, *A beleza do rosto trinitário de Deus*, p. 18.

- 31** João DUQUE, «Santíssima Trindade, adoro-Vos profundamente. O percurso temático para 2011-2012», in *Santíssima Trindade, adoro-Vos profundamente. Itinerário temático do Centenário das Aparições de Fátima, 1.º Ciclo*, Fátima, 2010, p. 18.
- 32** Cf. Stefano DE FIORES, «Reparação», in AZEVEDO, Carlos Moreira e CRISTINO, Luciano (coords.), *Enciclopédia de Fátima*, Cascais, Principia, 2007, pp. 475-480.
- 33** Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia*, n. 174; António Maria MARTINS, «A devoção reparadora dos primeiros sábados», in *Apelo e Resposta. Semana de Estudos sobre a Mensagem de Fátima*, Fátima, 1983, pp. 273-300; Augusto Ascenso PASCOAL, «Sábados, devoção dos primeiros», in AZEVEDO, Carlos Moreira e CRISTINO, Luciano (coords.), *Enciclopédia de Fátima*, Cascais, Principia, 2007, p. 504-505.
- 34** PASCOAL, «Sábados, devoção dos primeiros», p. 504.
- 35** Cf. Jeremias Carlos VECHINA, «A “conversão” dos videntes. Elementos de uma crítica teológica da credibilidade das aparições de Fátima», in *Fenomenologia e Teologia das Aparições. Actas do Congresso Internacional de Fátima (9-12 de Outubro de 1997)*, Fátima, Santuário de Fátima, 1998, pp. 517-530.
- 36** RATZINGER, «Comentário teológico», p. 50.
- 37** Cf. BUENO DE LA FUENTE, *A Mensagem de Fátima*, p. 220.
- 38** LÚCIA DE JESUS, *Memórias: Terceira Memória*, p. 189.
- 39** IRMÃ LÚCIA, *Como vejo a mensagem através dos tempos e dos acontecimentos*, Fátima 2007, p. 32.
-  **40** BENTO XVI, Audiência geral de 19 de maio de 2010 (acedido a 26-06-2024).
-  **41** BENTO XVI, Homilia, 13 de maio de 2010, Fátima (acedido em 26-06-2024).

Testemunhos

Maria Rita Scrimieri (*Beata Maria Alexandrina da Costa*)



Maria Rita Scrimieri, nasceu a 7 de abril de 1950.

É licenciada em Ciências Sociais, pela Universidade de Trento, e, em Psicologia, pela Universidade de Pádua. Trabalhou na área da psicologia clínica e da psicoterapia, no domínio do sofrimento mental.

Casada, desde 1987, partilhou com o marido, psiquiatra, a paixão pelos estudos e pelo trabalho no domínio da psicopatologia clínica, em psiquiatria. Maria Rita Scrimieri exerceu a sua profissão, tanto a nível hospitalar, como a nível privado, em Milão, até 2005.

Nos anos 90, graças aos escritos da mística portuguesa, e Salesiana Cooperadora, Beata Alexandrina Maria da Costa, Maria Rita Scrimieri aproximou-se do mundo da experiência mística cristã, o que a levou, também, a um caminho pessoal de conversão e de retorno à fé católica.

Salesiana Cooperadora, desde 1994, publicou, em 1999, *Come l'ape di fiore in fiore* (Elledici), que trata da obra de amor e reparação dos Tabernáculos abandonados na vida da Beata Alexandrina. Mais tarde publicou *O sorriso na cruz, uma Via Sacra com meditações* retiradas dos escritos da Beata Alexandrina.

Em 2001, com dois sacerdotes salesianos, Pe. Mozzanica e Pe. Montagnoli, fundou, em Milão, o Centro de Estudos "Opera dei Tabernacoli Viventi", dedicado à Salesiana Cooperadora Vera Grita, porta-voz da "Opera dei Tabernacoli Viventi".

Tendo ficado viúva, em 2009, Maria Rita dedicou-se a criar, em colaboração com a Província Portuguesa da Sociedade Salesiana, um centro Internacional de espiritualidade e acolhimento de peregrinos, em Balasar, terra natal da Beata Alexandrina. Em 2015, no bicentário do nascimento de Dom Bosco, o Centro foi parcialmente inaugurado.

Em 2017, editou o livro *Portami con te!* (Elledici), baseado nos cadernos originais de Vera Grita, relativos à "Opera dei Tabernacoli Viventi",

e, em 2018, publicou o livro *Vera Grita una mistica dell'Eucaristia* (Eledici), que teve por base o Epistolário completo de Vera Grita e dos três sacerdotes salesianos que a guiaram.

Maria Rita Scrimieri está, atualmente, a colaborar com a Postulação das Causas dos Santos da Família Salesiana, tendo em vista o lançamento da Causa de beatificação e canonização de Vera Grita, em Savona, a 22 de dezembro de 2019.

A sua vida desenrola-se, atualmente, entre Itália e Portugal.

Junifer – ADMA Filipinas

Maria Junifer L. Maliglig é membro ativo da Associação de Maria Auxiliadora, nas Filipinas – Província Norte.

Pertence ao Capítulo Auxilium, um centro local com sede no Santuário Nacional de Maria Auxiliadora, na cidade de Parañaque. Entrou para a ADMA, em 1985, durante os seus tempos de liceu.

Atualmente, Junifer é a presidente do Conselho Nacional, eleita em junho de 2023.

Alberta André – Berta

Alberta André (Berta) é catequista e membro da ADMA. Casada, mãe de cinco filhos biológicos, é natural de Malanje e animadora, assídua, da comunidade a que pertence.



Os Salesianos de Dom Bosco, que se encontram em Luanda desde 1993, vendo a desestruturação das famílias angolanas, fruto do conflito armado, da pobreza e de outros males, empenharam-se em proporcionar oportunidades para garantir uma vida digna às crianças, adolescentes e jovens que viviam na rua.

Convidada pelo Pe. Jorge Brandan (SDB), Berta aceitou fazer parte do projeto “Casa Família Mamãe Margarida”, cujo objetivo é apoiar crianças, adolescentes e jovens, em situação de vulnerabilidade.

Conferência

Pe. Andrea Bozzolo



Andrea Bozzolo é um sacerdote salesiano, licenciado em Letras Clássicas e em Teologia Sagrada.

Ensinou Teologia Dogmática na secção de Turim da Faculdade de Teologia da UPS, da qual foi, também, decano entre 2008 e 2017. Esteve ainda na Faculdade Teológica do Norte de Itália, em Milão, e no Instituto João Paulo II, em Roma.

Colaborou com o Conselho Pontifício para a Família e participou, como perito, na 15.ª e 16.ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. Atualmente, é professor de Teologia Dogmática, na Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, da qual se tornou Reitor Magnífico, em 2021.

As suas áreas de investigação são o sacramentário fundamental, a Teologia da pastoral matrimonial e familiar e a espiritualidade salesiana. As suas publicações recentes incluem *O Rito de Jesus. Temi di teologia sacramentaria*, LAS, Roma 2013, em colaboração com Marco Pavan; *La sacramentalità della Parola*, Queriniana, Brescia 2020; e *La cultura affettiva: cambiamenti e sfide*, LAS, Roma 2022.

O sonho dos nove anos: leitura teológica

A narração feita por Dom Bosco nas *Memórias do Oratório* sobre o sonho que teve aos nove anos de idade é um dos textos mais relevantes da tradição salesiana. Esta narração acompanhou de modo vital a transmissão do carisma, tornando-se um dos seus símbolos mais eficazes e uma das suas sínteses mais eloquentes. Por isso, o texto chega ao leitor que se reconhece nessa tradição espiritual com as características de uma página “sagrada”, que reivindica uma credibilidade carismática incomum e exerce uma consistente energia performática, que toca os afetos, passa à ação e gera identidade. Nela, de facto, os elementos constitutivos da vocação salesiana são, ao mesmo tempo, fixados de modo qualificado, como um testamento a ser consignado às gerações futuras, e reconduzidos,

por meio da misteriosa experiência do sonho, à sua origem transcendente. Como nas grandes páginas bíblicas, o movimento para a realização e a referência à Origem entrelaçam-se inseparavelmente na narração.

Com efeito, no acolhimento dos herdeiros, a narração exerceu uma história rica de efeitos, gerando uma verdadeira *communitas* de leitores, que se identificaram com a sua mensagem. São inúmeros⁴² os homens e as mulheres, consagrados e leigos, que nela encontraram inspiração para o discernimento da sua vocação e a realização do seu serviço educativo e pastoral. A amplitude desta história dos efeitos instrui, desde o início, aqueles que se preparam para analisar o texto sobre a delicadeza da operação hermenêutica que estão iniciando. Estudar este sonho significa não só investigar um evento ocorrido há cerca de duzentos anos na vida de um menino, mas intervir criticamente num vetor espiritual, num símbolo identificador, numa narração que, para o mundo salesiano, tem o peso de um “mito de fundação”. Uma narração não pode adquirir tal força geradora sem que haja uma razão profunda para isso, e o estudioso não pode deixar de se questionar para compreender a sua natureza.

Por outro lado, a história dos efeitos do sonho dizia respeito, mesmo antes dos herdeiros espirituais, à própria experiência do fundador. Dom Bosco narra que, desde a noite em que aconteceu, o sonho ficou-lhe “profundamente impresso na mente por toda a vida”,⁴³ tanto mais que foi “renovado em outras ocasiões de modo muito mais claro”,⁴⁴ sugerindo-lhe a direção da sua existência e orientando-o no cumprimento da sua missão. Ele também relembra nas *Memórias do Oratório* o estado de espírito que o acometeu quando, depois de se tornar padre e regressar à sua terra, na solenidade de *Corpus Christi* para celebrar ali uma das primeiras missas, chegara enfim ao vilarejo onde nascera:

Quando, porém, cheguei perto de casa e vi o lugar do sonho dos 9 anos, não pude conter as lágrimas e disse: “Quão maravilhosos os desígnios da Divina Providência! Realmente Deus tirou da terra um pobre menino para colocá-lo entre os príncipes do seu povo”⁴⁵.

Quando foi a Roma, em 1858, para tratar da fundação da Congregação e Pio IX “fez contar pormenorizadamente tudo quanto tivesse ainda que só a aparência de sobrenatural”, Dom Bosco expôs o sonho ao Papa, recebendo a ordem de “escrevê-lo literalmente e com pormenores, e deixá-lo como estímulo aos filhos da Congregação”.⁴⁶

Outra confirmação de que aquela experiência noturna permaneceu um ponto de referência essencial durante toda a vida de Dom Bosco pode ser encontrada num episódio bem documentado da velhice do santo.⁴⁷ Dom Bosco estava em Roma para a solene consagração da Igreja do Sagrado Coração, de cuja construção ele havia se encarregado a pedido de Leão XIII. Na manhã de 16 de maio de 1887, foi celebrar no altar de Maria Auxiliadora, mas durante a celebração viu-se obrigado a parar várias vezes, tomado por uma intensa comoção que o impedia até mesmo de falar. Quando regressou à sacristia e recuperou a calma habitual, o Pe. Viglietti, que o assistira durante a missa, interrogou o idoso sacerdote sobre o motivo das suas lágrimas, e ele respondeu: “Eu tinha [...] tão viva diante dos meus olhos a cena de então, quando eu tinha dez anos, sonhei com a Congregação, e via e ouvia tão bem os meus irmãos e a minha mãe a discorrer e questionar sobre o sonho que tive”.⁴⁸ Dom Bosco, já no fim da vida, finalmente compreendeu, em todo o seu significado, a mensagem que lhe fora comunicada no sonho como uma palavra aberta ao futuro: “A seu tempo, tudo compreenderás”. Ao relatar o episódio, Lemoyné observa: “Sessenta e dois anos de trabalho árduo, sacrifícios e lutas se passaram desde aquele dia, e um lampejo repentino revelava-lhe, na construção da Igreja do Sagrado Coração em Roma, o coroamento da missão que lhe fora misteriosamente anunciada no início da sua vida”.⁴⁹

Seja qual for a maneira de entender os contornos daquela experiência onírica infantil e de especificar os detalhes da sua narração, pode-se concordar plenamente com o que Stella diz sobre a importância que ela teve na consciência de Dom Bosco:

O sonho dos nove anos não foi para Dom Bosco como muitos outros que ele deve ter tido na infância. Além dos problemas relacionados com ele, ou seja, com a sua lembrança, com os textos que o transmitiram até nós; além da questão,

hoje insolúvel, sobre a época em que realmente aconteceu, e sobre as circunstâncias que possivelmente o provocaram e deram imediatamente as implicações fantásticas; além de tudo isso, resulta claro que Dom Bosco foi profundamente afetado por ele; ou melhor, transparece que ele deve tê-lo sentido como uma comunicação divina, como algo — ele mesmo diz — que tinha a aparência (os sinais e as garantias) do sobrenatural. Para ele, foi como um novo caráter divino indelevelmente impresso na vida.⁵⁰

O sonho dos nove anos, em suma, “condicionou todo o modo de viver e de pensar de Dom Bosco. E, em particular, o modo de sentir a presença de Deus na vida e na história do mundo”.⁵¹

Um comentário sobre os temas teológico-espirituais presentes no sonho dos nove anos poderia ter desdobramentos tão amplos que incluiria um tratado inteiro de “salesianidade”. Lido a partir da história dos seus efeitos, o sonho abre, de facto, inúmeros caminhos para aprofundar os aspetos pedagógicos e apostólicos que caracterizaram a vida de São João Bosco e a experiência carismática que teve origem nele. A natureza da nossa pesquisa e o seu lugar no interior de um projeto de pesquisa mais amplo impõem, no entanto, que nos limitemos a alguns elementos, concentrando-nos nos temas principais e sugerindo as linhas pelas quais podemos aprofundar a sua compreensão. Optámos, então, por concentrar a nossa atenção em cinco pistas de reflexão espiritual que se referem, respetivamente, (1) à missão oratoriana, (2) ao chamado ao impossível, (3) ao mistério do Nome, (4) à mediação materna e, enfim, (5) ao poder da mansidão.

1. A missão oratoriana

O sonho dos nove anos está repleto de meninos. Eles estão presentes da primeira à última cena e são os beneficiários de tudo o que acontece. A sua presença é marcada pela alegria e pela diversão típicas da sua idade, mas também pela desordem e por comportamentos negativos. Os meninos não são, portanto, no sonho dos nove anos, a imagem romântica de uma idade encantada, intocada pelos males do mundo, nem correspondem ao mito pósmoderno da

condição juvenil como uma época de ação espontânea e disposição perene a mudanças, que deveria ser preservada numa eterna adolescência. Os meninos do sonho são extraordinariamente “reais”, tanto quando aparecem com a sua fisionomia quanto quando são representados, simbolicamente, sob a forma de animais. Eles brincam e lutam, divertem-se rindo e arruinam-se dizendo blasfêmias, exatamente como fazem na realidade. Não parecem nem inocentes, como imaginados pela pedagogia da espontaneidade, nem capazes de ser mestres de si mesmos, como pensados por Rousseau. Desde o momento em que aparecem, num “pátio muito espaçoso”, que pressagia os grandes pátios dos futuros oratórios salesianos, eles *invocam a presença e a ação de alguém*. O gesto impulsivo do sonhador, entretanto, não é a intervenção adequada; é necessária a presença de um Outro.

Entrelaçada com a visão dos meninos está a aparição da figura cristológica, como agora podemos claramente chamá-la. Aquele que disse no Evangelho: “Deixai vir a mim os pequeninos” (Mc 10, 14), vem para indicar ao sonhador a atitude com que os meninos devem ser abordados e acompanhados. Ele surge majestoso, varonil, forte, com traços que enfatizam claramente o seu caráter divino e transcendente; o seu modo de agir é marcado pela segurança e pelo poder e manifesta uma plena autoridade sobre as coisas que acontecem. O homem venerando, no entanto, não instila medo, mas traz paz onde antes havia confusão e agitação; ele manifesta compreensão benevolente para com João, orientando-o pelo caminho da mansidão e de caridade.

A *reciprocidade* entre as duas figuras – os meninos, de um lado, e, do outro, o Senhor (depois acompanhado pela Mãe) – define os contornos do sonho. As emoções sentidas por João na experiência do sonho, as perguntas que faz, a tarefa que é chamado a realizar, o futuro que se abre diante dele estão plenamente relacionados com a dialética entre os dois polos. Talvez a mensagem mais importante que lhe foi transmitida pelo sonho, que ele provavelmente entendeu primeiro, porque ficou impressa na sua imaginação, mesmo antes de entendê-la de forma reflexiva, é que essas figuras se relacionam umas com as outras e que *ao longo da sua vida ele jamais poderá dissociá-las*. O encontro entre a vulnerabilidade dos jovens e o poder do Senhor, entre a necessidade de salvação por parte dos jovens

e a sua oferta de graça, entre o desejo deles de alegria e o seu dom de vida deve ser agora o centro dos seus pensamentos, o espaço da sua identidade. A partitura da sua vida será toda escrita na tonalidade proporcionada por esse tema gerador: modulá-la em todas as suas potencialidades harmónicas será a sua missão, na qual ele deve versar todos os seus dons de natureza e graça.

O dinamismo da vida de João aparece, portanto, no sonho-visão como um movimento contínuo, uma espécie de ir e vir espiritual, entre os meninos e o Senhor. Do grupo de meninos entre os quais ele se lançou impetuosamente, João deve permitir-se ser atraído pelo Senhor que o chama pelo nome e, em seguida, partir novamente d'Aquele que o envia e colocar-se à frente dos seus companheiros com estilo muito diferente. Mesmo que no sonho ele receba socos tão fortes dos meninos, que ainda sinta a sua dor quando acorda e que ouça palavras do homem venerando que o deixam sem palavras, seu ir e vir não é uma agitação inconclusiva, mas um caminho que o transforma gradualmente e faz chegar aos jovens uma energia de vida e de amor.

Que tudo isso aconteça num *pátio* é altamente significativo e tem um claro valor proléptico, já que, na missão de Dom Bosco, o pátio oratoriano será o lugar privilegiado e o símbolo exemplar. Todo o cenário é montado nesse ambiente, ao mesmo tempo vasto (pátio muito espaçoso) e familiar (perto de casa). O facto de a visão vocacional não ter como pano de fundo um lugar sagrado ou um espaço celeste, mas o ambiente em que os meninos vivem e brincam, indica claramente que a *iniciativa divina assume o mundo deles como lugar de encontro*. A missão confiada a João, mesmo que seja claramente dirigida em sentido catequético e religioso ("para instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude"), tem como *habitat* próprio o universo da educação. A associação da figura cristológica com o espaço do pátio e a dinâmica da diversão, que certamente um menino de nove anos não pode ter "construído", constitui uma *transgressão* do imaginário religioso mais comum, cuja força inspiradora é igual à profundidade dos mistérios. Ela realmente sintetiza, em si, toda a dinâmica do mistério da encarnação, pela qual o Filho assume a nossa forma para nos oferecer a Sua, e evidencia que não há nada de humano que deva ser sacrificado para dar lugar a Deus.

O pátio fala, portanto, da proximidade da graça divina ao “sentir” dos jovens: para acolhê-la não é preciso renunciar à própria idade, negligenciar as próprias necessidades, forçar os próprios ritmos. Quando Dom Bosco, já adulto, escreveu no *Jovem Instruído* que um dos truques do demônio é fazer com que os jovens pensem que a santidade é incompatível com o seu desejo de ser alegres e com o frescor exuberante da sua vitalidade, ele estava apenas retomando de forma madura a lição intuída no sonho e que depois se tornou um elemento central do seu magistério espiritual. Ao mesmo tempo, o pátio fala da necessidade de *entender a educação a partir do seu núcleo mais profundo*, que se refere à atitude do coração em relação a Deus. Ali, ensina o sonho, não está apenas o espaço de uma abertura original à graça, mas também o abismo da resistência, onde se escondem a feiura do mal e a violência do pecado. É por isso que o horizonte educativo do sonho é claramente religioso, e não apenas filantrópico, e põe em cena o simbolismo da conversão, e não apenas o da autorrealização.

No pátio do sonho, cheio de meninos e habitado pelo Senhor, revela-se a João o que será a futura dinâmica pedagógica e espiritual dos pátios oratorianos.

2. O apelo ao impossível

Enquanto o sonho termina em festa para os meninos, para João termina em desânimo e até mesmo em lágrimas. Este é um resultado que não pode deixar de ser surpreendente. É costume pensar, de facto, com alguma simplificação, que as visitas de Deus são exclusivamente portadoras de alegria e consolação. É paradoxal, portanto, que a cena vocacional termine em lágrimas para o apóstolo da alegria, para o homem que, como seminarista, fundou a “sociedade da alegria” e, como padre, ensinou aos seus filhos que a santidade consiste em “estar muito alegres”.

Isto pode indicar certamente que a alegria de que se fala não é puro lazer e simples despreocupação, mas uma ressonância interior à beleza da graça. Como tal, ela só pode ser alcançada por meio de batalhas espirituais exigentes, cujo preço Dom Bosco terá de pagar em grande parte pelo bem dos seus meninos. Assim, ele reviverá em si mesmo aquela troca de papéis enraizada no mistério pascal de Je-

sus e prolongada na condição dos apóstolos: “Nós, estultos por causa de Cristo; e vós, sábios em Cristo! Nós, fracos; e vós, fortes! Vós, honrados; e nós, desprezados!” (1 Cor 4, 10), mas, ao mesmo tempo, “queremos apenas contribuir para a vossa alegria” (2 Cor 1, 24).

A agitação que encerra o sonho lembra, todavia, sobretudo a sensação de vertigem sentida pelos grandes personagens bíblicos diante da vocação divina que se manifesta na sua vida, direcionando-a para um rumo totalmente imprevisível e desconcertante. O Evangelho de Lucas afirma que até mesmo Maria, diante das palavras do anjo, teve uma sensação de profunda agitação interior (“perturbou-se ela com essas palavras e pôs-se a pensar no que significaria semelhante saudação” Lc 1,29). Isaías sentira-se perdido diante da manifestação da santidade de Deus no templo (Is 6), Amós comparara ao rugido de um leão o poder da Palavra divina pela qual ele havia sido tomado (Am 3,8), enquanto Paulo experimentaria na estrada para Damasco a reviravolta existencial que vem do encontro com o Ressuscitado. Embora testemunhando o fascínio do encontro com um Deus que seduz para sempre, no momento do chamado, os homens bíblicos parecem mais hesitar temerosos diante de algo que os ultrapassa do que se lançar de cabeça na aventura da missão.

A agitação vivida por João no sonho parece ser uma experiência análoga. Ela decorre da natureza paradoxal da missão que lhe é designada, que ele não hesita em descrever como “impossível” (“Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?”). O adjetivo pode parecer “exagerado”, como às vezes são as reações das crianças, especialmente quando expressam um sentimento de inadequação diante de uma tarefa desafiadora. Esse elemento da psicologia infantil, porém, não é suficiente para iluminar o conteúdo do diálogo do sonho e a profundidade da experiência espiritual que ele comunica. Tanto mais que João tem uma verdadeira qualidade de líder e uma excelente memória, o que lhe permitirá, nos meses seguintes ao sonho, começar imediatamente a fazer um pouco de oratório, entretendo os seus amigos com jogos de acrobacia e repetindo, na íntegra, a pregação do pároco. Por isso, nas palavras com que ele declara sem rodeios ser “incapaz de falar de religião” com os seus companheiros, é bom ouvir o eco distante da objeção de Jeremias à vocação divina: “eu nem sei falar, pois que sou apenas uma criança” (Jr 1,6).

Não é no nível das qualidades naturais que se manifesta aqui o apelo pelo impossível, mas no nível do que pode ser incluído no horizonte do real, do que pode ser esperado com base na própria imagem do mundo, do que está dentro dos limites da experiência. Além desta fronteira, abre-se justamente a região do impossível que, no entanto, biblicamente, é o espaço do agir de Deus. Para Abraão é “impossível” ter um filho com uma mulher velha e estéril como Sara; é “impossível” para a Virgem conceber e dar ao mundo o Filho de Deus feito homem; aos discípulos parece ser “impossível” a salvação, se é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus. No entanto, Abraão ouviu a resposta: “Existe alguma coisa impossível ao Senhor?” (Gn 18,14); o anjo diz a Maria que “a Deus nada é impossível” (Lc 1,37); e Jesus responde aos discípulos incrédulos que “o que é impossível aos homens é possível a Deus” (Lc 18,27).

O lugar supremo onde surge a questão teológica do impossível é o momento decisivo da história da salvação, ou seja, o drama pascal, em que a fronteira do impossível a ser superado, é o mesmo abismo tenebroso do mal e da morte. Como é possível vencer a morte? Não é ela mesma o emblema perentório da impossibilidade, o limite intransponível de toda possibilidade humana, o poder que domina o mundo, indicando o seu xeque-mate? E a morte de Jesus não sela esse limite de forma irrevogável? “Com esta morte, mais do que com qualquer outra, a morte triunfa como fim de todas as possibilidades, pois com a morte do Santo trata-se da morte da possibilidade de tudo e de todos”.⁵² Entretanto, foi no próprio seio dessa suprema impossibilidade que Deus suscitou a novidade absoluta. Ao ressuscitar o Filho feito homem no poder do Espírito, Ele subverteu radicalmente o que chamamos de mundo do possível, rompendo o limite dentro do qual encerramos a nossa expectativa de realidade. Uma vez que nem mesmo a impotência da cruz pode impedir o dom do Filho, o impossível da morte é superado pelo inédito da vida ressuscitada, que dá origem à criação suprema e faz novas todas as coisas. De agora em diante e “uma vez por todas”, não é mais a vida que está sujeita à morte, mas a morte à vida.

É nesse espaço gerado pela ressurreição que o impossível se torna realidade efetiva, é nele que o homem venerando do sonho, res-

plandecente da luz da Páscoa, pede a João que torne possível o impossível. E o faz com uma fórmula surpreendente:

“Justamente porque te parecem impossíveis, deves torná-las possíveis com a obediência”.

Parecem as palavras com que os pais exortam os filhos, quando eles relutam em fazer algo que não se sentem capazes ou dispostos a fazer. “Obedece e verás que consegues”, dizem, então, a mãe ou o pai: a psicologia do mundo infantil é perfeitamente respeitada. Mas são também, e muito mais, as palavras com que o Filho revela o segredo do impossível, um segredo totalmente oculto na sua obediência. O homem venerando que ordena uma coisa impossível sabe, pela sua experiência humana, que a impossibilidade é o lugar onde o Pai trabalha com o seu Espírito, desde que a pessoa lhe abra a porta com a própria obediência.

João, obviamente, permanece perturbado e perplexo, mas essa é a atitude que o homem experimenta quando se depara com o impossível da Páscoa, quando se depara com o milagre dos milagres, do qual todos os outros eventos salvíficos são sinais. Depois de uma análise acurada da fenomenologia do impossível, J. L. Marion afirma: “Na manhã da Páscoa, somente o Cristo pode ainda dizer Eu, de modo que, diante d’Ele, todo Eu transcendental deve reconhecer-se como [...] um eu questionado, porque perplexo”.⁵³ A Páscoa faz com que o que existe de mais real na história é algo que o eu incrédulo considera *a priori* impossível. O impossível de Deus, para ser reconhecido na sua realidade, exige uma mudança de horizonte, que se chama fé.

Não surpreende, então, no sonho, que a dialética do possível-impossível esteja entrelaçada com outra dialética, a da claridade e da escuridão. Ela caracteriza, em primeiro lugar, a própria imagem do Senhor, cujo rosto é tão brilhante que João não consegue olhar para ele. Nessa face brilha, de facto, uma luz divina que, paradoxalmente, produz escuridão. Em seguida, há as palavras do homem e da senhora que, embora expliquem claramente o que João deve fazer, ainda assim o deixam confuso e assustado. Por fim, há uma ilustração simbólica, por meio da metamorfose de animais, que, no entanto, leva a uma incompreensão ainda maior. João só pode pedir

mais esclarecimentos: “pedi que falassem de maneira que pudesse compreender, porque não sabia o que significava tudo aquilo”, mas a resposta que obtive da senhora de aspecto majestoso adia o momento da compreensão: “A seu tempo, tudo compreenderás”.

Isso certamente significa que somente por meio da execução do que já é apreensível do sonho, ou seja, por meio da obediência possível, será aberto mais amplamente o espaço para esclarecer a sua mensagem. Este, de facto, não consiste simplesmente numa ideia a ser explicada, mas numa palavra performativa, uma locução eficaz, que justamente ao realizar o seu poder operativo manifesta o seu significado mais profundo.

Esta dialética luz e escuridão e a forma prática de acesso à verdade que lhe corresponde são os elementos que caracterizam a estrutura teologal do ato de fé. Crer é, na verdade, caminhar numa nuvem luminosa, que mostra ao homem o caminho a percorrer, mas ao mesmo tempo priva-o da possibilidade de dominá-lo com o olhar. Caminhar na fé é caminhar como Abraão, que “partiu sem saber para onde ia” (Hb 11,8); não, porém, no sentido de que partiu numa aventura, movendo-se ao acaso, mas no sentido de que partiu na obediência “para um lugar que deveria receber como herança”. Ele não podia conhecer de antemão a terra que lhe era prometida, porque a sua prontidão e entrega interior realmente contribuíram para que ela existisse como tal, como terra de encontro e aliança com Deus, e não apenas como espaço geográfico a ser alcançado de forma material. As palavras de Maria a João – “a seu tempo, tudo compreenderás” – não são, então, apenas um benevolente incentivo materno, como aquele que as mães dão a seus filhos quando não podem dar mais, mas contêm, de facto, a maior claridade que pode ser oferecida àqueles que devem caminhar na fé.

3. O mistério do Nome

Ao chegarmos a esse ponto da reflexão, estamos mais aptos a interpretar outro elemento importante da experiência onírica. Trata-se do facto de que no centro da dupla tensão entre possível e impossível e entre conhecido e desconhecido, e também, materialmente, no centro da narração do sonho, está o tema do nome misterioso do homem venerando. O denso diálogo da secção III é, de facto, entre-

laçado com perguntas que reiteram o mesmo tema: “Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?”; “Mas quem sois vós que assim falais?”; e, enfim: “Minha mãe diz que sem sua licença não devo estar com gente que não conheço; dissei-me, pois, vosso nome”. O homem venerando diz a João para perguntar o nome à sua mãe, mas, na verdade, ela não lhe dirá. Ele permanece até o fim envolto no mistério.

Já acenamos, na parte dedicada à reconstrução do pano de fundo bíblico do sonho, que o tema do nome está intimamente relacionado com o episódio da vocação de Moisés na sarça ardente (Ex 3). Essa página constitui um dos textos centrais da revelação do Antigo Testamento e estabelece as bases para todo o pensamento religioso de Israel. André LaCoque propôs chamá-la de “revelação das revelações” por ser o princípio de unidade da estrutura narrativa e prescritiva que qualifica a narração do Êxodo, a célula-mãe de toda a Escritura.⁵⁴ É importante notar como o texto bíblico articula em estreita unidade a condição de escravidão do povo no Egito, a vocação de Moisés e a revelação teofânica. A revelação do nome de Deus a Moisés não acontece como transmissão de uma informação a conhecer ou um dado a adquirir, mas como manifestação de uma presença pessoal, que entende despertar uma relação estável e gerar um processo de libertação. Neste sentido, a revelação do Nome divino orienta-se na direção da aliança e da missão.⁵⁵ “O Nome é ao mesmo tempo teofânico e performativo, pois aqueles que o recebem não são simplesmente introduzidos no segredo divino, mas são os destinatários de um ato de salvação”.

O nome, com efeito, diferentemente do conceito, não designa meramente uma essência a ser pensada, mas uma alteridade à qual referir-se, uma presença a invocar, um sujeito que se propõe como verdadeiro interlocutor da existência. Embora envolvendo o anúncio de uma incomparável riqueza ontológica, a do próprio Ser que jamais pode ser adequadamente definido, o facto que Deus se revele como um “Eu” indica que somente através da relação pessoal com Ele será possível ter acesso à Sua identidade, ao Mistério do Ser que Ele é. A revelação do nome pessoal é, pois, um ato vocal que interpela o destinatário, pedindo-lhe para situar-se diante de quem fala. Somente assim é possível colher o seu significado. Essa revelação é também explicitamente estabelecida como fundamento da mis-

são libertadora que Moisés deve cumprir: “Eu sou envia-me junto de vós” (Ex 3,14). Apresentando-se como um Deus pessoal, e não como um Deus vinculado a um território, e como o Deus da promessa, e não puramente como o Senhor da imutável repetição, Yahwé poderá sustentar o caminho do povo, a sua viagem rumo à liberdade. Ele tem, portanto, um nome que se torna conhecido enquanto suscita aliança e move a história.

Entretanto, esse nome só será totalmente revelado por meio de Jesus. A chamada oração sacerdotal de Jesus, que lemos em Jo 17, identifica a revelação do nome de Deus como o coração da missão cristológica (v. 6, 11, 12, 26). Nessa página, como afirma Ratzinger,

“O próprio Cristo aparece para nós quase como a sarça ardente, da qual o nome de Deus flui sobre os homens”.⁵⁶

N’Ele, Deus torna-se totalmente invocável, pois n’Ele entrou plenamente em coexistência conosco, habitando a nossa história e conduzindo-a ao seu êxodo definitivo. O paradoxo aqui é que o nome divino revelado por Jesus coincide com o próprio Mistério da sua pessoa. Jesus, de facto, pode atribuir a si mesmo o nome divino — “Eu sou” — revelado a Moisés na sarça. O nome divino é assim revelado na sua inimaginável profundidade trinitária, cujo Mistério somente o evento pascal manifestará na sua plenitude. Pela sua obediência até a morte na cruz, Jesus é exaltado na glória e recebe um nome que está acima de qualquer outro nome, de modo que diante d’Ele todo joelho se dobre, nos céus, na terra e debaixo da terra. Então, somente no nome de Jesus há salvação, porque na Sua história Deus realizou plenamente a revelação do Seu próprio mistério trinitário.

“Dizei-me, pois, vosso nome”: o pedido de João não pode ser respondido simplesmente com uma fórmula, um nome entendido como um rótulo exterior da pessoa. Para conhecer o Nome daquele que fala no sonho, não basta receber uma informação, mas é preciso tomar uma posição diante da sua fala. Ou seja, é necessário entrar em relação de intimidade e entrega que os Evangelhos descrevem como “permanecer” junto d’Ele. Por isso, quando os primeiros discípulos questionam Jesus sobre sua identidade — “Mestre, onde moras?” ou literalmente “onde permaneces?” — Ele responde: “Vinde e vede” (Jo 1, 38). Só “permanecendo” com Ele, habitando

no seu mistério, entrando na sua relação com o Pai, é que se pode realmente saber quem Ele é.

O facto de o personagem do sonho não responder a João com um apelativo, como nós faríamos ao apresentar o que está escrito no nosso documento de identidade, indica que o seu nome não pode ser conhecido como designação puramente exterior, mas só mostra a sua verdade quando sela uma experiência de aliança e de missão. João, portanto, conhecerá aquele Nome próprio atravessando a dialéctica do possível e do impossível, da claridade e da escuridão; ele O conhecerá realizando a missão oratoriana que lhe foi confiada. Ele O conhecerá, portanto, carregando-O dentro de si, graças a uma história vivida como história habitada por Ele. Um dia, Cagliero testemunhará sobre Dom Bosco que o seu modo de amar era “muito terno, grande, forte, mas todo espiritual, puro, verdadeiramente casto”, tanto que “dava uma ideia perfeita do amor que o Salvador tinha para com os meninos”.⁵⁷ Isso indica que o nome do homem venerando, cujo rosto era tão luminoso que ofuscava a vista do sonhador, entrou realmente como um sigilo na vida de Dom Bosco. Ele teve a *experientia cordis* [experiência do coração] através do caminho da fé e da sequela. Esta é a única forma pela qual a pergunta do sonho podia encontrar uma resposta.

4. *A mediação materna*

Na incerteza sobre Aquele que o envia, o único ponto firme ao qual João pode se apoiar no sonho é a referência a uma mãe, ou melhor, a duas mães: a do homem venerando e a sua própria. As respostas às suas perguntas, de facto, soam assim:

“Sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia” e, depois, “o meu nome, pergunta-o a minha Mãe”.

Que o espaço do esclarecimento possível seja mariano e materno é, sem dúvida, algo que merece uma reflexão. Maria é o lugar onde a humanidade percebe a mais alta correspondência com a luz que vem de Deus e o espaço da criatura em que Deus entregou ao mundo a sua Palavra que se fez carne. Também é indicativo que, ao despertar do sonho, quem entende melhor o seu significado e o seu

alcance é Margarida, a mãe de João. Em níveis diferentes, mas de acordo com uma analogia real, a Mãe do Senhor e a mãe de João representam a face feminina da Igreja, que se mostra capaz de intuição espiritual e constitui o ventre no qual as grandes missões são geradas e dadas à luz.

Não deve surpreender, então, que as duas mães estejam justapostas uma à outra e exatamente no ponto em que se trata de chegar ao fundo da questão apresentada pelo sonho, ou seja, o conhecimento d'Aquele que confia a João a missão de uma vida. Assim como com o pátio perto da casa, também com a mãe, na intuição do sonho, os espaços da experiência mais familiar e quotidiana abrem-se e mostram uma profundidade insondável. Os gestos comuns da oração, a saudação angélica, habitual três vezes por dia em todas as famílias, aparecem improvisamente por aquilo que são: um diálogo com o Mistério. João descobre, assim, que na escola da sua mãe ele já estabeleceu um vínculo com a Senhora de aspeto majestoso, que pode explicar-lhe tudo. Já existe, então, uma espécie de via feminina que permite superar a aparente distância entre “um menino pobre e ignorante” e o homem “nobrememente vestido”. A mediação feminina, mariana e materna acompanhará João ao longo de toda a vida e desenvolverá nele uma disposição especial para venerar a Virgem com o título de Auxílio dos Cristãos, tornando-se apóstolo d'Ela para os seus meninos e para toda a Igreja.

O primeiro auxílio oferecido por Nossa Senhora é o que uma criança naturalmente precisa: o de uma mestra. O que ela tem a ensinar-lhe é uma disciplina que torna a pessoa verdadeiramente sábia, “sem a qual toda sabedoria se converte em estultice”.

Trata-se da disciplina da fé, que consiste em dar crédito a Deus e obedecer mesmo diante do impossível e do obscuro. Maria transmite-a como a mais alta expressão de liberdade e como a mais rica fonte de fecundidade espiritual e educativa. Trazer em si o impossível de Deus e caminhar na escuridão da fé é, de facto, a arte em que a Virgem se sobressai acima de todas as criaturas.

Ela fez disso uma árdua aprendizagem em sua *peregrinatio fidei* [peregrinação da fé], marcada não raramente pela escuridão e incom-

preensão. Basta pensar no episódio em que Jesus, aos doze anos, foi encontrado no Templo (Lc 2,41-50). À pergunta da mãe: “Meu filho, que nos fizeste? Eis que teu pai e eu andávamos à tua procura, cheios de aflição”, Jesus responde de forma surpreendente: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?”. E o evangelista observa: “Eles, porém, não compreenderam o que ele lhes dissera”. É muito menos provável que Maria tenha entendido quando a sua maternidade solenemente anunciada do alto foi, por assim dizer, expropriada dela para ser uma herança comum da comunidade dos discípulos: “Todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mt 12,50). Enfim, aos pés da cruz, quando a escuridão se abateu sobre toda a terra, o “eis-me aqui” pronunciado no momento do chamamento assumiu os contornos de uma renúncia extrema, de uma separação do Filho em cujo lugar ela deveria receber os filhos pecadores, pelos quais deixasse que seu coração fosse trespassado pela espada.

Quando, então, a senhora de aspeto majestoso do sonho inicia a sua tarefa de mestra e, colocando a mão na cabeça de João, diz-lhe: “A seu tempo tudo compreenderás”, ela tira essas palavras das entranhas espirituais da fé que, aos pés da cruz, fez dela a mãe de todos os discípulos. Sob a sua disciplina, João deverá permanecer ao longo da vida toda: como jovem, como seminarista, como sacerdote. De modo especial, deverá permanecer ali quando a sua missão assumir contornos que não podia imaginar no momento do sonho; isto é, quando deverá ser, no coração da Igreja, o fundador de famílias religiosas destinadas à juventude de todos os continentes. Então João, que agora se tornou Dom Bosco, compreenderá também o significado mais profundo do gesto com que o homem venerando lhe deu a sua mãe como “mestra”.

Quando um jovem entra numa família religiosa, encontra para acolhê-lo o mestre de noviciado, a quem é confiado para ser introduzido no espírito da Ordem e ajudá-lo a assimilá-lo. Quando se trata de um fundador, que deve receber do Espírito Santo a luz originária do carisma, o Senhor dispõe que a mestra seja a sua mesma mãe, a Virgem de Pentecostes e modelo imaculado da Igreja. Com efeito, somente ela, a “cheia de graça”, compreende todos os carismas a partir de dentro, como alguém que conhece todas as línguas e as fala como se fossem suas.

A senhora do sonho sabe, de facto, como lhe indicar, de maneira precisa e adequada, as riquezas do carisma oratoriano. Ela não acrescenta nada às palavras do Filho, mas ilustra-as com a cena dos animais selvagens que se tornaram mansos cordeiros e com a indicação das qualidades que João deverá amadurecer para cumprir a sua missão: “humilde, forte, robusto”. Nesses três adjetivos, que indicam o vigor do espírito (humildade), do carácter (força) e do corpo (robustez), há uma grande concretude. São os conselhos que daria a um jovem noviço quem tem uma longa experiência no oratório e sabe o que é exigido pelo “campo” em que se deve “trabalhar”. A tradição espiritual salesiana conservou cuidadosamente as palavras deste sonho que se referem a Maria. As Constituições Salesianas fazem clara alusão a ela quando dizem: “A Virgem Maria indicou a Dom Bosco o seu campo de ação entre os jovens”,⁵⁸ ou recordam que “guiado por Maria que lhe foi Mestra, Dom Bosco viveu, no encontro com os jovens do primeiro Oratório, uma experiência espiritual e educativa a que chamou Sistema Preventivo”.⁵⁹

Dom Bosco reconheceu em Maria um papel decisivo na seu sistema educativo, vendo na sua maternidade a mais elevada inspiração do que significa “prevenir”.

O facto de Maria intervir, desde o primeiro momento da sua vocação carismática e desempenhar um papel tão central neste sonho, fará com que Dom Bosco perceba para sempre que ela pertence às raízes do carisma e que, onde esse papel inspirador não for reconhecido, o carisma não será compreendido na sua genuinidade. Dada como Mestra a João neste sonho, ela também deverá sê-lo para todos os que partilham a sua *vocação* e a sua missão. Como os sucessores de Dom Bosco jamais se cansaram de afirmar, “sem o concurso materno e ininterrupto de Maria, a Vocação Salesiana é inexplicável no seu nascimento, no seu desenvolvimento, e sempre”.⁶⁰

5. A força da mansidão

“Não é com pancadas, mas com a mansidão e a caridade que verás ganhar esses teus amigos”. Essas palavras são, sem dúvida, a expressão mais conhecida do sonho dos nove anos, aquela que, de alguma forma, resume a sua mensagem e transmite a sua inspi-

ração. São também as primeiras palavras que o homem venerando diz a João, interrompendo os seus esforços violentos para pôr fim à desordem e à blasfêmia dos seus companheiros. Não é apenas uma fórmula que transmite uma sentença sapiencial sempre válida, mas uma expressão que especifica o modo de executar uma ordem (“mandou que me pusesse à frente daqueles meninos, acrescentando estas palavras”) com que, como se disse, é redirecionado o movimento intencional da consciência do sonhador. O ardor das pancadas deve transformar-se em arrojo de caridade, a energia transtornada de uma intervenção repressiva deve dar lugar à mansidão.

O termo “mansidão” passa a ter aqui um peso considerável, o que é ainda mais impressionante quando se considera que o adjetivo correspondente será usado no final do sonho para descrever os cordeiros que faziam festa ao redor do Senhor e de Maria. O cotejo sugere uma observação que não parece sem relevância: *para que aqueles que eram animais ferozes se tornem “mansos” cordeiros é preciso que, antes de tudo, o seu educador seja manso*. Ambos, embora de pontos de partida diferentes, devem passar por uma metamorfose para entrar na órbita cristológica da mansidão e da caridade. Para um grupo de meninos agitados e rebeldes, é fácil entender o que essa mudança exige. Para um educador, talvez isso seja menos evidente. Ele, de facto, já se coloca na vertente da bondade, dos valores positivos, da ordem e da disciplina: que mudança lhe pode ser exigida?

Surge aqui um tema que terá um desenvolvimento decisivo na vida de Dom Bosco, antes de tudo ao nível de estilo de ação e, em certa medida, também ao nível de reflexão teórica. Trata-se da orientação que leva Dom Bosco a *excluir categoricamente um sistema educativo baseado na repressão e no castigo*, para escolher, com convicção, um método que se baseia inteiramente na caridade e que Dom Bosco chamará de “Sistema Preventivo”. Além das diversas implicações pedagógicas que derivam dessa escolha, para as quais remetemos a rica bibliografia específica, interessa destacar aqui a dimensão teológico-espiritual que subjaz a essa orientação, da qual as palavras do sonho constituem, de alguma forma, a intuição e o gatilho.

Colocando-se do lado do bem e da “lei”, o educador pode ser tentado a definir a sua ação com os meninos de acordo com uma lógica que tenha em mira a ordem e a disciplina essencialmente por meio

de regras e normas. No entanto, até mesmo a lei carrega em si uma ambiguidade que a torna insuficiente para orientar a liberdade, não apenas por causa dos limites que toda regra humana tem em si, mas por causa de um limite que é, em última análise, de ordem teológica. Toda a reflexão paulina é uma grande meditação sobre este tema, pois Paulo havia percebido, na sua experiência pessoal, que a lei não o havia impedido de ser “blasfemo, perseguidor e violento” (1Tm 1,13). A própria Lei dada por Deus, ensina a Escritura, não é suficiente para salvar o homem, a menos que haja outro princípio pessoal que a integre e internalize no coração humano. Paul Beauchamp resume oportunamente essa dinâmica quando afirma: “A Lei é precedida por um És amado e seguida por um *Amarás*. És amado: o fundamento da Lei, e *Amarás*: a sua superação.”⁶¹ Sem esse fundamento e essa superação, a lei carrega em si os sinais de uma violência que revela a própria inadequação para gerar o bem que ela também exige cumprir. Voltando à cena do sonho, os socos e as pancadas que João dá em nome do sacrossanto mandamento de Deus, que proíbe a blasfêmia, revelam a insuficiência e a ambiguidade de todo arrojo moralizador que não seja interiormente alterado desde o alto.

É necessário, então, que João e os demais que aprenderão com ele a espiritualidade preventiva se convertam a uma lógica educativa sem precedentes, que vai além do regime da lei. Esta lógica só é possível graças ao Espírito do Ressuscitado, derramado nos nossos corações. Somente o Espírito permite passar da justiça formal e exterior (seja a clássica da “disciplina” e da “boa conduta”, seja a moderna dos “procedimentos” e dos “objetivos alcançados”) à verdadeira santidade interior, que realiza o bem por ser atraída e conquistada interiormente. Dom Bosco demonstrou ter essa consciência quando, nos seus escritos sobre o Sistema Preventivo, declarou claramente que tudo se baseava nas palavras de São Paulo: “*Charitas benigna est, patiens est; omnia suffert, omnia sperat, omnia sustinet*”.

Só a caridade teológica, que nos torna participantes da vida de Deus, é capaz de imprimir na obra educativa o traço que realiza a sua singular qualidade evangélica. Não é por acaso que o Novo Testamento identifica a mansidão e a doçura como os traços distintivos da “sabedoria que vem do alto”: ela é “primeiramente pura, depois pacífica, condescendente, conciliadora, cheia de misericórdia e de bons

frutos, sem parcialidade, nem fingimento” (*Tg* 3,17). Por isso, para aqueles que a praticam, fazendo obra de paz, “é semeado um fruto de justiça” (cf. *Tg* 3,18). A “mansidão” ou, na linguagem salesiana, a “*amorevolezza*-bondade”, que caracteriza essa sabedoria, é o sinal qualificador do coração que passou por uma verdadeira transformação pascal, deixando-se despojar de toda forma de violência.

“Não é com pancadas”: a força deste imperativo inicial, ao qual talvez tenhamos feito ouvidos moucos para compreender o seu caráter injuntivo, destaca-se como um eco das palavras mais fortes do Evangelho: “Eu, porém, vos digo: não resistais ao mau” (*Mt* 5,39) ou “Embainha tua espada” (*Mt* 26,52; cf. *Jo* 18,11). Refere-se a um dos traços que qualificam a novidade sem precedentes do evento cristão, que é *a forma absoluta da sua pretensão de verdade expressa exclusivamente na forma de ágape*, ou seja, na entrega de si mesmo pela vida do outro. A partir das palavras iniciais do sonho, chegamos ao cerne da revelação cristã, onde se trata da autêntica Face de Deus e da conversão que isso envolve. O “estilo” da educação cristã, a sua capacidade de gerar práticas e atitudes verdadeiramente enraizadas no evento cristológico, é desempenhado precisamente na correspondência com aquela Face.

A gramática religiosa por si só não é capaz de honrá-lo. O evento de Jesus mostra claramente que, mesmo dentro dessa gramática, com os seus códigos e rituais, as suas regras e instituições, pode enraizar-se alguma coisa que não vem de Deus e que, de facto, resiste e se opõe a Ele. O evento cristológico vem precisamente para explodir essas contradições internas na prática do sagrado, à medida que os filhos de Adão o transmitem a seus filhos, adaptando-o aos seus padrões de justiça e punição; prontos, em nome da Lei, para apedrejar a adúltera e crucificar o Santo de Deus.

Diante dessa forma distorcida de entender a religião, Jesus veio inaugurar outro Reino, do qual ele é o Senhor e cuja entrada messiânica em Jerusalém revela emblematicamente a lógica. Entrando na Cidade Santa no lombo de um jumento, Jesus apresenta-se como o rei-messias que não conquista os homens com armas e exércitos, mas apenas com a força suave da verdade e do amor. O dom da sua vida, que Ele fará na cidade de Davi, é a única maneira pela qual o Reino de Deus pode vir ao mundo. A sua mansidão como Cordeiro

Pascal é o único poder com o qual o Pai deseja conquistar o nosso coração, mostrando a credibilidade da relação e a integridade da contrapartida.

“Não é com pancadas, mas com a mansidão e a caridade que deverás ganhar esses teus amigos”. Ler essas palavras com o pano de fundo da revelação do Evangelho é reconhecer que, por meio delas, um movimento interior é transmitido a João que, em sua genuinidade incontaminada, só pode surgir do Coração de Cristo.⁶² “Não é com pancadas, mas com a mansidão” é a tradução educativa do estilo “personalíssimo” de Jesus.

Naturalmente, “ganhar” os jovens dessa forma é uma tarefa muito exigente. Implica não ceder à frieza de uma educação baseada apenas em regras, nem à bondade de uma proposta que renuncia a denunciar a “fealdade do pecado” e apresentar a “preciosidade da virtude”. Conquistar o bem simplesmente mostrando o poder da verdade e do amor, testemunhado pela dedicação “até o último suspiro”, é a figura do método educativo que é, ao mesmo tempo, uma verdadeira e própria espiritualidade.

Não é de admirar que João resista, no sonho, a entrar nesse movimento e peça uma compreensão clara de quem o está a transmitir. Quando, porém, ele tiver entendido, fazendo dessa mensagem primeiro uma instituição oratoriana e depois também uma família religiosa, pensará que narrar o sonho, em que aprendeu essa lição, será a maneira mais bela de partilhar com os seus filhos o significado mais autêntico da sua experiência. *Foi Deus quem guiou todas as coisas, foi Ele mesmo quem produziu o movimento inicial* do que viria a ser o carisma salesiano.



42 Tradução: Dom Hilário Moser (parágrafos 2.1 e 2.2.) e P. José Antenor Velho.

Observações: 1. as citações bíblicas de (QR code); e 2. os textos das *Memórias do Oratório*, tradução de Fausto Santa Catarina. Brasília: Editora Dom Bosco, 2012.

43 MO, p. 28-30.

44 MO, p. 79. O texto completo diz: “Ia-se aproximando o fim do ano de retórica, época na qual os estudantes costumam decidir a própria vocação. O sonho de Murialdo estava gravado em minha memória; havia-se até renovado de maneira muito mais clara, e assim, se lhe quisesse dar fé, devia optar pelo estado eclesiástico, ao qual justamente me sentia inclinado. Porém, a pouca fé nos sonhos, meu estilo de vida, certos hábitos do meu coração e a falta absoluta das virtudes necessárias para esse estado tornavam duvidosa e bastante difícil a decisão nesse sentido”.

45 MO, p. 112-113

46 MO, p. 30. A primeira visita de Dom Bosco a Roma aconteceu entre 21 de fevereiro e 14 de abril de 1858. Ele encontrou o Papa várias vezes, nos dias 9, 21 (ou 23) de março e em 6 de abril. Segundo Lemoyne, foi no segundo encontro (21 de março) que o Papa ouviu a narração do sonho e ordenou a Dom Bosco que a redigisse. Sobre essa viagem, cf. P. BRAIDO. Dom Bosco padre dos jovens no século da liberdade. São Paulo: Editora Salesiana, 2008, 1, p. 391s.

47 Stella afirma que temos “testemunhos sólidos” deste acontecimento (PST1, p. 32).

48 C. M. Viglietti, *Cronaca di Dom Bosco. Prima redazione* (1885-1888). Introdução, texto crítico e notas por Pablo Marin Sánchez. Roma: LAS, 2009, p. 207.

49 MB XVIII, p. 341.

50 PST1, p. 30.

51 PST1, p. 31s.

52 J. L. Marion, *Nulla è impossibile a Dio*, “Communio” n. 107 (1989), p. 57-73, 62.

53 *Ibid*, p. 72.

54 A. LaCoque. *La révélation des révélations: Exode 3,14*. In: P. Ricoeur; A. LaCoque. *Penser la Bible*. Paris: Seuil, 1998, p. 305.

55 Com relação ao Ex 3,15, onde o Nome divino está unido ao singular humano “tu dirás”, A. LaCoque afirma: “O maior dos paradoxos é que aquele que tem o direito de dizer “Eu”, que é o único ‘*ehjeh*, tem

56 J. Ratzinger, *Introduzione al cristianesimo. Lezioni sul simbolo apostolico*. Brescia: Queriniana, 1971, p. 93.

57 *Copia Publica Transumpti Processus Ordinaria*, p. 1146r.

58 *Const.* art. 8.

59 *Const.* art. 20.

60 E. Viganò. *Maria renova a Família Salesiana de Dom Bosco*, ACG p. 289 (1978). Para uma recepção crítica da devoção mariana na história das Constituições Salesianas,

cf. A. Van Luyn. *Maria nel carisma della "Società di San Francesco di Sales"*. In: Aa.Vv., *La Madonna nella "Regola" della Famiglia Salesiana*. Roma: LAS, 1987, p. 15-87.

61 P. Beauchamp. *La legge di Dio*. Casale Monferrato: Piemme, 2000, p. 116.

62 Por isso o artigo 11 das *Constituições* estabelece que "o espírito salesiano encontra seu modelo e fonte no próprio coração de Cristo, apóstolo do Pai", explicitando que ele se revela na atitude do "bom Pastor que conquista com a mansidão e o dom de si".



dia 3
31. agosto

Conferência

J. Bartolomé



J. Bartolomé é um sacerdote salesiano (Madrid, 1944), licenciado em Teologia (Salamanca - UPS, 1972) e doutorado em Sagrada Escritura (PIB, Roma, 1989).

A maior parte da sua atividade profissional tem sido dedicada ao ensino da Teologia: professor ordinário no Instituto Teológico Salesiano de Salamanca e de Madrid; professor convidado nas universidades de São Paulo-Lapa (Brasil) e de Tlaquepaque, Jal (México); e, também, na Universidade Pontifícia de Salamanca. Dedicou-se, ainda, à formação dos candidatos ao sacerdócio e à formação permanente de religiosos e leigos; participou em inúmeras palestras em Espanha, América Latina, Itália, Portugal e Filipinas e escreveu diversos livros e artigos de investigação sobre espiritualidade religiosa.

J. Bartolomé publicou uma centena de artigos e cerca de 60 livros sobre exegese bíblica e espiritualidade. Sobre o tema da espiritualidade, que aborda frequentemente, a sua reflexão tem dois eixos: o futuro da fé - como escolha pessoal - num mundo do qual Deus parece ter-se exilado; a capacidade evangelizadora da vida comunitária.

Maria de Nazaré, mestra na arte do discernimento

(Lc 1, 29.34; 2, 19.33.50-51)

“O discernimento vocacional não se realiza num ato pontual...; é um longo processo, que se desenvolve no tempo, durante o qual é necessário manter a atenção nas indicações com as quais o Senhor precisa e especifica uma vocação que é exclusivamente pessoal e irrepetível... a própria Virgem Maria progride na consciência da sua vocação através da meditação das palavras que escutava e na sucessão dos acontecimentos, até daqueles que ela não compreendia (cf. Lc 2,50-51)”.⁶³

Lucas deixou-nos um retrato da mãe de Jesus, que descreve de modo paradigmático, que não é possível manter a fé em Deus e a fidelidade ao seu projeto sem manter-se atento a quanto sucede, num discernimento contínuo. Antes de ser chamada a tornar-se mãe do filho de Deus (Lc 1,26-38), o mesmo que deu à luz em Belém (Lc 2,1-20), apresentou-o aos quarenta dias no templo (Lc 2,22-40) ou se perdeu, já como adolescente, em Jerusalém (Lc 2,41-52), Maria manteve-se atenta a tudo quanto Deus lhe ia pedindo, sem o passar por alto por não o entender (cf. Lc 1,29; 2,19.33.48.50-51).

O facto de ter-se posto ao serviço do projeto salvífico de Deus obrigou-a a percorrer um caminho de fé, no qual, à medida em que nele progredia, se tornavam menos óbvias e imediatas e muito mais exigentes e dolorosas, as decisões de Deus. Chegou a ser sua mãe depois de perguntar-se o que é que significava aquilo que estava a escutar (Lc 1,29) e a aceitá-lo (Lc 1,38). Teve de tornar-se contemplativa para poder continuar a ser serva e mãe (Lc 2,19.33.51).

Para realizar o seu projeto de salvação Deus precisa de crentes que deem acolhimento à sua Palavra e entranhas ao seu Filho. Foi isso o que revelou a Maria, comunicando-lhe o seu desejo de dar um salvador ao povo propondo-lhe torná-la mãe sem deixar de ser virgem. Aquilo que Maria ainda não sabia – e o teve de ir aprendendo ao longo de toda a sua vida – foi que, uma vez feita serva de Deus e gerando um filho nas suas entranhas, jamais se livraria de ambos. Nem quando deu à luz o filho de Deus em Belém (Lc 2,19), nem quando o seu primogénito se vai tornando gradualmente um homem (Lc 2,40.52). O ter aceite o projeto de Deus obrigou Maria a viver em contínuo discernimento, «conservando todas estas coisas no seu coração» (Lc 2,51).

Enquanto era chamada (Lc 1,26-38)

“Na sua ‘pequenez’, a virgem esposa prometida a José, experimenta a debilidade e a dificuldade em compreender a misteriosa vontade de Deus (cf. Lc 1,34). Também ela está chamada a viver o êxodo de si mesma e dos seus projetos, aprendendo a entregar-se e a confiar... Consciente de que Deus está com ela, Maria abre o seu coração ao «Eis-me aqui», inaugurando deste modo o caminho do Evangelho (cf. Lc 1,38)”. ⁶⁴

É um erro – bastante comum, por certo – considerar a maternidade divina como o cume da experiência que Maria fez de Deus. Nazaré não foi a meta do caminho mariano de fé (cf. At 1, 14) mas o seu ponto de partida (Lc 1,26). Quando Gabriel, emissário pessoal de Deus, confiou a Maria o seu plano de salvação, a virgem de Nazaré encontrava-se imersa na vida quotidiana de uma humilde aldeia rural (cf. Jo 1,46)⁶⁵, já comprometida noutra projeto, «desposada com um homem chamado José» (Lc 1,26; cf. 2,5; Mt 1,23; Dt 22,23)⁶⁶. Soube que Deus pensava salvar o seu povo no mesmo momento em que conheceu que Deus estava a contar com ela para fazê-la mãe do seu Filho.

O anúncio do nascimento de Jesus coincidiu, pois, com o convite para ser mãe de Deus. A salvação do povo, projetada por Deus, entrava em concorrência com a vocação de Maria, escolhida por Deus. Que a Deus não lhe importasse o obstáculo da sua atual virgindade nem o seu compromisso matrimonial já assumido, livrou-a de escusas nas quais apoiar a sua resistência. E a ignorância sobre como seria possível essa anunciada maternidade tornou cega a sua obediência à onipotência divina (Lc 1,34-37). A bem-aventurança de Maria não consistiu em conseguir ser mãe de Deus, mas em ter confiado n'Ele (cf. Lc 1,45; 11,27-28)⁶⁷. *Todo aquele que crê totalmente em Deus, cria-O, gerando-O, de modo admirável* (Lc 1,38).

Crónica de um discernimento

O relato da anunciação apresenta uma estrutura formal clara. À apresentação das personagens (Lc 1,26-27) segue-se a aparição do anjo e da sua saudação (Lc 1,28-29); Maria reage interrogando-se e o anjo dá-lhe a conhecer o projeto divino (Lc 1,30-34); uma nova pergunta de Maria motiva o esclarecimento do anjo e este, o assentimento em Maria (Lc 1,35-38a). A entrada em cena do anjo (Lc 1,26a) e a sua saída (Lc 1,38b) encerram um episódio em que o enviado de Deus teve sempre a iniciativa e Maria reagiu em contínua progressão, refletindo em silêncio (Lc 1,29), inquirindo abertamente (Lc 1,34) e terminando com o mais completo assentimento (Lc 1,38).

²⁶ No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, ²⁷ a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o nome da virgem era Maria.

**²⁸ Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe:
«Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.»**

²⁹ Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação.

**³⁰ Disse-lhe o anjo:
«Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus.**

³¹ Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. ³² Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David, ³³ reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim.»

**³⁴ Maria disse ao anjo:
«Como será isso, se eu não conheço homem?»**

**³⁵ O anjo respondeu-lhe:
«O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus. ³⁶ Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril, ³⁷ porque nada é impossível a Deus.»**

**³⁸ Maria disse, então:
«Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.»**

E o anjo retirou-se de junto dela.

Por três vezes o enviado desvenda a Maria o plano divino (Lc 1,26.30-33.35-38) e outras tantas ela reage, interrogando-se, perguntando e aceitando (Lc 1,29.34.38)⁶⁸. À ulterior explicação da proposta por parte de Gabriel (Lc 1,35-37) corresponde Maria com uma mais completa aceitação da demanda (Lc 1,39).

«Ela perturbou-se com estas palavras e pôs-se a pensar no que significaria semelhante saudação» (Lc 1,29).

Gabriel (cf. Lc 1,19)⁶⁹ abre o diálogo vocacional com Maria com um «alegra-te», ó cheia de graça» (Lc 1,28), que mais do que saudação (cf. Mt 26,49; 27,29; 28,9) é um convite a estar alegre (cf. Lc 1,14; 2,10)⁷⁰, por uma salvação que se anuncia (cf. Is 12,6; Sof 3,14-15; Ex 3,14-17; 9,9). Antes de lhe ser anunciado um filho e a salvação do povo, impõe-se-lhe a feliz notícia. A razão está no ter encontrado graça diante de Deus. «*Cheia de graça*» é a parte da saudação an-gélica mais surpreendente e promissora. A felicidade da agraciada é o sentimento apropriado por parte de quem vai conhecer que foi escolhida por um Deus que está *com* ela antes – e para que – Ele esteja *nela*. «*O Senhor está contigo*», que pode ser uma simples saudação (*Rut* 2,4), expressa aqui a assistência ativa de Deus a pessoas que vão a atuar em seu nome; é-lhes assegurada a *proteção* divina, no desempenho da missão que lhes vai ser confiada (cf. Ex 3,12; Jz 6,12.15-17)⁷¹.

A saudação do anjo é tão insólita como a missão que em seguida vai indicar. Antes de revelar a Maria aquilo que Deus quer dela deu-lhe a entender o quanto Ele a quer: antes de lhe confiar a missão, revela-lhe a escolha. Gabriel fala da graça de Deus que a enche, não dos méritos de Maria⁷²; descobre deste modo um comportamento surpreendente, paradoxal até, de um Deus, cuja benevolência choca as expectativas dos seus fiéis.

As palavras, que não a visão, do anjo, (cf. Lc 1,12), perturbam Maria (Lc 1,29); não entende o motivo de tão grande louvor. A sua reação é complexa, emotiva («*ficou muito perturbada*») e racional («*perguntava-se*») ao mesmo tempo; fica intranquila, mas pondera. A benevolência divina, inesperada, dá-lhe para pensar. Um Deus tão gratificante deixa-a perplexa: ao estranhar aquilo que se lhe está a pedir – e essa é a graça que Deus lhe fez – Maria começou a preocupar-se (cf. Gn 15,1; 26,24; 28,30; Jer 1,8)⁷³.

A sua reação, sem paralelo nos relatos de anunciação (cf. Jz 6,13), põe em evidência a maturidade da sua fé. Dá-se ao cuidado de procurar o sentido daquilo que está a escutar, afronta a nova situação com maior reflexão, considera as circunstâncias à procura de uma

conclusão (cf. Lc 3,15). Não há nela angústia, aflição ou incredulidade. Não entende bem o que se lhe está a pedir; aceita-o com seriedade. Muito assombro e desejo de compreender marcam o início do discernimento vocacional.

«Como será isso, se eu não conheço homem»? (Lc 1,34).

À sua deliberação, o anjo responde revelando-lhe o que Deus espera (Lc 1,30-33). Deus está a iniciar um diálogo com Maria que ela não tinha pedido; nem sequer o podia ter imaginado. Antes de conhecer o que Deus dispõe, Maria sabe que conta com a sua benevolência: «*encontraste graça diante de Deus*» (Gn,30; cf. Gn 6,8; 19,16; Ex 33,12). Pode, pois, contar com Deus, sem saber ainda para quê conta Deus com ela. *A graça dada precede a missão a realizar*: conceber, dar à luz e dar o nome ao filho de Deus.

A mensagem angélica centra-se no filho que vai nascer de Maria. Deus já o tinha pensado antes que a virgem pudesse conceber; mas não “exige dela nada que vá contra a sua consciência”⁷⁴. Maria reage sobriamente, sem entusiasmo nem dúvidas. Não pede provas nem indaga sobre a possibilidade (cf. Lc 1,18); pergunta-se sobre o modo em que se vai realizar a conceção no seu estado atual: «*como será isso, se eu não conheço homem?*» (Lc 1,34; cf. Gn 4,1.25)⁷⁵. Permanecendo virgem, não crê que seja viável a proposta de ser mãe. Se se realizar será puro dom. Toma a sério o anúncio, tanto como para questionar o modo de realização.

Com a sua pergunta, pois, Maria não questiona a mensagem recebida, nem rejeita a missão indicada; porque assume isso, interroga-se. Pensa, e expressa-o, perguntando, que não a pode levar a cabo. A sua impotência confessada torna-a “capaz” de acolher Deus. A maternidade será, pois, pura graça: o Espírito, poder criador de Deus, encarregar-se-á de a tornar realidade: “o filho de Maria é gerado pelo próprio Deus... Jesus continua a ser, desde logo, o filho de Maria, quer dizer, um ser humano”⁷⁶.

«Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a vossa palavra» (Lc 1,38)

Contudo, *continua a perguntar para melhor discernir; e perguntando,*

torna necessária uma ulterior explicação. Mesmo no meio da revelação, Maria continua discernindo, pois não consegue compreender a mensagem angélica, que se centrou em definir a personalidade do menino (Lc 1,32) e em descrever a sua missão futura (Lc 1,33).

Gabriel, indo mais além do requerido, esclarece o modo da concepção do filho prometido a Maria, declarando-O filho do Altíssimo (Lc 1,35). Confirma, além disso, o caráter extraordinário do nascimento, dando como confirmação a maternidade de Isabel (Lc 1,36), que exemplifica o poder omnímoto de Deus (Gn,37; 18,27; cf. Gn 18,14; Jer 32,27; Zac 8,6). A pergunta de Maria, que não pedira sinal algum, não pedia apoio para crer na mensagem. Deus não lhe pede fé cega. E o anjo concede um sinal que ratifica a mensagem: proclama o estado de boa esperança de Isabel.

Próximas também pela sua incapacidade para a procriação⁷⁷, a maternidade de Isabel prova, agora que é visível, a possibilidade da concepção virginal, mas mais nada. Para que se realize, não basta a onipotência de Deus. É preciso o consentimento da sua serva; é a ela que corresponde a última palavra. *Se acreditada, a palavra de Deus torna-se criadora.*

A fórmula com a qual Maria dá o assentimento, («eis a serva do Senhor», cf. Gn 30,34; Js 2,21; Jz 11,10; Dan 14,9) revela a sua total aceitação. Passa de depender do homem da sua vida para estar ao serviço de Deus, que nela se faz homem. O seu «faça-se» é um optativo, que expressa um intenso desejo. A virgem dá o seu assentimento a tudo quanto ouviu e deixa que Deus, fazendo o seu querer, seja o seu Senhor. *O projeto divino verifica-se no momento em que obtém o consentimento do seu escolhido.* De facto, aos poucos, virá a ser proclamada publicamente «a mãe do meu Senhor» (Lc 1, 43).

Contudo, e há que realçá-lo, o relato não encerra mencionando a concepção do filho. Termina declarando a disponibilidade de uma virgem para ser mãe. É aquilo com que o Deus onipotente ainda não contava. Logo que obteve o seu consentimento, iniciou o seu plano. Jesus não foi, como qualquer outro homem, fruto de um encontro de amor humano, mas da confiança de Deus numa virgem (Lc 1, 30-31) e a obediência de uma serva ao seu Deus (Lc 1,38).

Uma releitura

Na crônica da vocação de Maria Deus revela-nos como Ele é. Recordamos não tanto o que tinha feito em Maria⁷⁸ quando Deus a chamou ao seu serviço. Deixa ver, mais exatamente, o que Ele estaria disposto a fazer por nós, caso encontrasse em nós a mesma disponibilidade de Maria. *Deus deixou ao alcance dos seus servos o poder de concebê-lo. E convida aqueles que Ele quer a que arrisquem e o tentem.* Repassando a vocação de Maria, poderíamos sentir-nos convidados, por esse mesmo Deus, a dar-lhe uma mão, facilitando-lhe de novo a sua entrada no mundo. Ou será que o nosso mundo não necessita de Deus? Maria conseguiu-o ouvindo a Deus sem O ter entendido completamente, mas não desistindo de O compreender.

O anúncio do nascimento de Jesus coincidiu com o convite para ser mãe de Deus. O relato descobre, por isso, os traços essenciais de toda a vocação cristã. Revela que *Deus, quando propõe a alguém uma missão especial, na realidade, está a programar a salvação do seu povo.* Tendo um projeto de salvação, confia-o a quem Ele entender. Como a de Maria, toda a vocação é, basicamente, um diálogo no qual Deus se revela, declarando o seu projeto e dando-o a conhecer à pessoa que conta com ele. Tudo quanto o anjo diz a Maria, mais do que maravilhosas afirmações acerca da sua pessoa, manifesta a decisão que Deus tomou para salvar o seu povo.

No que diz respeito a Maria, como qualquer outra autêntica vocação, começou e realizou-se dialogando⁷⁹. E culmina quando – e se –, termina obedecendo. Não foi Maria que iniciou o diálogo; mas tão pouco o rejeitou. Reagindo sempre às palavras de Gabriel, primeiro, interrogou-se perturbada (Lc 1,29); depois, confessou a sua incapacidade em assumir a proposta (Lc 1,34); para terminar, declarando-se estar ao serviço de um Deus que tudo pode (Lc 1,37-38). No coração mesmo do seu diálogo vocacional Maria caminhou desde o assombro sem palavras até à aceitação sem reservas, passando pelo reconhecimento da sua própria incapacidade. Sem escuta atenta e discernimento contínuo, a virgem não teria chegado a ser mãe..., nem Deus a ter o filho planejado.

Antes de se saber chamada por Deus, Maria sentiu-se agraciada.

Antes de ter optado por Deus, teve de aceitar que Deus tinha optado por ela. *Deus chama-nos porque nos ama ou chama-nos para O amarmos?* Se a graça precede a missão, não será verdade que toda a vocação autêntica reconhece que o querer divino precede as suas exigências? É legítimo, pois, o temor? (*Lc 1,30*). De onde é que proveem e se alimentam os nossos temores na nossa vivência vocacional? Qual a razão por que não nos entusiasmos com o facto de que Deus tenha contado connosco e que nós contemos tanto para Ele? Quem tem a consciência de ter sido chamado, sente-se agraciado por Ele; como Maria, encontrar a própria vocação é ter encontrado a graça de Deus (cf. *Lc 1,30*).

Deus não nos chama para ninharias. A Maria, chamou-a para o impossível: ser mãe, permanecendo virgem, e dar à luz o seu primogénito que era, na realidade, o Unigénito de Deus. O que é que deveria admirar-se mais: *a necessidade de Deus em encontrar uma pessoa que se fiasse d'Ele*, ou a aceitação imediata por parte de Maria para realizar o plano de Deus?

Deus propôs a Maria uma maternidade, que estava fora dos seus planos, uma vez que já estava comprometida (*Lc 1,27*), nem isso estava entre as suas possibilidades, pois ainda era virgem (*Lc 1,34*). O filho que lhe foi anunciado não iria ser, na realidade, seu («filho de Deus Altíssimo»: *Lc 1,32.35.76*) nem para ela («Messias de Israel»: *Lc 1,32-33*). *O primeiro a estranhar os planos de Deus é aquele que primeiro os escuta*. Pode alguém que é chamado a viver a sua vocação sem que Deus o estranhe, sem que lhe chame minimamente à atenção? Um Deus que não estranha é um Deus que não deu a conhecer o seu desígnio salvífico.

Tendo aceite o seu desígnio e já presente Deus no seio de Maria, o mensageiro sai da sua presença (*Lc 1,28*). *Quando Deus encontra servos, sobram-lhe os enviados*. Quando o projeto divino encontra acolhimento, acontece o impossível: a virgem começa a ser mãe do seu Senhor⁸⁰. A razão da bem-aventurança mariana (*Lc 1,45*) não está, pois, na maternidade divina, mas na sua capacidade de acolher a Deus: não é proeza dá-lo à luz, mas assumir o seu incompreensível querer. Ainda que lhe tenha sido dado um sinal (*Lc 1,36-37*), Maria era “uma mulher de fé para quem basta a palavra de Deus”⁸¹. *Para*

fazer-se com Deus, é preciso acolhê-Lo: fé, que é obediência de servo, é a forma de tornar própria a vocação à qual fomos chamados. E é nisso que radica a felicidade (cf. Lc 1,45).

Tal como nos dias de Maria, *Deus continua a procurar quem lhe preste fé e lhe abra o seu coração.* O Deus de Maria não tem outro modo de salvar o mundo do que se incarnando. Ontem como hoje. O crente, como Maria, não necessita para conceber a Deus senão da sua fé. Para dar-lhe carne e habitação, tornando-o humano, dá-lo à luz e dá-lo ao mundo, não é preciso milagre maior do que uma obediência própria de servos. Somente pondo-nos totalmente ao seu serviço, faremos dele nosso familiar: *com o Deus de Maria, o servo é o amo; o criado, o senhor; a escrava, a mãe.*

Enquanto realizava o chamamento (Lc 2,19.33.50-51)

“Cada jovem pode descobrir na vida de Maria o estilo da escuta, a coragem da fé, a profundidade do discernimento e a dedicação para o serviço (cf. Lc 1,39-45) [...]. Nos seus olhos cada jovem pode redescobrir a beleza do discernimento, em seu coração pode experimentar a ternura da intimidade e a coragem do testemunho e da missão”⁸².

A presença e o protagonismo de Maria são mais evidentes em Lc 2 do que em Lc 1. Os factos que se recordam, centrados na infância e na adolescência de Jesus, silenciam por completo João Batista e os seus pais, centrados como estão na família de Jesus. E são menos prodigiosos; agora anota-se com precisão e repetidas vezes, que a vida da família do filho de Deus fica sujeita à lei, quer a dos homens (Lc 2,1-5), quer a de Deus (Lc 2,22-24.39.41-42). A salvação de Deus entra em cheio na história mundial. *Nascimento, infância e adolescência de Jesus assinalam os marcos de um caminho de discernimento, que Maria teve de percorrer para manter-se crente.* Deus vai-lhe dizendo o que espera dela de modo cada vez mais ténue e indireto, mas cada vez mais exigente.

Um discernimento que nunca é dado por terminado

A relação de Maria com Deus, iniciada logo a seguir à aceitação da sua vocação, não acabaria, como seria de esperar, dando à luz o filho de Deus. Uma vez dado o seu consentimento – e o próprio corpo – uma só vez – a serva de Deus nunca mais se verá livre do seu Senhor. Maria, que manifestara a sua disposição *somente* para gerar o filho de Deus, irá descobrindo pouco a pouco, e sem muitas luzes, novas tarefas e maiores penas.

Logo que dera à luz o filho de Deus (Lc 2,1-20)

Lucas narra o nascimento de Jesus com “uma concisão, simplicidade e sobriedade, que está em sensível contraste com o significado do facto”⁸³ (Lc 2,4-7). O contraste torna-se mais evidente: em Belém (cf. Mt 2,1-6) não há vizinhos e parentes por perto que se alegrem com a sua mãe (cf. Lc 1,58) e na cidade de David (Mq 5,1) não há lugar para um recém-nascido, apesar de ser proclamado como «o Salvador, o Messias, o Senhor» (Lc 2,11). Mais do que no facto mesmo, o narrador centra-se nas circunstâncias que o rodearam, quer no censo imperial que motiva a viagem a Belém (Lc 2,1-3)⁸⁴, quer na presença dos pastores que estavam de vela essa noite (Lc 2,8-20). Não pode ser mais clara a disparidade entre o triunfal anúncio dos anjos (Lc 2,9-14) e as circunstâncias do nascimento (Lc 2,6-7). Para o narrador, é decisivo que “Maria teve uma verdadeira gravidez e Jesus, um verdadeiro nascimento”⁸⁵.

A estrutura do relato é simples. Ao nascimento em Belém (Lc 2,1-7; cf. Mt 2,1) segue-se a proclamação angélica aos pastores (Lc 2,8-14), os quais constataam o sucedido e testemunham o seu alcance (Lc 2,15-20). O sinal que lhes é dado enlaça as três cenas (Lc 2,7.12.16: um recém-nascido, «envolto em panos e deitado num presépio»). No centro do relato está a mensagem angélica dirigida aos pastores (Lc 2,10-12), o terceiro dentro do relato lucano da infância de Jesus (cf. Lc 1,11-20.28-37). Que o recém-nascido, deitado num presépio, seja identificado como «o Salvador, o Messias, o Senhor» (Lc 2,11), ultrapassa todo o imaginável⁸⁶.

¹ Naqueles dias foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se. ² Este, o primeiro recenseamento, foi feito quando Quirino era governador da Síria. ³ Todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. ⁴ José também subiu da Galileia, da cidade de Nazaré, para a Judeia, à cidade de David, chamada Belém, por ser ele da casa e família de David, ⁵ a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida.

⁶ Estando eles ali, aconteceu completarem-se-lhes os dias, ⁷ e ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e deitou-o numa manjedoura porque não havia lugar para eles na hospedaria. ⁸ Havia naquela mesma região pastores que viviam nos campos e guardavam o seu rebanho durante a vigília da noite. ⁹ E um anjo do Senhor desceu aonde eles estavam e a glória do Senhor brilhou ao redor deles; e ficaram tomados de grande temor. ¹⁰ O anjo, porém, disse-lhes: “Não temais: eis que vos trago a boa nova de grande alegria, que o será para todo o povo:

¹¹ é que hoje vos nasceu, na cidade de David, o Salvador, que é Cristo, o Senhor. ¹² E isto vos servirá de sinal: encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada numa manjedoura. ¹³ E subitamente apareceu com o anjo uma multidão do exército celeste louvando a Deus e dizendo:

¹⁴ Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens, por Ele amados. ¹⁵ E, afastando-se deles os anjos para o céu, diziam os pastores uns aos outros: Vamos até Belém e vejamos os acontecimentos que o Senhor nos deu a conhecer.

¹⁶ Foram apressadamente e acharam Maria e José, e o menino deitado na manjedoura. ¹⁷ E, vendo-o, divulgaram o que se lhes havia dito a respeito deste menino. ¹⁸ Todos os que ouviram se admiraram das coisas referidas pelos pastores. ¹⁹ Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no coração. ²⁰ Voltaram então os pastores glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes fora anunciado.

O cronista mal se detém narrando o nascimento de Jesus. Anota com surpreendente neutralidade os detalhes (Lc 2,6-7), depois de

ter justificado com maior delonga a viagem a Belém de Maria em estado (Lc 2,1-5) e alargando notavelmente o seu relato com o anúncio do seu nascimento a uns pastores (Lc 2,8-20). Narra-se o facto de um nascimento (Lc 2,6-7), que, como sinal que dará sentido à história humana (Lc 2,11-12), é verificado por gente simples, uns pastores. Narrativamente a manifestação angélica serve para dar por cumprida a promessa divina feita a Maria (cf. Lc 2,11-13)⁸⁷. O mensageiro de Deus anuncia-o, os pastores vêm-no e proclamam-no. Mas a mãe foi ela a direta destinatária do anúncio evangélico. Maria tem de ouvir a «*a boa notícia, que será de grande alegria para todo o povo*» (Lc 2,10) da boca de uns desconhecidos que, pelo seu trabalho, passavam em vigília a noite e não eram, por isso, bem vistos⁸⁸.

Recém-nascido, o filho de Maria não encontrou abrigo nem sequer numa pousada (Lc 2,7). É acolhido, mas não como o rei anunciado (Lc 1,32-33), nem sequer como menino bem-nascido (Lc 2,7). Quando, e com razão, podia ter-se ufanado por ter cumprido a sua missão, Maria não ouve vozes de anjos, recebe informação de uns pastores, gente considerada no seu tempo pouco merecedora de confiança (Bill 2,113-114). São uns pastores, que foram evangelizados por anjos, os quais por sua vez, 'evangelizarão' os pais de Jesus. Pode estranhar que tenha que guardar no coração, para ali o meditar, tudo quanto sucede diante dos seus olhos? (cf. Lc 8,4-15)⁸⁹.

«Maria, por seu lado, conservava todas estas coisas, meditando-as em seu coração» (Lc 2,19)

Não é a mãe de Jesus, - o que não deixa de ser curioso! - a protagonista na crónica do parto. Maria aparece só no princípio (Lc 2,5-7) e no fim (Lc 2,16-19). Ao enquadrar o nascimento dentro da viagem obrigada a Belém⁹⁰, Maria tem que dar à luz na mais completa solidão, longe dos seus e à margem da habitual alegria que suscita uma nova vida (cf. Lc 1,57-58). Mais ainda, se antes os anúncios angélicos se tinham dirigido àqueles que recebiam a missão divina (Zacarias: Lc 1,11-20; Maria: Lc 1,28-33), agora são uns desconhecidos os destinatários da mensagem de um enviado do Senhor sem nome (Lc 2,10; cf. 1,11.26).

Evangelizados, os pastores não procuram algo desconhecido, seguem uma indicação precisa, um sinal: um bebé recostado num

presépio (Lc 2,12)⁹¹. Deixam de ser simples ouvintes e, sem demoras e em espírito de pronta obediência, tornam-se testemunhas oculares: somente gente simples pode identificar uma criança envolta em panos numa manjedoura como o Salvador (Lc 2,11; cf. 2,30; At 5,31; 13,23). Comprovada a sua veracidade, tornam-se evangelizadores, os primeiros (Lc 2,17:10), dos pais de Jesus.

Depois de ter dado à luz, Maria não recebeu de Gabriel anúncio algum. Nem entenderão o que lhes dizem os pastores, que representam esses pobres que vão ser os destinatários privilegiados da missão evangelizadora de Jesus (cf. Lc 4,18). Mas, ao contrário de todos, que se maravilham (Lc 2,18), ela mantém uma atitude de permanente busca de sentido (Lc 2,19). Mais do que meditar ou guardar como um tesouro o que acontece, procura percebê-lo e interpretá-lo. Não rejeita o que não compreende. Suporta o que não consegue entender. Em vez de se deixar ficar simplesmente surpreendida pelo seu Deus, procura entrar no mistério, ativando a inteligência do coração.⁹²

Antes de conceber o filho de Deus, Deus mandara um enviado. Depois de ter dado à luz, uma vez cumprida a missão, são-lhe enviados uns homens. A evangelizada por Gabriel para ser mãe, depois de o ser, agora é evangelizada por uns pastores. À maior familiaridade com Deus, experimenta agora menor proximidade d'Ele. A mãe de Jesus terá de guardar cuidadosamente os factos, o que viu e ouviu, e ponderá-los atentamente: "Maria não interpreta com o seu entendimento (noūs), mas com a sua vontade e afetividade: no seu coração"⁹³.

Dá impressão que, dando à luz Deus, Maria tivesse de fazer de mãe dele sem muitas luzes: *dar à luz Deus torna a sua vida mais escurecida*. É um passo mais no seu processo pessoal de discernimento: em Lc 1,29 perguntava-se; em Lc 1,34 interrogou-se; agora aqui, em Lc 2,19, entra dentro, dando voltas à cabeça⁹⁴; finalmente, em Lc 2,51 guardará na memória.

Ao apresentar o seu primogénito a Deus (Lc 2,22-40)

Da infância de Jesus, propriamente dita, Lucas escolhe só três acontecimentos significativos: a sua circuncisão e imposição do nome (Lc 2,21; cf. 1,59⁹⁵; Gn 17,10-13⁹⁶), a sua apresentação (Lc 2,22-40) e a sua perda, ambos no templo (Lc 2,41-50). A sua crónica

fecha com um sumário em que volta a insistir na atitude contemplativa de Maria, ao acompanhar o crescimento de Jesus (*Lc* 2,51-52).

A apresentação do menino Jesus no Templo, aos oito dias, não era perceptiva (*Lv* 12,3), assim como a visita anual por altura da páscoa antes da maioria de idade. Mas Lucas insistirá em que, seguindo a normativa legal (*Lc* 2,22.23.24.27), é como Maria tem que discernir a vontade de Deus, do qual ela se declarou escrava. Maria deve aprender a ver e a tocar, como Simeão (cf. *Lc* 2,30.28), a salvação de Deus através do fiel cumprimento da lei. Lucas, além disso, tem interesse em que seja em Jerusalém (cf. *Lc* 9,51.53; 13,22.23; 17,11; 18,31; 19,11; 24,47.49.52; *At* 1,8), onde se reconheça no infante o «Salvador», luz das nações e glória de Israel (*Lc* 2,30) e que, já adolescente, Jesus se proclame filho de Deus (*Lc* 2,49).

A apresentação de Jesus no templo tem três cenas, enquadradas por uma introdução (*Lc* 2,21) e uma conclusão narrativa (*Lc* 2,39-40). Ambos os extremos se referem à vida do menino e apresentam-na de modo inteiramente normal. O que se narra entre eles descobre o plano de Deus, que só captam os olhos de quem espera ver a salvação de Deus e o coração de quem tem o seu Espírito.

A primeira cena (*Lc* 2,22-24) situa a ação no templo e justifica a presença da família de Jesus nele, preparando o encontro com os dois anciãos. O narrador dá mais relevo à imposição do nome escolhido pelo anjo. A segunda (*Lc* 2,25-35) apresenta Simeão e a sua oração profética, na realidade um hino a Deus (*Lc* 2,29-32) e uma profecia para Maria (*Lc* 2,34-35). Na terceira (*Lc* 2,36-38), a anciã Ana, que vive diante de Deus e para Ele, aparece como louvando a Deus e proclamando Jesus como o libertador esperado.

²¹ Completando-se os oito dias para a circuncisão do menino, foi-lhe posto o nome de Jesus, o qual lhe tinha sido dado pelo anjo antes de ele nascer. ²² Completando-se o tempo da purificação deles, de acordo com a Lei de Moisés, José e Maria levaram-no a Jerusalém para apresentá-lo ao Senhor ²³ (como está escrito na Lei do Senhor: “Todo o primogénito do sexo masculino será consagrado ao Senhor”) ²⁴ e para oferecer um sacrifício, de acordo com o que diz a Lei do Senhor: “duas rolinhas ou dois pombinhos”.

²⁵ Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão, que era justo e piedoso, e que esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava com ele. ²⁶ Fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que ele não morreria antes de ver o Cristo do Senhor. ²⁷ Movido pelo Espírito, ele foi ao templo. Quando os pais trouxeram o menino Jesus para cumprirem o que requeria o costume da Lei, ²⁸ Simeão tomou-o nos braços e louvou a Deus, dizendo:

²⁹ “Agora, Senhor, segundo a vossa palavra, podeis deixar ir em paz o vosso servo, porque meus olhos viram a vossa salvação, que preparastes diante de todos os povos, ³⁰ porque os meus olhos viram a salvação, ³¹ que prometestes a todos os povos: ³² luz para se revelar às nações e glória de Israel, vosso povo”.

³³ O pai e a mãe do menino estavam admirados com o que se dizia a respeito dele.

³⁴ E Simeão abençoou-os e disse a Maria, mãe de Jesus: “Este menino está destinado a causar a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e a ser um sinal de contradição, ³⁵ de modo que o pensamento de muitos corações será revelado. Quanto a ti, uma espada trespassará a tua alma”.

³⁶ Estava ali a profetisa Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Era muito idosa; tinha vivido com o seu marido sete anos depois de ter casado ³⁷ e então permanecera viúva até a idade de oitenta e quatro anos. Nunca deixava o templo: adorava a Deus jejuando e orando dia e noite. ³⁸ Tendo chegado ali naquele mesmo momento, deu graças a Deus e falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém. ³⁹ Depois de terem feito tudo o que era exigido pela Lei do Senhor, voltaram para a sua própria cidade, Nazaré, na Galileia. ⁴⁰ O menino ia crescendo e fortificava-se: estava cheio de sabedoria, e a graça de Deus repousava nele.

Cumprir com a lei de Moisés leva Maria a Jerusalém, duas vezes. A primeira, sendo Jesus Infante de dias (*Lc 2,22.39*). A segunda, pouco antes de inaugurar a sua maioridade. (*Lc 2,41-42*). Essas duas

subidas a Jerusalém marcam a infância e a adolescência de Jesus, tempo para maturar como homem sob a alçada da lei de Deus. O seu filho cresce como filho de Deus (Lc 2,40.52), enquanto que a sua mãe vive submetida à lei de Deus (Lc 22.23.24.39.41.42; cf. 12,6-8; Ex 13,1.13; Nm 18,15-16). *A obediência ao querer de Deus não dispensa Maria do seguimento pontual da sua vontade escrita*. Mãe, por ser serva, Maria educa com os seus atos o seu filho na obediência à lei de Deus (Lc 2,39)⁹⁷.

«Seu pai e sua mãe estavam admirados com o que se dizia acerca do menino» (Lc 2,33)

Após os quarenta dias de ter dado à luz, a mãe devia purificar-se, não sendo a sua impureza moral, mas ritual (Lv 12,8) e o menino ser consagrado a Deus, em cumprimento da lei, e plenamente integrado no povo de Deus (Lc 2,22-24; Nm 18,15). No templo de Jerusalém esperava-os de novo o bom Deus..., e não muito boas notícias.

Um crente justo, que envelhecera sem perder a esperança de ver o «Messias do Senhor» (Lc 2,26), é agora o porta-voz de Deus. O seu Espírito está nele (Lc 2,25.26.27). O relato demora-se em descrevê-lo: vive esperando a consolação do seu povo (Lc 2,38; cf. 23,50-51); tem o Espírito de Deus, que o conduz ao templo no mesmo dia em que a obediência à lei tinha levado ali os pais de Jesus. Não há, pois, sorte nem azar, mas governo divino da história humana (cf. Lc 4,1.14-18), ainda que de forma diferenciada: ao templo vai Simeão e vê o «Salvador» (Lc 2,30); seus pais, pelo contrário, a cumprir com Deus, «segundo a lei de Moisés» (Lc 2,22).

Segurando o menino Jesus nos braços não é difícil para o ancião Simeão, «*homem justo e piedoso*» (Lc 2,25; cf. At 2,5; 8,2; 22,12), louvar um Deus que lhe deu mais consolação do que aquela que lhe tinha prometido. Mais do que «*ver o Messias*» prometido (Lc 2,26), toca-o, segurando-o «*nos seus braços*» (Lc 2,28), ao esperado Salvador, um menino. A salvação palpável é maior do que somente vislumbrada; a oferecida, melhor do que a esperada. Mas a salvação, entrevista agora no templo (Lc 2,29-32), pouco tem que ver com a anunciada pelo anjo em Nazaré (Lc 1,30-33), ou pelos pastores em Belém (Lc 2,10-14).

E eis que as previsões acerca do menino pioram notavelmente. Depois dos louvores a Deus, que tanto maravilharam os pais de Jesus (Lc 2,33), vem a sombria profecia sobre o filho e a mãe. «*Este foi posto para que muitos em Israel caiam e se levantem; e será um sinal contradição*» (Lc 2,34). Jesus vai dividir o seu povo, questionando a sua segurança; perante Ele é impossível permanecer imparcial. Sem solução de continuidade Simeão acrescenta o que implica para sua mãe. «*Quanto a ti, uma espada de dor trespassará a tua alma*» (Lc 2,35; cf. Ez 14,17). O destino do filho atingirá sua mãe. A Maria será trespassado o coração, perante a rejeição que irá sofrer o seu filho: à divisão dada no mundo acrescenta-se uma grande pena no seu coração⁹⁸.

Simeão anuncia que Jesus irá ser tropeço e causa de contradição em Israel (cf. Hch 28,26-28); diante dele não é possível a neutralidade nem a indiferença. Este não é o que Israel esperava, aquele que antes tinha sido indicado a Maria (cf. Lc 1,31-33). *A mãe não se livra do filho nem do seu negro futuro, ser contradição e escândalo para o povo* (cf. Is 8,14-15). Como, e com o seu filho, Maria estará no centro da repulsa ou acolhimento que Israel irá dispensar a Jesus.

A imagem da espada que divide a alma (cf. Jb 26,25) alude a uma constante dor, a uma rutura interior. A rejeição que vai sofrer o seu filho atingirá a sua alma. A mãe de Jesus viverá a sua existência profundamente ferida. *A sua familiaridade com Deus não lhe poupará uma vida interiormente dilacerada*. Uma espada no coração é o salário do serviço a Deus bem cumprido! Maria perde-se como mulher, para não perder, como mãe, o filho, nem como crente, a Deus. Um Deus bem servido impõe maiores servidões com menos apoios. Ou será que podia ser de outro modo?

Cumprida tolamente a lei, a família de Jesus regressa à Galileia (Lc 2,40; cf. Mt 2,23), “pondo deste modo um ponto final à história da infância de Jesus, em sento estrito”⁹⁹. Como acontecera com João Batista (cf. Lc 1,80), Jesus continua a crescer em Nazaré, como homem, em família, e diante de Deus, como filho. Com tanta brevidade como exatidão resumem-se doze anos da infância de Jesus. Maturidade humana e totalidade de graça tornam-se compatíveis no lar, na vida diária. E por mais que cresça, o filho mais se vai assemelhando à sua mãe (Lc 1,28.30) na posse da graça de Deus (Lc 2,40).

Adolescente, Jesus perde-se como filho de Maria, que o reencontra como Filho de Deus (Lc 2,41-52)

Uma peregrinação ao templo, quando Jesus está a atingir a maioridade legal, conclui de forma lógica o relato da sua infância (Lc 2,41-50; cf. Ex 23,14-17; Dt 16,16). Mas o episódio, colocado entre dois sumários (Lc 2,40.52), não se centra nem na viagem de ida a Jerusalém, nem na celebração da Páscoa, mas naquilo que sucede a seguir: a perda de Jesus no templo (Lc 2,41-52). Lucas, o único evangelista que recorda este incidente, leva ao seu final surpreendente um relato que começou com um infante nos braços de Maria (Lc 2,12.16): o recém-nascido (Lc 2,17.27-40), filho de Maria (Lc 2,43), acaba por declarar-se, a si mesmo, como filho de Deus (Lc 2,49)!

Como no episódio anterior (Lc 2,21-39), o templo é o lugar central da manifestação do mistério pessoal de Jesus. E apresenta-se estruturado segundo o mesmo modelo: subida a Jerusalém (Lc 2,42; cf. 2,22), revelação de Jesus (Lc 2,46-47; cf. 2,30-31), comentário sobre a mãe (Lc 2,48; cf. 2,39), regresso a Nazaré (Lc 2,51; cf. 2,39). O centro do relato está na dupla pergunta de Jesus a sua mãe (Lc 2,48), a qual não consegue compreender a razão do que está a acontecer (Lc 2,50), da necessidade imperiosa de que sucedesse (Lc 2,49).

⁴¹ Ora, todos os anos iam seus pais a Jerusalém à festa da páscoa; ⁴² E, tendo ele já doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume do dia da festa. ⁴³ E, regressando eles, terminados aqueles dias, ficou o menino Jesus em Jerusalém, e não o soube José, nem sua mãe. ⁴⁴ Pensando, porém, eles que viria em companhia pelo caminho, andaram o caminho de um dia, e procuravam-no entre os parentes e conhecidos; ⁴⁵ E, como o não encontrassem, voltaram a Jerusalém à procura dele. ⁴⁶ E aconteceu que, passados três dias, o acharam no templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e interrogando-os. ⁴⁷ E todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas. ⁴⁸ E quando o viram, maravilharam-se, e disse-lhe sua mãe: Filho, porque procedeste assim para connosco? Eis que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura. ⁴⁹ E ele disse-lhes: Por que é que me procuráveis? Não sabíeis que devo tratar das coisas de meu Pai?

- ⁵⁰ Eles não compreenderam as palavras que lhes dizia.**
⁵¹ E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes submisso.
E sua mãe guardava no seu coração todas estas coisas.
⁵² E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça
diante de Deus e dos homens.

Publicamente, no templo de Jerusalém, Jesus deixa de ser filho de Maria e de José para declarar-se filho de Deus. É *a primeira palavra* – será também a última, cf. Lc 24,49 – *que Jesus, mal atinge a maioridade, pronuncia* no templo, durante a páscoa. Com a sua última afirmação declara-se filho de Deus, com plena consciência da sua missão: não somente reclama uma íntima relação com Deus, como proclama, também, a sua adesão pessoal ao projeto do Pai; e fá-lo logo que a sua mãe lhe tinha mencionado a angústia de José, seu pai (Lc 2,48). Aquilo que o anjo anunciou (Lc 2,1-20) e Simeão viu (Lc 2,21-22), é agora confirmado pelo próprio Jesus, ainda adolescente (Lc 2,41-51). A sua sabedoria humana pode ir crescendo ainda (Lc 2,52), mas já sabe o fundamental, que Deus é seu Pai (Lc 2,49).

«Não compreenderam o que Ele lhes disse. Desceu com eles e foi para Nazaré e era-lhes submisso. A sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração» (Lc 2,50-52).

Como judeus piedosos, os pais de Jesus costumavam ir a Jerusalém pela páscoa. Que levassem o seu filho significava a sua piedade pessoal e alguma preocupação educativa¹⁰⁰. A ausência de Jesus durante o regresso passa, num primeiro momento, despercebida (Lc 2,44). Não se aduz agora a razão da permanência de Jesus no templo, ainda que, depois, se deduza da sua resposta (Lc 2,49b: «*não sabíeis que eu devia ocupar-me das coisas de meu Pai?*»). Não passa o primeiro dia sem que os seus pais notem a sua ausência. Depois de três dias de angustiada procura (Lc 2,48) conseguem encontrá-lo. Encontrado do templo, entre doutores, «*admirados com a sua inteligência*» (Lc 2, 47), deixa atónitos, e ainda mais confundidos, os seus pais.

Todavia o filho adolescente não se tinha perdido, optou por ficar na casa de seu Pai (cf. Jo 2,17), ou melhor, tinha que fazê-lo, ainda que isso viesse a causar dor aos seus pais. A resposta de Jesus foi ain-

da menos compreensível do que o seu comportamento. Enfatizadamente, com duas perguntas, questiona a postura da mãe; dá-lhe a entender perguntando, não se opõe afirmando. Nem a procura, nem a angústia, estão justificadas, porque não se tinha extraviado..., nem já lhes pertencia! Não foi a casualidade, mas o dever o que o separou deles. Jesus não fez o que quis, mas aquilo que se queria dele. Deve-se a Deus Pai. E não se perde quando se ocupa das suas coisas. Dever-se ao Pai e aos seus interesses liberta Jesus do poder paterno da sua família, tem prioridade sobre as relações mais sagradas (Lc 2,49). Os seus pais deveriam compreender que a sua filiação divina lhes impusera desligar-se deles e das suas expectativas (cf. Mt 16,23; Jn 8,29; 9,4; 14,31).

Nada de extraordinário, pois, que os angustiados pais ficassem desconcertados ao encontrá-lo no templo, «*sentado entre os doutores*» (Lc 2,48), e não tivessem entendido nem uma palavra do que lhes disse o seu filho (Lc 2,50); puderam sentir-se decepcionados, senão mesmo enganados (cf. Gn 12,8; 20,9; 29,25; Ex 14,11; Jz 15,11). Nem a maternidade virginal, nem a estreita convivência diária, tornou mais acessível a Maria a pessoa e o destino do seu filho. Como qualquer crente, Maria tomou o episódio por normal, mas não menos doloroso, o facto de Jesus se ter extraviado. Depois de três dias de angustiada procura, pensou tê-lo recuperado..., para ter que aceitar, logo a seguir, tê-lo perdido, desta vez sim, definitivamente (Lc 2,48-49).

Adolescente ainda, proclamou Deus como Pai (Lc 2,49), tal como o voltará a fazer antes de morrer (Lc 23,46). E não foi mais custoso para Maria que tivesse de ver no seu filho o filho de Deus, mas o ter de a partir de então, conviver com um filho que *se sabia*, e assim se queria, *de Deus* (Lc 2,49). Sem o dizer expressamente, Lucas dá-nos a entender que Maria viveu essa situação, desde a adolescência de Jesus até ao início do seu ministério público (cf. Lc 3,23). A mãe, para continuar a sê-lo (cf. Lc 8,19-21; 11,27-28), teve de tornar-se mais crente¹⁰¹, guardando «*no seu coração todas essas coisas*» (Lc 2,51) que não compreendia com a mente. Será casual que esta tenha sido a última reação de Maria no relato da infância de Jesus?

A filiação divina, reivindicada tão cedo por Jesus, não o dispensou de viver submetido aos seus pais durante a maior parte da sua vida (cf. Lc 4,22; Mc 6,3; Mt 13,55). Regressa com os seus pais a Nazaré e

vive debaixo da sua potestade. Esse regresso, depois de uma declaração tão contundente da sua identidade, torna mais extraordinário o ordinário: submissão a uns pais, que não são, vendo bem, o seu Pai. A Maria não lhe passa despercebido o que acontece: o seu filho amadurece como homem e como filho de Deus, simultaneamente. E mesmo sem entender, tão pouco o esquece. No coração guarda o sucedido: aquilo que lhe acontece não passa à margem, sem incidências, sem deixar rasto nela (Lc 2,51b)¹⁰².

Ela vê crescer diante de si o seu filho, como homem. E ao lado dele deve crescer ela como crente. Conviver com Deus, sem o entender é a forma mariana para não o perder (Lc 2,19; cf. 8,19-21; 11,27-28). Entretanto, Jesus continua a progredir em sabedoria, (Lc 2,52), em idade e em graça diante de Deus e dos homens. Maria acompanha, sempre mãe, o crescimento do seu filho com o crescimento da sua fé. No longo silêncio de Nazaré torna-se homem Deus e no seio de uma família aprende a ser homem. Ambos os processos acontecem sob o olhar silencioso e contemplativo de Maria, a mãe de Jesus.

Uma Releitura

Maria deve ter-se sentido um tanto surpreendida, senão mesmo incomodada com o seu Deus. Somente se lhe tinha proposto dar à luz o filho de Deus; foi unicamente a isso que assentiu. Por isso, podia esperar voltar ao seu antigo projeto de vida (Lc 1,28: «*virgem desposada com um homem chamado José*») uma vez realizado o projeto de Deus (Lc 1,31: «*conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus*»). Não foi assim. Terá de iniciar uma aventura com Deus justamente no ponto em que pensava que teria concluído. *Deus não deixa facilmente descansar os seus melhores servos*. Aquele que lhe jura obediência está “perdido”.

Uma nova etapa de fé, aberta e sustentada por um contínuo discernimento, abre-se quando Maria, tendo terminado a sua maternidade em Belém, tem de ouvir da boca de uns desconhecidos o sentido que Deus vai dar ao nascimento do seu filho. Os pastores, gente simples e marginalizada, são os escolhidos por Deus para receberem as primícias do Evangelho... e evangelizar, depois a mãe de Jesus; eles são a “personificação de uma atitude de espontânea

credulidade diante da mensagem que se lhes acaba de transmitir¹⁰³. *Só os simples são capazes de identificar, sem perder a fé, a imensidade de Deus na criança que repousa num presépio.*

Por não se escandalizarem com um Deus tão insignificante tornam-se evangelizadores de Maria. A mãe de Deus reage deixando-se evangelizar por aqueles que Deus lhe enviou (Lc 1,12.15-16). Ao contrário dos pastores, que caminham louvando a Deus, e das pessoas, que ficam admiradas por quanto Lhos ouviram contar, Maria tenta chegar ao sentido mais profundo do que tinha vivido e de tudo o que lhe contaram. E sem deixar de indagar pessoalmente tudo quanto Deus lhe está dizendo no que acontece, empenha-se em viver as coisas com o coração. Guarda tudo o que lhe acontece e não compreende logo ali, onde ninguém pode entrar a não ser somente Deus (cf. Mt 6,6). *Não foi por entender com a mente, mas por guardar no seu coração como Maria discernia, contemplando, quer dizer, “compreende e experimenta na sua carne aquilo que crê”*¹⁰⁴.

O Deus que não se entende pode parecer insignificante e inservível, todas as vezes que não se tenha a coragem de mantê-lo como objeto de contemplação. *Olhar tudo com carinho e guardá-lo com atenção* é o método mariano de se ficar diante *de Deus que, por fazer-se para nós como algo pequeno ou demasiado normal, não chegamos a compreender*. Não poderemos, porventura, como Maria, dar corpo a Deus. Mas, pelo menos, poderíamos atrever-nos a olhá-lo e a adorá-lo com o coração: é ali onde Deus cabe como Deus tão entranhável como incompreensível.

Cumpridos os dias de purificação, os pais de Jesus apresentaram o seu primogénito a Deus no templo, em obediência à lei (Lc 2,22). Ao fazê-lo Maria bem pode dar por cumprida a missão que tinha aceitado, dar um filho a Deus (Lc 1,31.35). Teve de aprender que dificilmente se foge de Deus a quem se deu crédito. No templo esperavam aqueles que, em nome de Deus, lhe desvelariam o futuro do seu filho e o seu próprio. Causa surpresa, se não mesmo incompreensão, que Deus volte a dar a conhecer a Maria o seu futuro por meio de duas pessoas desconhecidas. *Que iria dar à luz um filho já um anjo lho anunciara* (Lc 1,31-32). *Que a sua vida estaria repassada de dor foram uns estranhos que lho disseram* (Lc 2,34-35).

Em Jerusalém, e durante uma peregrinação por altura da Páscoa (Lc 2,41-42), Maria tinha perdido o seu filho adolescente. O convívio com Jesus ia-se tornando cada vez mais penoso, menos tranquilo... Quem disse que a familiaridade com Deus devia tornar-se confortável e sem sobressaltos? É consolador que Maria tenha passado por essa experiência, tão habitual em nós, o perder a Deus ¹⁰⁵. *Um Deus que pode extraviar-se de nós, não merecerá maiores cuidados?* Um Deus que podemos perder, e no Templo, não faz com que nós o tratemos melhor, o atendamos melhor? Passar pela experiência da sua perda não deve constituir uma vivência negativa nem, muito menos, traumática, se nos damos conta de que essa foi uma experiência mariana. Ou por acaso não nos consola saber que estamos na companhia da Mãe de Deus nesses momentos nos quais não sabemos para onde foi parar Deus?

Mas se nos consola saber que um dia também Maria perdeu Jesus, também nos deveria inspirar ainda mais a sua procura ansiosa até o encontrar. Não o encontrou só com o facto de notar e lamentar a sua ausência. Nem se desculpou ao aperceber-se de que fora ela a responsável por isso. Foi imediatamente procurá-lo entre os familiares e amigos, acabando por encontra-lo no Templo – poderia ser de outro modo? – no Templo, falando de Deus. Será que nós somos assim industriais, quando perdemos a Deus? Somos capazes de suportar a sua ausência nas nossas vidas, somente porque nos parece que Ele não deveria ter-nos abandonado ou que não está a ser demasiado justo escondendo-se de nós? Onde é que O procuramos?

O encontro de Jesus não foi um final feliz para Maria ¹⁰⁶. A resposta de Jesus à queixa de sua mãe (Lc 2,48: *«porque procedeste assim conosco?»*) foi, no mínimo, um ato de desconsideração (Lc 2,49: *«Porque me procuráveis?»*). Maria não se sentiu respeitada na sua dor, nem compreendida na sua angústia. Não entendeu o filho, pois não o recuperou de todo, quando o encontrou; começou a perdê-lo à medida que Ele queria ser filho de Deus. Mas *aceitou-O como Ele queria ser*, diante de tudo e de todos, o filho de Deus. Era o seu dever indeclinável, o seu destino agora assumido (Lc 2,49). Teve de acompanhar o crescimento do seu filho e a sua autoconsciência divina como crescimento da sua fé pessoal ¹⁰⁷. Será que existe outro método de acompanhar a Deus na vida? Pode-se conviver com Deus em casa sem uma fé total no coração?

Maria lembra-nos que *Deus pode sempre pedir-nos mais do que lhe tenhamos dado já*. O dever cumprido não nos exime da obediência do que está para vir. Ser mãe de Deus não a tornou mais ditosa do que era antes, mas manteve-a mais perto do seu filho. Ele será para ela mais motivo de tropeço e ela, mãe dolorosa. Deus não permite que ninguém entre na sua própria vida. E o que é ainda mais estranho é que nunca diz o que quer de alguém de uma vez por todas; vai-o manifestando passo a passo e através de mediações menos imponentes. Apresenta as suas novas exigências, depois de se terem cumprido as anteriores: “a cada descoberta segue um novo enigma”¹⁰⁸. Superada a prova da obediência (Lc 1,38.45), Maria iniciou um processo de aprendizagem, marcado pela incompreensão (Lc 2,19.51), não isento de dor (Lc 2,35) nem imune de solidão (Lc 8,20-21).

Assim, *pedagogicamente, sem esmagar com tarefas acumuladas Deus favorece o crente para que se mantenha em estado de contínua obediência*. É bem verdade que nem todos aguentamos essa pedagogia, nem o ritmo, de Deus. E é nisso em que se estriba a diferença. Maria, embora mãe, sempre se manteve serva do seu Deus. Será que estamos dispostos a aprender com Maria?

63 SÍNODO DOS BISPOS, XV Assembleia Geral Ordinária, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. Documento preparatório (=DP), n.º. 3.

64 DP, III, 5.

65 “Pequena povoação de uns 500 habitantes, situada na baixa Galileia..., num meio muito fértil. Os seus habitantes eram seguramente agricultores, por conta de outrem... Aqueles que não se dedicavam à agricultura eram modestos artesãos” (Isabel GÓMEZ ACEBO, *Lucas*, Estella, Verbo Divino, 2010, 39).

66 A tradição evangélica menciona José sempre em relação com a origem de Jesus (Lc 1,27; 2,4.16; 3,23; 4,22; Mt 1,16-24; 2,13.19; Jo 1,45; 6,42). A linhagem davídica do esposo de Maria (Lc 2,5; cf. 2 Sm 7,1-17), legítima, antecipadamente, a filiação davídica de Jesus (Mt 9,27; 12,23; 15,22; 20,30.31; 21,9.15; Mc 10,47-48/Lc 18,38-39). Nenhum autor do NT afirma que Maria fosse da estirpe de David.

67 Deus chama Maria “para ser instrumento do seu plano e leva-a por um processo para o qual não tinha tido formação ou preparação prévias. Deus simplesmente lhe promete estar com ela durante toda a experiência e ela responde com a sua boa disposição” (Darrel L. BOCK, *Lucas*. Do texto bíblico a uma aplicação contemporânea, Miami, Editorial Vida, 2011, 57).

68 “A resposta normal à saudação do anjo é um silêncio desassossegado (v.

29), e «não temas», o estímulo esperado (v. 30). As dúvidas (ou, como aqui, a pergunta, v. 34) são uma reação habitual a uma mensagem divino, que forçosamente apanha qualquer pessoa de surpresa. Segundo as regras, o anjo promete um sinal (v. 34), que é ao mesmo tempo a resposta à pergunta” (François BOVON, *El evangelio según San Lucas*. I. Lc 1-9, Salamanca, Sígueme, 1995, 105).

69 Gabriel aparece a Zacarias para dizer-lhe, sem o ter saudado, que as suas preces foram escutadas e que terá um filho (Lc 1,11-13); ao contrário, é enviado a Maria e, depois de a ter saudado, chega a dizer-lhe que, sem ela o pedir, encontrou graça diante de Deus (Lc 1,26-28). A diferença é notável.

70 Cf. Juan J. BARTOLOMÉ, “‘Alégrate, agraciada’ (Lc 1,28). La alegría de ser llamada”, *Ephemerides Mariologicae* 60 (2010) 217-229.

71 “Both as a woman and a young person, Mary had virtually no social status. Neither the title (‘favored’ or ‘graced one’) nor the promise (‘the Lord is with you’) was traditional in greetings, even had she been a person of status” (Craig S. KEENER, *The IVP Bible Background Commentary*. New Testament, IVP Academic, Downers Grove, Ill., 22004, 181).

72 A palavra «graça» “põe o acento na fonte da bondade mais do que nos seus efeitos. No que refere a Maria, em concreto, assinala que é objeto da graça e o favor de Deus” (Carroll STUHLMUELLER, “Evan-

gelio según san Lucas”, Raymond E. BROWN – Joseph A. FITZMYER – Roland E. MURPHY, eds., *Comentario Bíblico San Jerónimo. III, Nuevo Testamento 1*, Madrid, Cristiandad, 1971, 314).

73 Semelhante reação poderia indicar também que Maria intuísse, pelo menos inicialmente, o que implicavam tais palavras. E, de outro modo, não se entenderia bem a sua perturbação (cf. Mt 2,2-3).

74 Joseph SCHMIDT, *El evangelio según San Lucas*, Barcelona, Herder, 1968, 63.

75 Maria não torna pública a sua intenção de permanecer virgem. A fórmula não expressa o propósito para o futuro, revela antes o seu estado atual (cf. Gn 4,1). Nem a virgindade era um ideal de vida para uma mulher judia, nem é lógico supor em Maria, que estava já desposada (Lc 1,28), o tivesse adotado. Mais inverosímil ainda, por não ter apoio algum nos dados bíblicos ao dispor, seria de supor que antes do anúncio se tivesse posto de acordo com o consorte (cf. Mt 1,18.20).

76 BOVON, *Lucas*, 115

77 Lc 1,7.36: Isabel era estéril e idosa; Lc 1,34: Maria é virgem. Ambas, e enquanto o forem, são incapazes de procriar, ou seja, de realizar por si mesmas o que o anjo lhes prometera.

78 “Joseph is a son of David, but Mary has not yet joined his household and thus has no claim on his inherited status... She is not introduced in any way that would recommend her to us as particularly note-

worthy or deserving of favor divine... Nothing has prepared her (or the reader) for this visit from an archangel or for such exalted words denoting God’s favor” (Joel B. GREEN, *The Gospel of Luke*, Grand Rapids – Cambridge, W. E. Eerdmans, 1997, 86).

79 Todos os relatos bíblicos de vocação apresentam-se – com maior ou menor clareza – como diálogo que Deus estabelece com quem escolhe e a quem encomenda uma missão. É quem se compromete com o chamado e lhe facilita até a resposta que pede dele. Responder a esse diálogo possibilita aceder a Deus Pai, ter a Deus por filho e possuir Deus como Espírito que facilita o impossível. Nem mais nem menos.

80 “In describing herself as the Lord’s servant (cf. 1:48), she acknowledges her submission to God’s purpose, but also her role in assisting the purpose” (GREEN, *Luke*, 92).

81 Raymond E. BROWN – Karl P. DONFRIED – Joseph A. FITZMYER – John REUMANN, *María en el Nuevo Testamento. Una evaluación conjunta de estudiosos católicos y protestantes*, Salamanca, Sígueme, 21986 127.

82 DP, III,5.

83 SCHMIDT, *Lucas*, 92.

84 É incerta a vinculação do nascimento de Jesus em Belém com o censo de Quirino, que teria tido lugar por volta do ano 6 d. C. (At 5,37; JOSEFO, *Ant.* 17,13,5; 18,1,1). Não

existe – ainda – evidência sobre um censo universal sob Augusto (27 a. C. – 14 d. C.) nem sobre a obrigação dos contribuintes em estabelecer-se no lugar dos seus antepassados; o usual era que se registassem no sítio onde tivessem propriedades ou domicílio. Cf. Joseph A. FITZMYER, *El evangelio según Lucas*. II. Madrid, Cristiandad, 1986, 208–218. Según KEENER, “pottery samples suggest a recent migration of people from the Bethlehem area to Nazareth around the period, so Joseph and many other settlers in Galilee may have hailed from Judea. Joseph’s legal residences is apparently still Bethlehem, where he had been raised” (Commentary, 185).

85 BOVON, *Lucas*. I, 176.

86 “No nascimento de Jesus reina la solidão. A sombra da cruz projeta-se já sobre estes primeiros dias da sua vida” (Luis F. GARCÍA-VIANA, “Evangelio según san Lucas”, en Santiago GUIJARRO – Miguel SALVADOR (eds.), *Comentario al Nuevo Testamento*, Madrid, Casa de la Biblia, 1995, 196).

87 Os motivos paralelos são evidentes: aparição angélica (*Lc* 1,26; 2,10), não temas/temais (*Lc* 1,30; 2,10), dar à luz (*Lc* 1,31; 2,11), Salvador (*Lc* 1,31; 2,11), Filho do Altíssimo, Messias (*Lc* 1,32; 2,11), trono/cidade de David (*Lc* 1,32; 2,11), sinal (*Lc* 1,36; 2,12), afasamento angélico (*Lc* 1,38; 2,15).

88 À diferença de Mateus, o qual faz que uns sábios pagãos vão à procura do rei dos judeus com intenção de adorá-lo (*Mt* 2,1–2), Lucas, mais sensível com os margi-

nalizados, prefere que uns pastores, gente marginal em Israel, escutem de um anjo a boa notícia (*Lc* 2,10).

89 “Nothing very glorious is suggested by the circumstances of the Messiah’s birth. But that is Luke’s manner, to show how God’s fidelity is worked out in human events even when appearances seem to deny his presence or power” (Luke T. JOHNSON, *The Gospel of Luke*, Liturgical Press, Collegeville, 1991, 52).

90 *Lc* 2, 1–5 situa o nascimento de Jesus em Belém dentro da história universal e, à diferença de *Mt* 2,5–6, no cumprimento de uma decisão política, não do anúncio profético (*Mq* 5,1–3).

91 “Mediante os sinais, respeitam-se a transcendência de Deus e a independência da sua ação; mas o sinal apresenta ao mesmo tempo... que Deus actua certamente no meio deste mundo” (BOVON, *Lucas*. I, 184). A diferença com os magos do relato de Mateus, é evidente: os pastores em Lucas não precisam de perguntar (*Mt* 2,1–2), porque lhes foi revelado (*Lc* 2,11); não caminham incertos, seguindo estrelas no céu (*Mt* 2,9–10), porque sabiam que o iriam encontrar «envolto em panos e deitado numa mejedoura» (*Lc* 2,12).

92 “‘Amazement’ is not tantamount to faith... This is the response of the undifferentiated crowds in 2:18, but not of Mary. For her, more reflection is needed in order to appreciate fully the meaning of this concurrence of events” (GREEN, Luke, 138).

93 BOVON, *Lucas*. I, 191. Maria “ouvira a

palavra do modo que Deus quer” (Alois STÖGER, *El evangelio según San Lucas*, I, Barcelona, Herder, 1979, 87).

94 “This last expression has sometimes been interpreted as coming to a right understanding of its significance. More likely, however, is Luke’s narrative it retains the idea of puzzlement. Here and in the episode in the temple, Mary has not yet come to a complete understanding of the significance of Jesus” (E. FRANKLIN, “Luke”, John BARTON – John MUDDIMAN, eds., *The Oxford Bible Commentary*, Oxford, University Press, 2001, 929).

95 À diferença de João, que recebe o nome de Zacarias, seu pai, uma vez nascido (*Lc* 1,63), os pais de Jesus puseram-lhe o nome que lhes tinha dado o anjo, antes de ser concebido (*Lc* 2,21). Lucas, além disso, silencia o ritual do resgate de Jesus como primogênito (cf. *Ex* 13,2.12-13).

96 Além dos seus pais (*Lc* 2,21), em Lucas Jesus é chamado pelo seu próprio nome somente pelo endemoninhado de Gerasa (*Lc* 8,28), os dez leprosos (*Lc* 17,13), e cego de Jericó (*Lc* 18,38) e o bom ladrão (*Lc* 23,42); todos eles pessoas a quem salvou.

97 “This closing remark reminds us that Jesus will be reared in a home headed by parents who stand on the side of God’s purpose” (GREEN, *Luke*, 152).

98 Há quem sugira que a divisão e controvérsia que Jesus vai suscitar durante o seu ministério público é partilhada por Maria: “como parte de Israel, deve ser julgada pela sua reação última para com o menino

posto como causa da queda e ressurgimento de muitos” (BROWN – DONFRIED – FITZMYER – REUMAN, *María*, 155).

Também ela “a crente modelo, terá de decidir-se a favor ou contra da revelação de Deus em Jesus; os vínculos familiares não sucitam a fé” (Robert J. KARRIS, “Evangelio según Lucas”, em Raymond E. BROWN – Joseph A. FITZMYER – Roland E. MURPHY, eds., *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo. Nuevo Testamento y artículos temáticos*, Estella, Verbo Divino, 2004, 146). Mas não parece justificado ver aqui algum “tipo de dúvida cristológica no coração de Maria”; antes pelo contrário, prediz-se que “a obra pública de Jesus terá consequências pessoais” (BOVON, *Lucas*, I, 214).

99 SCHMIDT, *Lucas*, 114.

100 Não havia unanimidade sobre o dever de participar na peregrinação que obrigasse mulheres e crianças (cf. *Bill* 2,141-142).

101 Em *Lc* 2,19 *synterein*, preservar, guardar, descreve a reação de Maria, em *Lc* 2,51 usa-se *diaterein*, um sinónimo que aponta mais para a duração; a sua utilização em *Gn* 37,11; *Dt* 4,28 indicaria “a perplexidade de uma pessoa que tenta compreender o significado profundo daquilo que lhe foi contado” (FITZMYER, *Lucas*, II, 233).

102 “Maria não captou de imediato tudo o que ouvira, mas escutava de bom grado, deixando que os acontecimentos calassem na sua memória, e procurando extrair

deles um significado... A ideia do seu crescimento como crente quadraria também com 2,51, onde é dito que guarda no seu coração palavras difíceis de Jesus, que encerram uma repreensão para ela” (BROWN – DONFRIED – FITZMYER – REUMAN, María, 150).

103 FITZMYER, Lucas. II, 205. “They were peasants, located toward the bottom of the scale of power and privilege... Good news comes to peasants, not rulers; the lowly are lifted up” (GREEN, Luke, 130-131).

104 BOVON, Lucas. I, 192.

105 “What readers cannot identify with the shock, anguish, and confusion of the parents, or the tension felt by the adolescent between piety owed parents and the pull of a higher vocation?” (JOHNSON, Luke, 60).

106 Mais ainda para José, o qual, a partir deste momento, desaparece do relato, e da vida de Jesus.

107 “Maria experimentará na sua própria carne o significado dessa divisão familiar que o cumprimento da missão do seu filho vai trazer como consequência; as suas relações com Jesus não vão cingir-se ao âmbito puramente maternal, mas vão implicar uma vinculação transcendente, superior aos laços da carne e do sangue, ou seja, a fidelidade do discípulo” (FITZMYER, Lucas. II, 248).

108 STÖGER, Lucas. I, 106.

Testemunhos

Filipa Andrade – Grupo do Estoril



Filipa Andrade nasceu no dia 9 de abril de 1965. É casada e tem dois filhos.

Licenciada em enfermagem, pela Escola Superior de Enfermagem de São Vicente de Paulo, em 1987, obteve o Curso de Especialização em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediátrica, em 1997, na Escola Superior de Enfermagem Francisco Gentil; o Mestrado em Saúde Comunitária, em 2004, na Universidade Nova de Lisboa; e aguarda a defesa da tese de Doutoramento sobre a parentalidade das famílias em situação de sem-abrigo, na Universidade Católica Portuguesa.

Exerceu a sua atividade profissional em hospitais públicos e em instituições privadas de saúde, e iniciou a carreira docente em 2000, na Escola Superior de Enfermagem de São Vicente de Paulo, incorporada, desde 2009, na Universidade Católica Portuguesa.

A sua área de interesse fundamental é a parentalidade, a promoção da saúde e o desenvolvimento integral da criança e do jovem.

Imbuída deste espírito, em conjugação com a sua prática católica, foi com alguma naturalidade que, em 1991, surgiu a motivação para criar, com os sobrinhos e outros jovens seus amigos, um coro para animar as Eucaristias, das 12h30, de Domingo, dos Salesianos do Estoril. Este facto foi marcante como caminho de conversão e de confirmação de muitos destes jovens, hoje, já adultos, mas que ainda participam no coro – considerado como “quase família”. Também os seus filhos se encontram a crescer, inseridos neste grupo, partilhando as várias experiências com todos os membros.

Para além da presença ininterrupta na Eucaristia dominical, ao longo de todos estes anos, o grupo gravou dois CD e organiza, anualmente, uma peregrinação, a pé, a Fátima, em outubro. Para além disto têm também a seu cargo, a preparação musical das celebrações do Natal e da Páscoa, bem como de encontros individuais e de grupo, sempre direcionados para o crescimento na Fé. Este coro é um grupo marcado pela alegria do encontro com Jesus, através da música.

Filipa participou em preparações para o Sacramento do Crisma e integrou, em 2012, o Conselho Pastoral dos Salesianos do Estoril (2012).

Marcou presença, como oradora, no congresso “E-ducuar”, em 2015 (Salesianos do Estoril) e no encontro “Faith’s Night Out 2018”, promovido pelas Equipas de Jovens de Nossa Senhora.

Foi, também, convidada a intervir em sessões organizadas para jovens da Paróquia do Estoril, bem como em encontros de alunos dos Salesianos do Estoril.

Intervém, regularmente, em sessões promovidas pela “Missão País”, pelos escuteiros (CNE) e em palestras que decorrem durante as peregrinações, a pé, a Fátima.

D. Maksym Ryabukha, SDB

D. Maksym Ryabukha nasceu a 18 de maio de 1980, em Lviv, na Ucrânia, no território da paróquia salesiana. Durante 12 anos frequentou o Oratório Salesiano, a catequese, o grupo de jovens, tendo sido, depois, animador.



Aos 15 anos foi, com os jovens do Oratório, para a Eslováquia, para participar num encontro com o Papa João Paulo II. Desde essa peregrinação, o pensamento de se tornar salesiano nunca mais o abandonou.

Depois de ter terminado o liceu, em 1997, iniciou, imediatamente, o caminho da vida salesiana: em 1998/99 fez o noviciado em Pinerolo, Itália; a 8 de setembro de 1999 fez a primeira profissão salesiana, em Turim – Valdocco; entre 1999/2001 realizou os estudos de Filosofia em Nave, Itália; 2001/02 foi o primeiro ano de estágio em Odessa, na Ucrânia; 2002/03 foi o segundo ano de estágio em Obroshyno, na Ucrânia. De 2003 a 2007 realizou os estudos teológicos em Turim, em Crocetta, tendo feito a sua profissão perpétua, em Lviv, a 19 de agosto de 2005. A 4 de agosto de 2007 foi a sua ordenação sacerdotal, em Lviv.

De 2007 a 2010, D. Maksym Ryabukha foi o encarregado do Oratório Salesiano de Lviv, em Pocrova; já de 2010 a 2011 foi o vigário

do diretor do Aspirantado Salesiano de Lviv – Vynnyky. Entre 2011 e 2013 desempenhou as funções de vigário do diretor da comunidade salesiana de Dnipro; e de 2013 a 2018 foi o encarregado da presença salesiana em Kyiv, na Ucrânia.

De 2015 a 2018 foi o encarregado da Pastoral Universitária Diocesana, em Kyiv, tendo sido, de 2016 a 2018 o intérprete da Nunciatura Apostólica, na Ucrânia, em Kyiv. Entre 2018 e 2022 foi o diretor da Casa Salesiana “Maria Auxiliadora” e responsável pelo Oratório Salesiano “Dom Bosco”, em Kyiv.

A ordenação episcopal de D. Maksym Ryabukha teve lugar em Kyiv, a 22 de dezembro de 2022. A 24 de dezembro de 2022 teve início o seu serviço pastoral no Arcebispado Exarcado de Donetsk, como bispo auxiliar.

Entretanto, não só obteve o grau de bacharel, em Filosofia e Teologia, como também iniciou os estudos para a obtenção de uma licença em Teologia pastoral e concluiu um mestrado em Direito, Pedagogia Social e Direção Escolar.

Grupo de Avigliana – Porto Seguro

Conferência

Adriana Silva



A irmã Adriana Silva, Filha de Maria Auxiliadora (FMA), da Província *Imaculada Conceição*, no Uruguai, nasceu a 28 de agosto de 1975.

Com uma licenciatura em Teologia Sistemática, a irmã Adriana concluiu, em 2020, o seu Doutoramento.

De 1999 a 2006 foi Coordenadora Nacional da Pastoral Vocacional das HMA, no Uruguai. Já entre 2007 e 2014, desempenhou as funções de responsável da Pastoral Paroquial, na Paróquia de San Lorenzo, em Montevideo, no Uruguai. Foi, também diretora da casa de formação inicial das FMA, em Montevideo.

Atualmente, é a diretora-geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora de Montevideo, bem como docente na Faculdade de Teologia do Uruguai; docente no Seminário Mayor interdiocesano Cristo Rey; e docente na Faculdade Pontifícia Auxilium, em Roma.

Participou já em diversos congressos e conta com várias publicações já editadas.

Maria e a Educação dos jovens de hoje

Não é possível iniciar esta reflexão sem fazer alusão ao sonho de Dom Bosco, conhecido como o ‘Sonho dos nove anos’, no qual se enquadra a temática geral deste congresso e que é ícone inspirador da identidade e missão de toda a Família carismática por ele fundada. Trata-se particularmente de uma síntese programática do método educativo salesiano: o ‘Sistema Preventivo’, que se transforma em método pedagógico e, por sua vez, em espiritualidade, pois é algo mais do que uma técnica, é um estilo de vida. Por isso, Piera Cavaglià (FMA) dirá que:

“O Sistema preventivo é vida, experiência na qual [o/a educador/a] se encontra imerso/a, estilo de relações, ma-

ternidade educativa, na lógica de uma entrega revestida de carinho e de cuidado amoroso [...] O seu objetivo é orientar as pessoas para a qualidade de uma vida cristã comprometida e, como tal, aberta à solidariedade social, segundo a clássica fórmula de Dom Bosco: ‘Bons cristãos e honestos cidadãos’.¹⁰⁹

Este método e espiritualidade preventiva, Dom Bosco ‘aprende-o’, ou seja, torna-o seu, entrando na escola de Maria, a Mãe e Mestre que o Senhor Jesus lhe deu no início do seu caminhar. São muitas as fontes carismáticas que põem em evidência a inspiração mariana do ‘Sistema Preventivo’.¹¹⁰ Em diversos livros, tanto de mariologia como de espiritualidade mariana, mesmo não salesiana, indica-se a figura de Dom Bosco como uma ‘vida mariaforme’,¹¹¹ ou seja ‘uma vida guiada por Maria’.¹¹² O próprio sonho, conhecido como o ‘o sonho dos nove anos’, na realidade é um conjunto de sucessivos sonhos e visões que unificaram toda a sua vida em torno da Mestre, que o conduz ao amor misericordioso e operativo de Cristo. É assim que o percebe o mesmo Dom Bosco já no fim de 1887 durante a celebração da Eucaristia por ocasião da consagração do templo do Sagrado Coração em Roma¹¹³. Sonho que se tornou muito frequente no início da sua vida, aos nove ou dez anos; aos dezasseis, vinte e um e vinte e dois¹¹⁴; assim como nos anos prévios à fundação da Congregação Salesiana, quando tinha vinte e nove, trinta, trinta e um, trinta e três e quarenta e um¹¹⁵, tornando-se cada vez mais esporádicos¹¹⁶, mas por sua vez adquirindo uma amplitude de perspectivas, como é o caso do sonho missionário de 10 de abril de 1887.¹¹⁷ O Pe. Aldo Giraldo afirma que Dom Bosco encontrou em Maria tudo o que o seu espírito jovem desejava e necessitava para crescer: uma fonte de vida, um modelo insuperável e a força vitoriosa de Cristo¹¹⁸, que o levou a ganhar a amizade dos jovens mais necessitados e mais carentes e a pôr-se à cabeça dos mesmos para guiá-los para Cristo, fonte de toda a beleza, verdade e bondade, mediante a pedagogia do coração; essa que só uma mãe sabe inspirar. Por isso, o estilo educativo salesiano não pode não ser mariano, porque ela é a inspiradora da metodologia e da espiritualidade que a sustenta. O educador e a educadora salesiana encontra nela “a síntese concreta das distintas componentes e a fonte vital do seu dinamismo e da sua fecundidade”.¹¹⁹

A educação é um processo que pretende ‘tirar para fora’, em latim *educere*, quer dizer ‘fazer emergir’ o que há de mais genuíno e próprio de cada pessoa, aquilo que habita na profundidade do seu ser, da sua identidade. A partir da fé em Jesus Cristo, acreditamos que o que há de mais genuíno e próprio em cada ser humano é a sua identidade criatural e o seu ser ‘filhos no Filho’ (cfr Ef 1,5; Gal 3,26). O que habita no mais íntimo de si mesmo é a sua filiação divina, o seu ser criado para estar em comunhão com Deus e com toda a sua criação. cremos que fora de Deus não há vida nem felicidade que perdure. Por isso, a Educação cristã é sempre uma participação na longa gestação dos filhos de Deus. Por conseguinte, a Educação cristã não é mais do que uma participação na missão educativa de Maria que, segundo S. João, está intimamente ligada à sua ‘maternidade espiritual’ para com toda a humanidade. No texto de Jo 19, 26-27 o Senhor Jesus do alto da cruz diz a sua Mãe: “eis o teu filho” e ao discípulo amado “eis a tua mãe”. Este não é o momento de nos determos na exegese desta importantíssima perícopes bíblica, mas é sim oportuno recordar que estas palavras são ‘Palavras de Revelação, tanto da identidade desta mulher, como da identidade dos seguidores de Cristo. Ou seja, é vontade de Cristo que os discípulos de todos os tempos participem da sua filiação divina, participando também da filiação mariana. Por virtude do Espírito de Cristo, Maria é por assim dizer, o útero materno do ‘carácter de membro’ da Família de Deus. Não simplesmente num sentido platónico, mas que, na hora da morte de Cristo, ela foi de algum modo via de trânsito pessoal da *actio personalis ipsius Christi*, pela qual Ele deu à Igreja o seu pneuma: força operante e mediação que ‘faz emergir’ a identidade do ‘filho no Filho’.¹²⁰

Em última análise, Maria por vontade de Cristo torna-se a mãe da nova humanidade que nasce pelos méritos do seu sangue redentor. Por conseguinte, como mãe, não somente tem uma participação na ‘geração’ dos filhos’ (cfr Ef 4,24) no fazer emergir a imagem de Cristo (cfr Gal 4,19), mas em todo o processo vital e existencial de configuração com a identidade mais profunda que todo o ser humano leva impresso no seu ser: o Filho eterno do Pai. Maria, como ‘Mãe espiritual’, ou ‘Mãe no Espírito Santo’ torna-se ‘educadora’, Mestra que colabora com o Espírito do Senhor para que cresça, segundo as leis naturais pelo Pai criada, a imagem de Cristo em cada ser humano.

Dom Bosco, no chamado ‘Sonho dos nove anos’ recebeu uma revelação privada do Senhor na qual Deus lhe permitiu ter plena consciência desta identidade mariana como Mãe e Mestre, e foi convidado a entrar na sua escola. Ou seja, não somente a deixar que Maria continuasse a educá-lo, configurando-o com Cristo, mas a participar no seu ‘ministério’ na Igreja, o da maternidade/paternidade que educa, especialmente aqueles filhos que o ‘mundo’ considera como perdidos. Ninguém mais do que Maria sabe que o Espírito do seu Filho sara os corações e os conduz às fontes de vida em abundância (cfr Jn 10, 10).

Como filhos e filhas de Dom Bosco, convido-vos a fazer um pequeno exercício: entrar na escola de Maria, para aprender dela, da sua trajetória, como ser educadores salesianos hoje; como educar os jovens de hoje à maneira de Maria. Para isso, perguntamo-nos: quem é esta mulher? Como no-la apresentam os Evangelhos, como no-la apresenta a Igreja desde as origens do cristianismo? Visto que, no fundo, os Evangelhos são a memória da Igreja nascente, que é escrita para os crentes de todos os tempos. Perguntamo-nos: como é que a recorda a Igreja da primeira hora? Quem responde a essas perguntas com muita clareza é o evangelista S. Lucas, na primeira parte do seu Evangelho, que é impropriamente chamada teologia da infância, pois na realidade é teologia da cruz, e assim deveria chamar-se: *theologia crucis*. Todos sabemos que Lucas escreveu os textos da infância de Jesus depois de narrar a morte e a ressurreição de Cristo, visto que a origem de Jesus só se aprende no final do seu caminho. Estes dados evangélicos situam Maria dentro da fé cristológica, não como o seu centro, mas intimamente ligada a ela.

No texto de Lc 1, 26-38,¹²¹ Maria é apresentada de um modo convencional, mas ao mesmo tempo, chama a atenção o facto de que faltam dados convencionais. Percebe-se que o narrador, intencionalmente reduz os dados, deixando a personagem em boa condição para uma criação narrativa, pois ao haver menos dados convencionais, dá ao autor mais possibilidade para destacar os elementos que expressam a sua essência. Por exemplo, no texto não se menciona a casa paterna de Maria, nem o seu clã de pertença; a cidade não é um dado de identificação, mas um dado situacional, “o anjo Gabriel

foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré”. Trata-se de uma apresentação muito ampla, com poucos pormenores. O narrador oferece-nos uma foto em primeiro plano, pois cortou-lhe todo o contexto. Gostaríamos que Lucas nos oferecesse mais dados e informação sobre a futura mãe de Deus, mas o narrador oferece-nos os dados mínimos, mas que são essenciais, procurando ajudar o leitor a compreender a autêntica e profunda identidade desta jovem mulher. Podemos inferir que, segundo S. Lucas, a identidade de uma pessoa, embora esteja condicionada pelos parâmetros biológicos, culturais, sociais, é a dimensão espiritual e transcendente a que tem um papel ‘determinante’ na construção de quem é realmente esse ser. No caso concreto de Maria de Nazaré, segundo o evangelista, é o processo de fé, quer dizer, o dinamismo de acolhimento e de resposta a Deus, aquilo que foi configurando e dando consistência à identidade desta jovem, já que para o autor sagrado o traço principal e caracterizante de Maria é a sua fé ativa e passiva posta de manifesto particularmente na bem-aventurança que recebeu da sua prima Isabel (cfr Lc 1,45), a partir da qual se construiu o primeiro título que a Igreja atribuiu a Maria: a mulher crente.

“Ao sexto mês, o ἄγγελος [mensageiro-emissário de Deus] foi enviado a uma cidade da Galileia chamada Nazaré e entrou onde uma παρθένον [jovem] que estava desposada com um homem chamado José, que era descendente de David; e o nome da virgem era Maria” (vv. 26-27).

Maria é apresentada na história humana com coordenadas cronológicas e geográficas bem precisas. O autor sagrado situa-a num tempo concreto, ‘no sexto mês’¹²² e num espaço determinado, ‘uma cidade da Galileia chamada Nazaré’. Estes não são dados somente informativos, mas teológicos: Deus entrou na história humana, fez-se semelhante a nós, nascendo de uma mulher (cfr Gal 4,4). Maria segundo o dado bíblico não é uma semideusa, uma divindade feminina. Trata-se de uma menina que está na história como nós o estamos agora. O seu mundo é o nosso mundo, é o mundo do leitor. Maria já a partir do ‘vamos’ aprendeu, do mesmo mensageiro de Deus, que para fazer *educere*, a identidade mais profunda de uma pessoa humana, é necessário entrar na sua história concreta com as suas lutas e vicissitudes. O anúncio que Deus faz a Maria,

através do seu mensageiro, sucede de modo pouco habitual para as expectativas religiosas do momento. Para começar, esta revelação de Deus não tem lugar no templo, no santuário, como aconteceu com Zacarias, nem sequer em Jerusalém, a cidade santa (cfr Lc 1, 8-11), nem sequer na região da Judeia, uma região de gente bem-conceituada a nível religioso. Deus acontece numa zona da periferia, semi-pagã, onde habita gente que não é bem vista, que não goza de boa fama porque está em contacto permanente com gente de outro pensar e que adoram outros deuses (cfr Jo 7,41.52). Deus oferece uma boa notícia na Galileia dos gentios, no meio de um povo que caminha nas trevas (cfr Mt 4, 12-16). O mensageiro de Deus não foi enviado a uma grande cidade, a uma metrópole daquele tempo, foi enviado a um povo pequeno de Nazaré, que, antes deste acontecimento, não tinha sido mencionado nem uma só vez nos textos bíblicos (cfr Jo 1, 46).

Estes versículos oferecem-nos ainda dois dados mais sobre esta mulher, trata-se de uma jovem virgem que estava desposada, o seu nome era Maria. A par do seu nome o autor dá conta da situação pessoal e existencial desta pessoa. Os textos bíblicos que utilizamos costumam traduzir o termo grego παρθένον, por Virgem, a que nós costumamos dar uma interpretação restritiva, restringindo o seu significado ao âmbito sexual. Pelo contrário, o autor ao dizer-nos que é uma παρθένον, está-nos a dizer que se trata de uma jovem, uma pessoa que está a viver a passagem da infância para a vida adulta. Já não é uma menina, mas ainda não é mulher, não está casada em sentido estrito, pois não conhece varão; é uma jovem que aguarda o dia do seu casamento, embora já comprometida com alguém com quem não teve relações conjugais. É alguém do sexo feminino que está no início da vida adulta. Segundo a tradição bíblica, o nome de uma pessoa condensa a sua identidade, visto que sintetiza o passado dessa pessoa em ordem a um presente, e anuncia o seu futuro em função de uma determinada missão. O narrador apresenta-a com o seu nome, posteriormente esse nome encher-se-á de sentido ao ser pronunciado pelo mensageiro de Deus (v. 30) que, ao saudá-la pelo seu nome, lhe confere a sua identidade-missão. Não se trata de uma identificação social ou religiosa, trata-se antes da identificação de um tempo oportuno que se abre nela e com ela, pois com a sua livre adesão transforma-se na pessoa chave e pro-

tagonista da mudança de época e da novidade messiânica que está em marcha. Alguns artistas, fazendo referência à identidade simbólica de Maria, que reflete e mostra o tempo novo, o tempo messiânico, pintam-na como a nova e autêntica sarça ardente, que arde de zelo pela casa de Deus (cfr Sal 69,9), arde sem se consumir, como o fará o fruto do seu ventre, Jesus (cfr Jn 2, 17).¹²³

Nos vv. 28-30, S. Lucas afirma que o mensageiro de Deus entra em diálogo com a criatura humana Maria de Nazaré, saúda-a com a expressão que aos ouvidos da época ressoam às profecias messiânicas realizadas à Filha de Sião,¹²⁴ convidada à alegria e ao júbilo, porque o Senhor estava a caminho para vir libertá-la dos seus opressores. Com este diálogo do mensageiro com Maria, o autor sagrado não pretende que o leitor fique informado sobre o facto, sobre o modo como isso aconteceu. Pretende que o leitor do Evangelho entre no mistério que está a ser revelado. Uma primeira verdade teológica que descobrimos através deste texto é que Deus concebe cada pessoa humana, representada na figura de Maria, como um interlocutor. Embora sendo Deus, onipotente e onisciente, decidiu vir ao encontro de uma jovem inexperiente e insignificante pela sua condição feminina, pela sua idade e pela sua situação geográfica, à qual o autor não atribui, nem sequer, uma casa paterna ou um clã de pertença. Parafrazeando, diríamos que Maria no seu tempo era ‘uma Maria zé ninguém’. Muitos de nós, se tivéssemos estado ali, ter-nos-íamos perguntado, quem é esta? De onde é que ela veio? Alguém sabe quem ela é? Que mérito tem ela para ter sido escolhida para ser a mãe do Messias? Para ter sido a favorecida de Deus (κεχαριτωμένη). Que beleza tinha para Deus se deixar encantar por ela e atrair sobre ela o seu favor? Deixemo-nos levar por estas perguntas, a elas iremos respondendo pouco a pouco.

Zacarias é o primeiro a ser interpelado pelo mensageiro de Deus, por sua vez, Maria é apresentada como a primeira jovem que é interpelada e que entra em diálogo com Deus. Ambos são para S. Lucas uma contrafigura teológica. Zacarias, enquanto varão, adulto e sacerdote, segundo a cultura humanística e religiosa daquele tempo, estava mais preparado para compreender e entrar nos mistérios de Deus e, entretanto, não os entendeu, não foi capaz de entrar no mistério, até que se cumpriu o que lhe fora anunciado no templo. Ao passo que a juvenzinha de Nazaré que estava menos preparada,

quer pela sua tenra idade, e/ou pela sua condição feminina, para aceder às coisas sagradas, entra em diálogo com o Deus de Israel, e com a sua disponibilidade entra no dinamismo do mistério salvífico. Maria representa o que é frágil, o que é débil na cultura humanista daquele tempo, enquanto Zacarias representa o mais forte, o mais seguro, o menos vulnerável. Mas aquele que tinha tudo para reconhecer e compreender a Deus, fica mudo, ao passo que Maria dialoga, interpela, acolhe e canta as maravilhas que Deus faz. O que é que faz com que um fique mudo e a 'outra' cante? O processo de fé, que não consiste no processo de compreensão intelectual da mensagem de Deus, mas na disposição em confiar, em crer que nada é impossível para Deus, (v. 37), é abertura à novidade e ao inédito pois sabe que Ele pode agir quando quer e como quer (cfr Jo 3,8). Zacarias, ao sentir-se tão seguro de como Deus atua, como acontece com tantos adultos e profissionais da fé, pode ter caído na tentação de domesticar Deus e o seu projeto, perdendo a capacidade de reconhecer Deus na novidade e no inédito de uma esposa anciã poder conceber um filho.

Por um lado, temos de dizer que o facto mesmo de dizer que Maria seja humanamente uma "Maria Zé ninguém", ratifica o incondicional e gratuito do amor de Deus, que não depende do mérito humano. Ele ama-nos e está com o ser humano, porque assim o quer, porque ama com fidelidade e misericórdia, não pelo que lhe damos, mas pelo que somos aos seus olhos: filhas e filhos muito amados. Amor que foi sintetizado no capítulo 2 do livro de Oseias e levado à sua máxima expressão na Cruz de Cristo.

Por outro lado, podemos perguntar porquê ela? Porque não foi outra jovem, porventura a filha de um sacerdote ou sumo sacerdote ou de outra casa paterna relevante ou de outra cidade mais importante? Porquê ela e não outra? Tentando dar resposta a estas perguntas lógicas e humanas, podemos pôr outras como: o que é que atrai o favor de Deus? O que é agrada a Deus? A resposta encontramos-la no livro do profeta Isaías 58, 6b-12, e que posteriormente será condensada no dogma da Imaculada Conceição. Segundo Isaías o modo de proceder que agrada a Deus é o do justo, que liberta os prisioneiros e os encarcerados injustamente, que dá liberdade aos escravos e aos que são maltratados. Aquele que põe fim às injustiças, reparte o pão com os famintos, dá abrigo ao pobre e veste o nu.

Segundo o profeta quem assim vive, brilhará como a luz da aurora, as suas feridas serão curadas, a justiça e a proteção de Deus não o abandonarão, o seu corpo terá vigor e o seu jardim florescerá como um prado, o riso e o gozo o acompanharão. Sabemos que Maria foi reconhecida pela Igreja, como a mulher revestida de sol, com a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas na cabeça (Ap 12,1), por conseguinte ela viveu como o justo, que vai apressadamente ter com a sua prima Isabel, que está do lado dos pequenos e dos humildes (cfr Lc 1, 46-55) e que se move com total disponibilidade para fazer o bem e atender às necessidades dos outros (cfr Jo 2, 1-11). Por isso, e muito mais, Maria é imagem exemplar que educa com a sua vida, é imagem acabada daquilo que estamos chamados a ser e exemplo do que podemos chegar a ser. Nela, como numa Mestra, vemos refletida a ‘meta’ do processo educativo e a Mestra que nos indica o caminho: ‘Fazei o que Ele vos disser’ (Jo 2, 5).

A partir do v. 28 fica claro que Deus é quem confere identidade a Maria, numa cena em que a protagonista é Ela e as afirmações são do mensageiro, portanto, do próprio Deus. O que diz o mensageiro, di-lo Deus, e se é Deus quem o diz, merece a máxima confiança. Por conseguinte, tudo o que digam os outros sobre Maria, só tem valor se estiver relacionado com o que Deus diz sobre ela. Isto explica a confusão da jovem perante a saudação do mensageiro, pois toma consciência de quem é aquele que fala e, portanto, da originalidade e da densidade da saudação que está a receber. Este versículo oferece-nos outra chave de leitura quando se trata de aprender a ser educadores à maneira de Maria, visto que Ela aprendeu do mesmo mensageiro, que no processo educativo o protagonista é Deus, é o seu Espírito. As outras palavras como as do educador salesiano só têm valor se estiverem em função daquilo que Deus quer fazer com essa pessoa, só têm sentido se estiverem em consonância e em função com o que Deus disse. Nenhum educador pode pretender ser o protagonista do processo educativo, mas tão só uma simples mediação do Espírito do Ressuscitado. Para isso será preciso ‘guardar no próprio coração’ como o fez Maria (cfr Lc 2,19) tantas coisas que acontecem na sua vida e na vida dos seus educandos até que o Senhor lhe permita ver o caminho que deve seguir. Enquanto isso, está chamado a permanecer na Palavra e na busca do Senhor, como a esposa do Cântico dos Cânticos.

Nos vv. 31-35, o mensageiro de Deus anuncia a Maria a missão que estava concentrada no seu nome: conceberás, darás à luz e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Ela dialoga com o mensageiro, pergunta como tudo isso irá acontecer, mostrando a sua incapacidade, eu não conheço varão (v. 34). Não duvida que Deus o possa fazer, só pergunta como será isso, visto que nela não se dão as condições humanas para que possa vir a acontecer o que que lhe é anunciado. Sendo Maria reconhecida pela Igreja como figura correlativa a Abraão, visto que dele foi dito: “Acreditou contra toda a esperança”, e dela se disse: “Feliz de ti porque acreditaste”; contemplando-a nos testemunhos bíblicos, descobrimo-la como uma jovem decidida, que se interroga interiormente sobre o sentido da saudação, e interpela Deus através das suas mediações, acerca de como se realizará aquilo que lhe anuncia e promete. Nela a Igreja contempla o dinamismo crente de uma jovem que põe todas as suas energias humanas a fim de compreender e fazer seu aquilo que Deus lhe vai propondo na história concreta, num contínuo exercício de leitura crente dos acontecimentos, sejam eles pequenos ou grandes. No v. 35, S. Lucas evidencia que o Espírito Santo, simbolizado na imagem da sombra que a acompanha, e da presença de Deus que está nela, faz de Maria a sua morada permanente, habita no seu ser como num templo. Foi essa presença que estimulou no seu ventre todos os processos biológicos necessários para poder realizar a sua missão: conceber, dar à luz e pôr o nome ao Filho de Deus. Esta ação do Espírito Santo na jovem de Nazaré foi possível através do seu consentimento, como ato único e pessoal da sua liberdade humana. Maria sem compreender de todo, como o atestam os textos bíblicos, colaborou com a atividade do Espírito Santo colocando toda a sua existência ao serviço da pessoa divina. Como jovem ativa e comprometida com a realidade do seu povo e do seu Deus, Maria no exercício de uma liberdade responsável, ofereceu o seu corpo e a sua sensibilidade feminina em forma de cooperação humana com o projeto de Deus. Podemos dizer que ela deu com a sua vida o que os discípulos disseram com a sua voz, depois da experiência pascal, “não tenho nem ouro nem prata, mas dou-te tudo o que tenho: em nome de Jesus de Nazaré, anda!” (At 3,6). Maria permanece na Igreja como modelo perfeito da pessoa ‘sábã’. Depois de pronunciar o seu ‘fiat’ através da fé e de ter acolhido primeiro no seu coração e depois na sua carne o Filho de Deus, iniciou um processo educativo

que a capacitou para acompanhar o seu filho até à Cruz e a todos aqueles que na cruz de Cristo irão integrar a família de Deus.¹²⁵

Nos vv. 36–37 o autor sagrado oferece dois dados, um histórico: “também a tua prima Isabel”, e outro teológico: “a Deus nada é impossível”, com os quais põe em evidência a imersão de Maria na fé de Israel. Esta última, é uma frase muito relevante na história salvífica de Israel, já que, esta frase é a que o mensageiro de Deus disse a Sara em Gn 18, 14. Com esta afirmação, não somente Ihe está a dizer que nada é difícil para Deus, está-Ihe a indicar um caminho: coloca-te na linha do teu povo. Coloca-te na fé de Abraão, na fé pela qual transitaram os teus pais. Estamos acostumados a ler apressadamente e interpretar que como Deus é todo poderoso vai fazer nascer um filho de uma jovem que não teve relação sexual com nenhum homem, mas o texto transmite uma verdade mais profunda que não exclui esta última. É um convite a entrar no dinamismo dos seus patriarcas, na origem do seu povo que teve início com; a Deus nada é impossível (cfr Gn 18, 14), que deu à luz um filho ao qual foi posto o nome de Isaac, que significa: Deus fez-me sorrir.

A resposta que Maria dá ao emissário de Deus no v. 38, Eis a serva do Senhor, aparentemente é contraditória ao modo como o anjo a trata, já que ele se dirige à jovem de Nazaré com o trato digno de uma grande Senhora: Ave! Na atualidade diríamos que foi um trato digno da rainha mãe, visto que para o mundo judaico a saudação que o mensageiro Ihe dirigiu é a saudação que se dirige à Gebira¹²⁶ que, por sua vez, é correlativo ao modo como a sua parenta Isabel se dirige a Maria: “De onde me é dado que venha ter comigo mãe do meu Senhor?” (v. 43).

A relevância de Maria está dada pelo acolhimento da Palavra de Deus, que foi recebida a tal ponto que no seu seio se fez carne, como filho seu e Filho de Deus. A resposta de Maria é de adesão à identidade que o mensageiro Ihe indicou como missão. A sua disponibilidade a Deus, nada tem a ver com a submissão de escrava, mas com a adesão livre e amorosa ao querer do Deus do seu povo. É uma resposta dada não a partir das forças pessoais, mas a partir da confiança naquele que Ihe deu este dom vocacional, esta identidade: de mãe do Senhor. Para a teóloga espanhola M. Navarro o sim da jovem de Nazaré foi possível porque entre Deus e Maria existe

uma fala comum: ambos dizem o mesmo porquanto têm o mesmo desejo profundo. Deus, desde a sua eternidade; Maria, no tempo. Para a autora, o facto de que Deus e Maria tenham o mesmo desejo significa que têm o mesmo Espírito, cuja origem e identidade é divina, mas que habita no tu de Maria e torna possível que ambos pronunciassem a mesma Palavra: o Filho na história, pois ambos geraram, um na humanidade e o Outro na divindade.¹²⁷

O teólogo De Lubac afirma que os textos acerca da busca do Esposo contida no Cântico dos Cânticos, adapta-se melhor a Maria, justamente porque nela se realiza a perfeição da busca e do desejo. Maria é o modelo da Igreja jovem que busca e contempla Deus em tudo quanto faz e diz, tal como uma jovem apaixonada cheia de vitalidade busca o seu amado¹²⁸. Por isso, o educador salesiano, é uma pessoa que está em constante busca de Deus e da sua vontade, por isso como homem e mulher sábia é capaz de sintonizar com o Espírito e perceber os seus sinais na história. Como Maria que prevê; vê antes, intui a presença e a vontade de Deus; antes de saber e compreender, é capaz de pre-sentir, sentir antes que os sentidos naturais o percebam. No amor, Maria 'sabe' antes de compreender; o seu olhar materno olha e vê aquilo que é invisível aos olhos dos outros. É a vivência da sua capacidade feminina potenciada pelo Ruah de Deus, que a torna capaz de intuir, antecipar e prever o Reino que Deus quer instaurar mediante o seu 'sim'. Sem saber de todo como será possível, atua dando o seu consentimento. É assim que a apresenta o evangelista S. João no relato das Bodas de Caná, como a mulher que pre-vê a hora do Filho.¹²⁹ Acolhendo o Espírito Santo, Maria realiza em si mesma a esperança teologal, na forma mais plena e densa. Torna-se terreno da realização da promessa divina, lugar no qual e através do qual, o amanhã da Graça vem implantar a sua tenda, fazendo dela a arca da Nova Aliança. A pedagogia salesiana é a pedagogia do coração, pois brota de um coração apaixonado por Deus e que sintoniza com aquilo mesmo que habita no coração do jovem a quem se dirige. A pedagogia salesiana é semelhante às entranhas de mãe, que se move e comove até que todos os seus filhos estejam sãos e salvos na casa do Pai. O educador, qual mãe pressurosa, não aprisiona os seus filhos junto de si, deixa que sejam livres e ajuda-os a exercitar a vontade para que, no uso sadio da sua liberdade, conheçam e em-preendam o desafiante e apaixonante caminho para a casa paterna.

O ‘sim’ de Maria, tornado absolutamente pessoal e criatural, que deu início ao processo biológico pelo qual Deus se fez homem, deu-se em virtude da presença do Espírito Santo que alguns autores assinalam como o desejo em sentido próprio, o desejo com maiúscula, que habitando em Maria realizou a unidade entre o Pai Criador e a jovem de Nazaré, para a tornar a Theotókos, a Mãe de Deus. O Espírito, por vontade do Pai, na Conceição Imaculada de Maria antecipou sobre ela os efeitos da graça redentora de Cristo, imprimindo nela um desejo de transcendência, que a torna *capax Dei*, capaz de reconhecer a Deus no inédito e responder à sua vontade salvífica e auto comunicativa, do mesmo modo como são capacitados todos os que depois da Páscoa de Cristo se abriram ao seu Espírito.¹³⁰ Esta presença do Espírito Santo em Maria, desde o início da sua existência, não tornou a sua resposta um ato menos ‘pessoal’ e livre; como se tivesse sido ‘manipulado’ por Deus; antes pelo contrario, é Deus quem volta a colocar as premissas necessárias, ontologicamente falando, para que a liberdade dos seres humanos exista e possa entrar no jogo dialógico da graça.¹³¹

O Deus que se autorrevela e entra em diálogo com Maria não tem nada a ver com uma ‘divindade’ que procura a passividade da criatura, mas que é um Deus, Uno e Trino que cria as possibilidades para que se dê um autêntico diálogo salvífico entre Criador e criatura, que permite a esta última ir mais além do determinismo factual da história encerrada em si mesma. Trata-se do Deus que se revela na história, criando um ser espiritual e pessoal dotado da potência oboedientialis, quer dizer, com a capacidade de receber o que Deus nos quer comunicar.¹³² Deus abre a história, condensada na jovem Maria de Nazaré, para horizontes insondáveis para o ser humano; realiza-o habitando nela (cfr. v. 35), de tal modo que somente é factível ao onipotente e Criador. Inabitação que permite a Maria ser em plenitude o que é, uma jovem mulher, e responder como tal; por sua vez, permite a Deus continuar a ser Deus, o todo Santo. O princípio antropológico, Gegen-satz, ‘somente um eu pode ser um tu para o outro’ permanece em constante tensão com o outro princípio, Grundsatz, ‘o eu graças ao outro’.¹³³ Somente quem ‘sabe’ quem é, está em condições de reconhecer o outro e abrir-se para acolhê-lo; mais ainda, somente quem se possui a si mesmo é capaz de dar-se, de colocar-se totalmente nas mãos do outro sem deixar de ser o

que é, sem perder a sua identidade e autonomia, e ser capaz de autodeterminar-se em função do bem do outro. Deus é o único que se possui a si mesmo em plenitude, e pode autodeterminar-se em função da salvação do ser humano, sem deixar de ser Deus.¹³⁴ Portanto, concluo que é por participação naquilo que é próprio de Deus que Maria se torna a jovem mulher que se autodefine,¹³⁵ pois reconhece, eu diria 'intui' a sua identidade mais profunda, e a partir do possuir-se a si mesma reconhece totalmente o Outro, presente nela e na sua história. Acolhe-O com a sua liberdade juvenil e feminina, tornando possível que Espírito do Pai e do Filho, tornasse 'Santo' o fruto do seu ventre (cfr Lc 1,35).¹³⁶ E é precisamente a participação nesse mesmo dom do Espírito Santo que a jovem de Nazaré é capaz de auto possuir-se e autodeterminar-se em função de Deus e do seu povo, pronunciando o "sim" humano que ativou o processo biológico e teândrico da Encarnação do Filho de Deus.

O "sim" de Maria foi uma concretização do ato fundamental do seu ser, uma consagração realizada pelo Espírito Santo que permaneceu intrinsecamente unida à sua livre autodeterminação. O seu não compreender de todo o que estava a acontecer ou por acontecer, não excluiu que a sua experiência não refletida e transcendente de Deus e de si mesma fosse toda orientada para a sua 'singularíssima' relação com o Filho de Deus, e a partir d'Ele com toda a Trindade. Basta recordar a sua pergunta cheia de espanto: Como será isso? E a sua resposta crente: Faça-se em mim segundo a vossa palavra (cfr Lc 1, 34.38).

Em síntese: Maria é o modelo que todo o ser humano e particularmente os jovens, precisam de ter diante de si, não para copiá-lo, mas para inspirar-se no seu modo de viver, contemplando nela aquilo a que um ser humano pode chegar quando decide entrar no dinamismo de Deus. Enquanto não se viver por uma causa, não se pode entender o que significa a presença viva e ativa de Maria na vida de tantos santos, especialmente de Dom Bosco e de M. Mazzarello. Maria não é um quadro na parede do quarto ou uma imagem na Igreja, mas uma presença viva, que ampara os que 'sofrem' pelas causas da justiça, da paz e da procura de uma vida melhor para todos. Maria tem que ser vista e apresentada como jovem mulher, livre e responsável pelos próprios atos: o seu "sim" e a sua colaboração na história da salvação é o grande sinal de liberdade e responsabi-

lidade que brilha no tempo; sinal eloquente para todos os que sonham um mundo mais humano, mais de Deus e do seu Reino. Maria não é somente uma expressão concreta da proximidade de Deus na labuta pela vida, mas também modelo e concretude de alguns valores decisivos para todos os crentes, particularmente para os jovens de ontem e de hoje. O mundo precisa de jovens e educadores contemplativos, segundo o estilo de Maria, capazes de interrogar-se e meditar sobre a direção para onde caminha a humanidade, onde está e o que nos está a querer dizer Deus nos acontecimentos deste tempo; jovens e educadores capazes de comprometer todas as suas potencialidades na busca e na construção do bem comum e da amizade social (cfr FT n.º 2), um mundo sustentável que inclui e não exclui os mais débeis do sistema. Jovens comprometidos na luta contra o mal e as suas manifestações; audazes e generosos que não têm medo da cruz, porque sabem que Deus é maior e mais forte do que a morte.

109 P. Cavaglià, *El sistema preventivo en la educación de la mujer. Experiencia pedagógica de las Hijas de María Auxiliadora*, Madrid, CCS 1999, 28.

110 Cfr C. Colli, *Ispirazione mariana del Sistema Preventivo*, Roma, LAS 1980.

111 Cfr S. De Fiore, *Maria sintesi di valori. Storia culturale della mariologia*, Milano, San Paolo 2005, 254-256.

112 Cfr Colli, *Ispirazione mariana del Sistema Preventivo*, 5-8.

113 Cfr MB XVIII, pp. 340-341.

114 Cfr MB I, pp.123-126; 244;305;382; 424-426.

115 Cfr MB II, pp. 243-245;298-300;342; 406; MB III, pp. 32-36.

116 Cfr MB XIII, pp.536; MB XIV p. 608; MB XVIII pp.73-74.

117 Cfr MB XVIII pp.73-74.

118 A. Giraud, *Gli appunti di predicazione mariana di Dom Bosco. Edizione critica*, en «Ricerche storiche salesiane» 72/1 (2019) 120-121.

119 E. Viganò, *Maria rinnova la Famiglia Salesiana di Dom Bosco*, en «Atti del Consiglio Superiore» 59 (1978) 289, 30.

120 Cfr A. Silva Castillo, *María y el Espíritu Santo*, Montevideo, LEA 2021, 48.

121 Cfr A. Valentini, *Maria secondo le Scritture. Figlia di Sion e Madre del Signore*, Bologna, EDB 2007, 89-105.

122 Este acontecimiento deu-se no *sexto*

mês da conceção de João Batista, dado oferecido pela leitura sincrónica do mesmo Evangelho de Lucas, que no v. 45 afirma que *a parenta Isabel está no sexto mês da sua gravidez*, e nos vv. 8-10 situou a conceção do Batista nos tempos em que Zacarías oficiava como sacerdote no templo de Jerusalém, mais concretamente quando tocou o turno ao seu grupo de sacerdotes, e especificamente a ele para oferecer incenso no *sancta sanctorum* do templo, visto corresponder uma semana a cada grupo de sacerdotes, cfr 1.º Cro 24,19, 2.º Cro 23,8.

123 A. Silva Castillo, *Il volto di Maria nelle Circolari di Madre Yvonne Reungoat Superiora Generale delle FMA 2008-2020*, Roma, Istituto FMA 2020, 10.

124 Figura simbólica que representa o povo eleito por Deus, a quem os profetas anunciaram a vinda do Messias e chamaram de alegria no Senhor, cfr Sof 3,11. 14-15; Is 12,6; Zac 9,9.

125 Cfr A. Serra, *Maria nell'educazione. Le coordinate biblico-teologiche*, en M. Dosio – M. Gannon – M.P. Manello (Eds.), «Io ti darò la maestra...» *Il coraggio di Educare alla scuola di Maria. Atti del Convegno Mariano Internazionale promosso dalla Pontificia Facoltà di Scienze dell'Educazione «Auxilium»*, 27-30 dicembre 2004, Roma, LAS 2005.

126 Escolhida por Deus para governar a nação. “*Vacíos en Israel quedaron los poblados, vacíos hasta tu despertar oh Débora, hasta tu despertar, oh madre de*

Israel". (Jueces 5,7), cfr Valentini, *Maria secondo le Scritture*, 79-87.

127 Cfr M. Navarro Puerto, *María, la mujer. Ensayo psicológico-bíblico*, Madrid, Publicaciones Claretianas 1987, 77.

128 Cfr H. De Lubac, *La Iglesia y la Virgen María*, en *Meditación sobre la Iglesia*, Bilbao, Desclée De Brouwer 4 1964, 328.

129 Cfr B. Forte, *María, mujer icono del misterio. Ensayo de mariología simbólico narrativa*, Salamanca, Sígueme 1993, 271-273.

130 "Autocomunicação divina significa que Deus pode comunicar-se a si mesmo ao não divino, sem deixar de ser a realidade infinita e o mistério absoluto, e sem que o homem deixe de ser ente finito, distinto de Deus" (K. Rahner, *Curso Fundamental sobre la fe. Introducción al concepto de cristianismo*, Barcelona, Herder 1979, 151).

131 Cfr H. Rahner, *L'homo ludens*, = Biblioteca di cultura religiosa 9, Brescia, Paideia 1969, 31-46.

132 Cfr K. Rahner, *La Trinità*, = Biblioteca di Teologia Contemporanea 102, Brescia, Queriniana 1998, 88-89.

133 Cfr W. Pannenberg, *Antropologia in prospettiva teologica*, = Biblioteca di teologia contemporanea 51, Brescia, Queriniana 1987, 205-211.

134 "Mediante a autocomunicação [divina] não se suprime, nem se nega o que foi dito antes acerca da presença de Deus como mistério absoluto e essencialmente não

abarcável [...] Deus continua a ser Deus [...] Aquele para onde caminamos e que que possibilita e sustenta por si mesma dita ação. Deus continua a ser o santo [...]” (Rahner, *Curso Fundamental sobre la fe*, 151).

135 E. Johnson, *Vera nostra sorella. Una teologia di Maria nella comunione dei santi*, = *Giornale di Teologia*, 313), Brescia, Queriniana 2005, 77.

136 Cfr Y. Congar, *Credo nello Spirito Santo*, = *Biblioteca di Teologia Contemporanea* 98, Brescia, Queriniana 21998, 606.

Testemunho sobre a Santidade Salesiana



Pe. Cameroni

Nascido em dezembro de 1955, o Pe. Cameroni conheceu os Salesianos enquanto frequentava o colégio salesiano de Vendrogno, a sua terra natal. Num ambiente de grande proposta espiritual e vocacional (da casa de Vendrogno floresceram 40 vocações salesianas), o Pe. Cameroni conheceu o Salesiano Cooperador, Servo de Deus, Attilio Giordani.

A 12 de setembro de 1976 professou como salesiano de Dom Bosco, e a 23 de junho de 1984 foi ordenado sacerdote em Arese. No mesmo ano obteve o bacharelato em Teologia, na Faculdade de Teologia de Turim-Crocetta, e, em 1992, o doutoramento em Filosofia, na Universidade Pontifícia Salesiana de Roma.

Membro da Casa do Pós-Noviciado de Nave, desde 1985, como formador e professor de Filosofia e Pedagogia, o Pe. Cameroni tem uma experiência muito rica de acompanhamento e animação vocacional, na Província Italiana Lombardo Emiliana (ILE); bem como de animação da vida familiar e dos grupos de oração, e de pastoral paroquial, com as Filhas de Maria Auxiliadora.

Delegado da Inspeção ILE nos 24.º e 26.º Capítulos Gerais, há alguns anos que acompanha, também, o caminho espiritual e vocacional da comunidade de recuperação Shalom de Palazzolo Sull'Oglio (Brescia).

A 24 de maio de 2007, o Reitor-Mor, Pe. Pascual Chávez, nomeou-o Animador Espiritual Mundial da Associação de Maria Auxiliadora, e a 6 de julho de 2010, também por decisão do Reitor-Mor, foi nomeado Postulador Geral para as Causas dos Santos da Família Salesiana.



programação
cultural

Musical “Filhos do Sim”

O musical “Filhos do Sim”, tem como “estrela” a figura de Nossa Senhora e a sua coragem em aceitar a proposta de Deus, sem questionar o Seu desígnio, dando-lhe generosamente o seu “sim”.

Esta história é vivida, em paralelo, com a de uma família contemporânea, que não aceita a perda de um ente querido, provocando uma divisão no seio da família. Maria de Nazaré, através da narrativa da sua vida, demonstra que a fé a levou à maior dádiva que se pode imaginar, a de ser a mãe do Salvador. Ainda que a dor e a tristeza estivessem presentes, o sacrifício de uma mãe vale sempre a pena porque o seu amor é incondicional e infinito.

Esta família também vai concluir que “dizer sim” será o melhor para a união e para a serenidade do coração. Que não devem viver presos à perda e à morte que aconteceu, mas, sim, ao que há por viver, à alegria e à novidade...

Maria de Nazaré, com a sua fé e amor incondicional, mudou para sempre o nosso mundo. E nós, como herdeiros do seu amor, temos coragem para fazer a diferença, para dizer “sim” quando somos interpelados por Deus?

Concerto Pe. Maurizio Palazzo & co.

O Pe. Maurizio Palazzo é um sacerdote salesiano, mestre de capela e organista titular do Santuário de M. Ausiliatrice; obteve vários diplomas musicais (incluindo piano e órgão) e realiza concertos, compatíveis com a sua obediência atual e a sua missão de sacerdote.

No campo da composição, publicou, entre as suas iniciativas mais recentes, um CD de cânticos marianos (Hic est Domus mea), e uma coletânea de cânticos sobre o Evangelho.

Em Fátima, no decorrer do Congresso Internacional de Maria Auxiliadora, irá apresentar um concerto com a duração de cerca de 40 a 45 minutos, no qual participaram, também, Francesca Incardona, Francesca Rosa, Francesca Cederle, Gemma Gurrado, Federico Cucinella e Gabriele Spesso.

orações

Via-Sacra

Introdução

No exercício da Via-Sacra aceitamos o convite de Jesus para O seguir, contemplando-O no caminho que Ele fez, por nós, até à morte na Cruz. Jesus é o inocente que recebe e assume, em si, uma culpa que não tem: foi condenado injustamente. Mas o sofrimento não vale por si, vale enquanto expressão de amor. E o de Jesus é a expressão máxima do amor com que Deus nos ama, até ao extremo (cf. Jo 13,1).

Ao caminho da cruz de Jesus, juntamo-nos nós, agora, com todos os irmãos e irmãs, nossos contemporâneos, que sofrem, rezando por eles. Tornamo-nos solidários com os outros, como Jesus o é connosco. Rezamos, também, por aqueles que são causa de sofrimento. Nossa Senhora pediu, aqui em Fátima, na aparição de agosto: «Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas» (Irm. Lúcia, *Memórias*, 16.ª edição, p. 179).

Vamos contemplar, em cada passo, o modo como Jesus realizou a sua oferta de amor por nós, até ao fim. Vamos suplicar para que, também nós, saibamos levar o nosso "sim" até às últimas consequências, e para que os nossos irmãos e irmãs de todo o mundo recebam o fruto da paixão redentora, vivendo a alegria de serem salvos e amados por Deus.

Nesta Via-Sacra associamo-nos a tantos membros da Família Salesiana que em todo o mundo carregam, diariamente, a cruz do Senhor junto dos campos de refugiados, com os rapazes da rua, na luta contra a droga, junto de tantos imigrantes. A cruz do Senhor é levada por irmãos nossos, por jovens do sonho de Bosco, que precisam da nossa oração e acompanhamento.

V. Iniciemos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

R. Ámen.

Cântico:

Se alguém quiser seguir-Me, (repete)
Tome a sua cruz e siga-Me (repete)
O Filho do Homem não veio para ser servido,
Veio para servir e dar a vida.

1.ª Estação

Jesus é condenado à morte

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Pilatos trouxe Jesus para fora e fê-lo sentar numa tribuna, no lugar chamado Lajedo. Era o dia da Preparação da Páscoa, por volta do meio-dia. Disse, então, aos judeus: “Aqui está o vosso Rei!” E eles bradaram: “Fora! Fora! Crucifica-o!” Disse-lhes Pilatos: “Então, hei de crucificar o vosso Rei?” Replicaram os sumos-sacerdotes: “Não temos outro rei, senão César”. Então, entregou-o para ser crucificado. E eles tomaram conta de Jesus» (Jo 19, 13-16). A condenação, que se torna agora pública, tinha sido antes concebida no segredo. Ao mesmo tempo que o coração do Mestre inventava gestos de amor criativo, o coração do traidor dava lugar ao ódio e à rejeição, como nos relata o evangelista João: «Jesus, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo. O diabo já tinha metido no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, a decisão de o entregar» (Jo 13, 1b-2).

Deus de ternura e de misericórdia, que amais o inimigo e pondeis amor onde reina a maldade, ensinai-nos a colaborar convosco acolhendo o vosso perdão e sabendo perdoar aos outros. Ajudai-nos, como São Francisco de Sales, a pedir o dom da mansidão no nosso coração.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. Ámen.

Cântico:

Se alguém quiser seguir-Me, (repete)

Tome a sua cruz e siga-Me (repete)

Quem quiser salvar a sua vida há de perdê-la

Mas quem quiser perder a vida por minha causa de Mim há de encontrá-la.

2.ª Estação

Jesus toma a sua cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Quem não tomar a sua cruz para me seguir não pode ser meu discípulo». (Lc 14, 27); «Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira, que em hebraico se diz Gólgota» (Jo 19, 17). Nossa Senhora, em agosto de 1917, recomendou aos pastori-nhos: «Rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores». O seu cuidado materno impele-nos a tornarmos atual a oferta de Jesus por todos, tomando cada um a sua cruz e a uni-la à de Jesus. Assumir os sofrimentos e dificuldades próprios da vida e ajudar a suavizar a cruz de quem está ao nosso lado é uma forma simples e concreta de seguirmos Jesus no dia a dia.

Senhor, ajuda-nos a assumir o lado custoso da vida com coragem e generosidade; que eu não a torne mais pesada só com lamentos e mágoas. Dai-me a graça de levar a minha cruz, assumida livremente, como dom de mim e oferta de amor. Como Mãe Margarida, ajuda-nos a olhar para a cruz, a carregar a cruz, a entregar a vida à obra de Dom Bosco com serviço generoso.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. *Ámen.*

Cântico:

Se alguém quiser seguir-Me, (repete)

Tome a sua cruz e siga-Me (repete)

Se alguém quiser seguir-Me,

Renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me

3.^a Estação

Jesus cai pela primeira vez

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Cristo Jesus, que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-se semelhante aos homens» (Fl 2, 6-7). Igual a nós em tudo, exceto no pecado, Jesus é «na verdade Deus escondido, o Deus de Israel, o salvador!» (Is 45, 15). Ele que oferece a liberdade aos cativos, que liberta os oprimidos, que dá a vista aos cegos, submete-se a si próprio à humilhação da fraqueza. A nada se poupa para demonstrar o seu amor fiel e que a sua palavra merece a nossa fé.

Jesus, Vós que aceitais cair pelo nosso amor, ajudai-nos a aceitar com humildade as nossas quedas e a contribuir para elevar os outros e não para os derrubar. Como o Beato Luís Variara, salesiano fundador e amigo dos leprosos, ajuda-nos a aceitar as contrariedades, as dores, as quedas de cada dia, e ajuda-nos a pedir o dom da perseverança para levarmos a nossa cruz no dia a dia.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. Ámen.

4.^a Estação

Jesus encontra a sua mãe

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

Quando José e Maria apresentaram o Menino no Templo, «Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe: “Este menino está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição; uma espada trespassará a tua alma. Assim hão-de revelar-se os pensamentos de muitos corações”» (Lc 2, 34-35). Maria comunga com Jesus, mais do que ninguém. Ela conhece o sentido da sua vida e o sentido que Ele dá à sua cruz. Ela, que participou desde o início na vida e missão de Jesus, também está presente no caminho do Calvário, sofrendo com Ele e amando com Ele.

Unamo-nos, também, a Maria, mestra e guia de Dom Bosco. À nossa Auxiliadora pedimos que coloque no nosso coração os sentimentos de Jesus: Salve, Rainha...

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. Amen.

Cântico:

Sois a Mãe do Senhor, mensageira da paz.

Sois Rainha da terra e do céu. Vós sois a 'strela dentro da noite;
guiai nossos passos pela vossa luz.

Vós sois Rainha do mundo inteiro;

voltai para nós vossos olhos de mãe.

5.^a Estação

Jesus é ajudado pelo cireneu

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Quando o iam conduzindo, lançaram mão de um certo Simão de Cirene, que voltava do campo, e carregaram-no com a cruz, para a levar atrás de Jesus» (Lc 23,26). Nos caminhos da vida, lugar das nossas “vias-sacras”, Jesus é o nosso principal Cireneu. Consagrados pelo batismo, somos ungidos pelo Espírito Santo e assumimos a nossa vida como caminho de santidade. No caminho específico da nossa vocação, na família ou na comunidade cristã, encontramos sempre ocasião de sermos cireneus uns dos outros.

Ajudai-nos, Senhor, a aliviar a cruz dos mais próximos; não permitais que andemos distraídos das cruzes, dos nossos irmãos e irmãs na fé, ou dos membros da nossa família. Como São Artémides Zatti, ajudai-nos a acolher com ternura, a cuidar com amor, a acompanhar com misericórdia.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo
R. Como era no princípio agora e sempre. Ámen.

Cântico:

Recebemos do Senhor um mandamento novo:
amemo-nos uns aos outros como Ele nos amou (repete)
Felizes os que levam vida sem mancha,
que andam na Lei do Senhor.

6.ª Estação

Verónica limpa o rosto a Jesus

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!
R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Vimo-lo sem aspeto atraente, desprezado e abandonado pelos homens, como alguém cheio de dores» (Is 53, 2b-3a). O individualismo, muitas vezes provocado pelos nossos medos e inseguranças, fecha-nos em nós. Deste modo, a outra pessoa pode tornar-se incómoda ou rival, em vez de ser reconhecida e estimada como igual, companheira de caminho, motivo de dedicação e de apreço.

Senhor, ensinaí-me a reconhecer o dom que a outra pessoa é em si mesma, em vez de a valorizar, apenas, por aquilo que é para mim. Tornai-nos capazes de amar, à imagem da Santíssima Trindade, onde cada pessoa é dom gratuito para a outra e recebe da outra esse mesmo dom gratuito, gerando, desse modo, à nossa volta, um ambiente de amor, que circula e dá vida. Como a Beata Maria Romero Meneses, Filha de Maria Auxiliadora, grande devota da Auxiliadora, amiga dos pobres nos quais encontrava o rosto de Cristo, que possamos viver os momentos difíceis unidos ao Senhor.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. Ámen.

Cântico:

Recebemos do Senhor um mandamento novo:

amemo-nos uns aos outros como Ele nos amou (repete)

Felizes os que guardam seus preceitos,

E O buscam de todo o coração.

7.ª Estação

Jesus cai pela segunda vez

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«A minha alma está prostrada por terra; dá-me vida segundo a tua palavra. A minha alma chora de tristeza; reconforta-me, segundo a tua palavra. Abraço as tuas ordens; não permitas, Senhor, que seja confundido» (Sl 119, 25.28.31). E quando reincidentos nos mesmos erros? E quando vemos alguém cair de novo ao nosso lado? Como reagimos? O que fazemos? Exigimos, julgamos, comentamos... Ou compreendemos e ajudamos? Jesus, que Vos apresentais débil, a vossa fraqueza é evidente. Porque tenho tanta dificuldade em aceitar a minha e a das pessoas que vivem ao meu lado?

Ensinaí-me, Senhor, a lidar com as fraquezas. Como a Beata Euse-

bia Palomino, aprendamos a viver com simplicidade, humildade e caridade a nossa vida, entregando as pequenas coisas da vida ao Senhor Jesus, que leva connosco a cruz.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo
R. Como era no princípio agora e sempre. Âmen.

Cântico:

Perdoai, Senhor; perdoai ao vosso povo.
Dos abismos em que vivo, ergo a Deus o meu clamor:
Escutai a minha prece, clementíssimo Senhor

8.ª Estação

Jesus encontra as mulheres de Jerusalém

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!
R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Seguiam Jesus uma grande multidão de povo e umas mulheres que batiam no peito e se lamentavam por Ele. Jesus voltou-se para elas e disse-lhes: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos”» (Lc 23, 27-28). Lamentar-se nunca foi maneira de resolver os problemas. Jesus reenvia as mulheres para a sua realidade, para cuidarem do que está ao seu alcance e delas depende: elas mesmas e os seus filhos. Neste mundo em que vivemos existem muitas coisas erradas: injustiças, negligências, corrupção... E eu, na minha vida concreta, o que faço para aumentar ou para combater esses males? Jesus, ensinai-nos a estar atentos àquilo que nos rodeia, a colocarmos o bem onde vemos o mal. Que saibamos agradecer em vez de lamentar, saibamos compreender em vez de julgar e perdoar em vez de condenar. Ajudai-nos, Senhor, a assumir a nossa responsabilidade na construção do bem comum. Como o Salesiano Beato Augusto Czarторыski, que se despojou de tudo para viver o carisma salesiano, vivamos sem nos queixar, sem murmuração, com alegria e prontidão dizendo: “faccio io”.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. Ámen.

Cântico:

Perdoai, Senhor; perdoai ao vosso povo.

Se todas as nossas faltas tendes em vossa lembrança, quem, Senhor, há de salvar-se? Quem pode ter esperança?

9.ª Estação

Jesus cai pela terceira vez

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«O meu espírito desfalece dentro de mim, gelou-se-me o coração dentro do peito. Ergo para ti as minhas mãos; como terra seca, a minha alma está sedenta de ti. Senhor, responde-me depressa; estou prestes a desfalecer! Não escondas de mim a tua face, pois seria como os que descem à sepultura» (SI 143, 4.6-7). A tentação do desânimo pode bater-nos à porta. Ela resulta da experiência da nossa fragilidade e impotência e do autocentramento, por colocarmos a confiança em nós mesmos e não em Deus. Jesus, o santo de Deus, tornou-se solidário connosco até ao extremo, para que não hesitemos em procurar n'Ele a força da nossa esperança.

Senhor, que aprendamos a humildade através das humilhações e nos fixemos em Vós, como Pedro, para nos mantermos de pé. Perdoai-nos pelas vezes em que tomámos o nosso sentir pela verdade e consentimos a falta de confiança.

Como o Beato Filipe Rinaldi, vivamos como místicos na vida ordinária. Sejamos como ele, otimistas, alegres, entusiastas e devotos de Nossa Senhora Auxiliadora na via-sacra da nossa vida.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. Ámen.

Cântico:

Por vosso amor infinito,
perdoai, Senhor, ao vosso povo conrito
Senhor, o pecado nos enche de trevas;
Clamamos por Vós, excelsa Luz.

10.^a Estação

Jesus é despojado das suas vestes

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Os soldados pegaram na roupa de Jesus e fizeram quatro partes, uma para cada soldado, exceto a túnica. A túnica, toda tecida de uma só peça de alto a baixo, não tinha costuras. Então, os soldados disseram uns aos outros: “Não a rasguemos; tiremo-la à sorte, para ver a quem tocará”. Assim se cumpriu a Escritura, que diz: “Repartiram entre eles as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes”. E foi isto o que fizeram os soldados» (Jo 19, 23-24). Desde o Seu nascimento até à morte, Cristo enriquece-nos com a sua pobreza. Ele despojou-Se e nós somos revestidos da dignidade de Filhos de Deus. Pelo batismo, revestidos de Cristo, somos novas criaturas, não pelos bens que a sorte nos trouxe, mas pela fé que nos faz participar da sua vida divina e gozar da intimidade com Deus.

Senhor Jesus, fonte de vida e de amor, colocai no nosso coração o desejo de vos dar tudo, o desejo e a capacidade de nos darmos e de nada reclamar para nós.

Que como São Domingos Sávio possamos viver na entrega sincera e simples da nossa vida, sabendo acolher as contrariedades com silêncio e paz, oferecendo tudo a Jesus.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. Ámen.

Cântico:

Convertei-nos, Senhor;
 mostrai-nos o vosso santo rosto e salvai-nos.
 Vós sois o meu amparo: não me rejeiteis;
 Não me abandoneis, Deus meu salvador

11.ª Estação

Jesus é cravado na cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, crucificaram-no a Ele e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. Jesus dizia: “Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem”» (Lc 23, 33-34a). O perdão recebido conduz à conversão. A conversão consiste em fixar o nosso olhar em Cristo, reconhecer com profunda gratidão o seu amor que nos salva e orientar a nossa vida para Ele, isto é, tomar a sua palavra e o seu exemplo como referência das nossas opções, das nossas atitudes, dos nossos comportamentos. Senhor, diante da vossa cruz, mostrai-nos o que devo mudar para que a nossa vida seja mais conforme ao vosso estilo e defenda os interesses do vosso Reino, mais do que os pequenos interesses individuais ou do grupo a que pertenço.

Como a Beata Alexandrina da Costa, que aqui em Portugal se entregou totalmente ao Senhor, no mistério da sua paixão, tenhamos como lema de vida sofrer, amar e reparar.

Que ela seja exemplo vivo de como a Família Salesiana pode entregar a Deus a sua cruz.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. *Ámen.*

Cântico:

Toda a nossa glória está na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo
 Deus se compadeça de nós e nos dê a sua bênção;
 Resplandeça sobre nós a luz do seu rosto.
 Para que se conheçam na terra os seus caminhos;
 E entre os povos a sua salvação.

12.ª Estação

Jesus morre na cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!
 R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Por volta do meio-dia, as trevas cobriram toda a região até às três horas da tarde. O sol tinha-se eclipsado e o véu do templo rasgou-se ao meio. Dando um forte grito, Jesus exclamou: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”. Dito isto, expirou» (Lc 23, 44-46). Contemplemos, em silêncio, o amor que por nós se oferece até ao fim. Em silêncio, adoremo-Lo. (momento de silêncio)

Recordemos, nesta estação, que a nossa família é uma família de mártires: São Luís Versiglia e Calisto Caravário (China), os nossos mártires da Polónia, Espanha, Hungria, etc.. Ainda hoje, tantos salesianos dão a vida, até à morte, por Jesus. Ensina-nos, Senhor, a dar a vida.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo
 R. Como era no princípio agora e sempre. *Ámen.*

13.ª Estação

Jesus é retirado da cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!
 R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Depois disto, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus, mas secretamente por medo das autoridades judaicas, pediu a Pilatos que lhe deixasse levar o corpo de Jesus. E Pilatos permitiu-lho. Veio, pois, e retirou o corpo» (Jo 19, 38). Os verdadeiros amigos revelam-se nos momentos difíceis, quando já não há nada para retribuir. É assim que somos chamados a amar os nossos amigos, com um amor gratuito e generoso. Mas, como é difícil?! É muito mais espontâneo dar para que me dês, ou dar-te porque me dás. Mas isso não basta, o cristão dá um passo mais: dou-te porque tu és digno do meu carinho, da minha atenção. Senhor, formai os nossos afetos, para que construamos amizades baseadas na gratuidade, no amor sincero e não no interesse; amizades que permaneçam, mesmo quando chega a prova do silêncio, da ausência ou da separação.

Que, como a Beata Laura Vicuña, aprendamos a dar a nossa vida, a assumir a cruz para salvação dos outros.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo

R. Como era no princípio agora e sempre. Ámen.

Cântico:

Em Vós, Senhor, eu pus a minha esperança:

Sois o meu Deus, toda a minha vida está nas vossas mãos.

Em Vós, Senhor me refugio,

Não serei confundido.

14.ª Estação

Jesus é depositado no sepulcro

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!

R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«Tomaram então o corpo de Jesus e envolveram-no em panos de linho com os perfumes, segundo o costume dos judeus. No sítio em que Ele tinha sido crucificado havia um horto e, no horto, um túmulo novo, onde ainda ninguém tinha sido sepultado. Como para os ju-

deus era o dia da Preparação da Páscoa e o túmulo estava perto, foi ali que puseram Jesus» (Jo 19, 40-42). O silêncio da morte é o lugar onde a esperança se acende. Deus está presente mesmo quando tudo parece perdido. É necessário passar pela experiência do nada, para se poder receber o TUDO que Deus É.

Senhor, ensinai-me a esperar. Não permitais que a nossa esperança se reduza ao espaço do já conhecido, da nossa experiência, mas fazei que se abra, pela fé-confiança, às dimensões infinitas da vossa Ressurreição. Como Dom Bosco fazei de todos nós testemunhas da Páscoa da Ressurreição, homens e mulheres de esperança e vida, apesar dos sinais evidentes de morte.

V. Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo
R. Como era no princípio agora e sempre. Ámen.

Cântico:

Em Vós, Senhor, eu pus a minha esperança:
Sois o meu Deus, toda a minha vida está nas vossas mãos.
Nas vossas mãos entrego o meu espírito:
Vós me libertareis

15.^a Estação

Jesus sai vitorioso do sepulcro

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus!
R. Que pela Vossa Santa Cruz remistes o mundo.

«No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao túmulo logo de manhã, ainda escuro, e viu retirada a pedra que o tapava. Correndo, foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, o que Jesus amava, e disse-lhes: “O Senhor foi levado do túmulo e não sabemos onde o puseram”. Pedro entrou no túmulo e ficou admirado ao ver os panos de linho espalmados no chão, entrou também o outro discípulo, o que tinha chegado primeiro ao túmulo. Viu e começou a crer» (Jo 20, 1-2.6.8). No testemunho de João e de Pedro, a Igreja

iniciou, há dois mil anos, o caminho da Fé que nos une na comunhão dos santos. A Igreja vive e proclama que a graça de Deus supera todo o pecado, porque o Espírito Santo nos santifica pela escuta da Palavra, que nos conduz à conversão, e pela celebração frutuosa dos Sacramentos, em que Cristo Se nos dá para que a nossa vida se vá transformando cada vez mais em semelhança Sua. Senhor, Jesus, que pela força do vosso amor vencestes a morte, concedei-nos abraçar com fé a cruz da nossa vida e participar, através dela, no dom do vosso amor por todos. Fortalecei a nossa fé, de modo a que vivamos, em cada momento, animados pela certeza e pela força da vossa Ressurreição.

Que, como Santa Maria Domingas Mazzarello, sejamos portadores de felicidade, alegria e esperança para todos.

Em união com o Papa, rezemos, por toda a Igreja:

Pai nosso...

Rezemos pela Família Salesiana, pelos jovens mais pobres.

Avé Maria...

Rezemos pelo dom da fecundidade vocacional da nossa família.

Avé Maria...

Rezemos pelo futuro sucessor de São João Bosco.

Avé Maria...

V. Bendigamos ao Senhor

R. Graças a Deus.

Cântico:

Ressuscitou, ressuscitou, ressuscitou, aleluia!

Aleluia, aleluia, aleluia, ressuscitou!

Ó morte, sempre vencedora,
onde está agora a tua vitória?

Terço

Mistérios Gozosos:

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém!

1. Anunciação do Anjo Gabriel a Maria:

Leitura bíblica: Lc 1, 26–30

“Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o nome da virgem era Maria. Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.» Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o anjo: «Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. ”

Reflexão:

Maria respondeu ao chamamento de Deus com fé e humildade, mesmo diante do desconhecido. Ela confiou no Senhor! Deixou para trás os medos. Dom Bosco ensina-nos a ser otimistas e confiantes. A Devoção a Nossa Senhora Auxiliadora está intimamente ligada à confiança na providência. Na minha vida confio em Deus, na sua bondosa providência de amor?

2. Visitação de Maria a Isabel:

Leitura bíblica: Lc 1, 39–45

“Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Então, erguendo a voz, exclamou: «Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre. E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor? Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio. Feliz

de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor.»”

Reflexão:

Maria parte cheia de alegria e de gratidão ao encontro de Isabel. Ela é mesmo a Auxiliadora sempre atenta, sempre pronta a ajudar. Ajuda com alegria, com espírito de serviço e disponibilidade pronta. A minha vida é como a de Maria, feita serviço para os outros?

3. Nascimento de Jesus em Belém:

Leitura bíblica: Lc 2, 1-5

“Por aqueles dias, saiu um édito da parte de César Augusto para ser recenseada toda a terra. Este recenseamento foi o primeiro que se fez, sendo Quirino governador da Síria. Todos iam recensear-se, cada qual à sua própria cidade. Também José, deixando a cidade de Nazaré, na Galileia, subiu até à Judeia, à cidade de David, chamada Belém, por ser da casa e linhagem de David, a fim de se recensear com Maria, sua esposa, que se encontrava grávida.”

Reflexão:

Maria e José são um casal em caminho. Aberto às surpresas de Deus. O nascimento de Jesus na pobreza de Belém faz-nos solidários com os mais pobres. Dom Bosco ensinou-nos esta solidariedade e compaixão para com os mais pobres, mais vulneráveis. Rezemos pelas mães em dificuldade, pelos mais pobres. Como posso encontrar a presença de Deus na simplicidade do meu dia a dia?

4. Apresentação do Menino Jesus no Templo:

Leitura bíblica: Lc 2, 22-23

“Quando se cumpriu o tempo da sua purificação, segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor, conforme está escrito na Lei do Senhor: «Todo o primogénito varão será consagrado ao Senhor» e para oferecerem em sacrifício, como se diz na Lei do Senhor, duas rolas ou duas pombas. ”

Reflexão:

Maria ensina-nos a apresentar a Deus a nossa vida. Temos de Lhe confiar as nossas vidas. Entregar-Lhe tudo. Dizia Dom Bosco: “Con-

fiai em Nossa Senhora e vereis o que são milagres". Hoje queremos renovar a nossa confiança em Jesus e Maria. Rezemos muitas vezes: "seja feita a vossa vontade", aí está o segredo da vida.

5. Encontro do Menino Jesus no Templo:

Leitura bíblica: Lc 2, 41-45

"Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, pela festa da Páscoa. Quando Ele chegou aos doze anos, subiram até lá, segundo o costume da festa. Terminados esses dias, regressaram a casa e o menino ficou em Jerusalém, sem que os pais o soubessem. Pensando que Ele se encontrava na caravana, fizeram um dia de viagem e começaram a procurá-lo entre os parentes e conhecidos. Não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém, à sua procura."

Reflexão:

Maria e José tiveram uma grande preocupação. Jesus põe-nos à procura de Jesus. Por Maria vamos à procura de Jesus. Queremos caminhar pela mão de Jesus e queremos encontrá-Lo de forma especial no sacramento da Eucaristia e da Reconciliação. Rezemos pelos que andam longe e perdidos de Jesus. Rezemos para que possam reencontrá-Lo.

Salve Rainha

Salve Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve! A vós bradamos os degradados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei. E depois deste desterro, nos mostrai Jesus, bendito fruto de vosso ventre. Ó clemente! Ó piedosa! Ó doce Virgem Maria! Rogai por nós Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Ámen.

Adoração Eucarística

Hino de Abertura: Emanuel

Oremos:

Senhor Jesus, estamos aqui reunidos diante de Ti, presente na Eucaristia. Inspirados pelo exemplo de Maria, Tua Mãe, queremos aprender a escutar e a seguir as Tuas palavras. Envia o Teu Espírito Santo para que, como nas Bodas de Caná, possamos testemunhar a transformação que só Tu podes realizar nas nossas vidas. Ámen.

Exposição do Santíssimo Sacramento

Exposição do Santíssimo Sacramento com um canto eucarístico, "Inunda o meu Ser"

Contemplação do Mistério das Bodas de Caná

Leitura Bíblica: João 2, 1-11

Naquele tempo, houve um casamento em Caná da Galileia. A mãe de Jesus estava presente. Também Jesus e os seus discípulos tinham sido convidados para o casamento. Como o vinho veio a faltar, a mãe de Jesus disse-lhe: "Eles não têm mais vinho". Jesus respondeu-lhe: "Mulher, que tem isso a ver connosco? A minha hora ainda não chegou." Sua mãe disse aos serventes: "Fazei tudo o que ele vos disser."

Reflexão:

Breve reflexão sobre a intercessão de Maria e a sua instrução "Fazei tudo o que ele vos disser".

Meditações

Rezemos com alguns textos da Beata Alexandrina da Costa
– Salesiana Cooperadora Portuguesa

Meditação 1:

“Ó Jesus, oculto no Santíssimo Sacramento, amo-Te! Cada hora que passa, cada dia que termina, aproxima-me de Ti. Que a minha vida seja uma constante união com o Vosso Coração Eucarístico.”

Meditação 2:

“Senhor, quero ser vítima de amor na Vossa presença eucarística. Que o meu coração seja um altar onde sempre arda o fogo do Vosso amor.”

Meditação 3:

“Jesus, meu amor, meu tesouro, meu tudo! Na Tua presença eucarística, encontro a força para as minhas fraquezas, a luz para as minhas trevas, a paz para as minhas tribulações. Que nunca me afaste de Ti, mas que permaneça sempre em comunhão contigo, recebendo de Ti todo o amor que necessito para amar e servir aos outros.”

Cântico - Senhor Vela por mim

Meditação 4:

“Ó Jesus, prisioneiro de amor no sacrário, ensina-me a viver cada instante da minha vida com os olhos fixos em Ti.

Que a minha alma seja um sacrário onde Tu possas habitar e onde eu possa adorar-Te incessantemente. Dá-me a graça de viver na Tua presença eucarística, encontrando em Ti a alegria e a esperança que o mundo não pode dar.”

Meditação 5:

“Senhor Jesus, Tu és a fonte inesgotável de amor e misericórdia. Na Eucaristia, Tu Te fazes pequeno e humilde para vir ao nosso encontro. Que eu saiba reconhecer-Te em cada Hóstia consagrada, amando-Te e adorando-Te com todo o meu coração. Faz de mim uma chama viva de amor eucarístico, capaz de iluminar e aquecer os corações dos meus irmãos.”

Cântico - Vem viver em nós

Preces

Pelo Papa:

Senhor Jesus, presente na Eucaristia, nós Vos pedimos pelo nosso Papa Francisco. Concedei-lhe sabedoria, coragem e saúde para guiar a Igreja segundo a Vossa vontade.

Nós Vos pedimos, Senhor.

Senhor, escutai a nossa prece.

Pelo Sucessor de Dom Bosco e Reitor-Mor dos Salesianos:

Senhor Jesus, confiamos a Vós o vigário do Reitor-Mor dos Salesianos, o Pe. Stefano Martoglio. Que, a exemplo de Dom Bosco, ele continue a ser um guia e inspiração para toda a Família Salesiana.

Nós Vos pedimos, Senhor.

Senhor, escutai a nossa prece.

Pela Madre Geral das Salesianas:

Senhor, abençoai a Madre Geral das Filhas de Maria Auxiliadora, a Ir. Chiara. Que, seguindo os passos de Maria Domingas Mazzarello, ela conduza as irmãs com amor e dedicação.

Nós Vos pedimos, Senhor.

Senhor, escutai a nossa prece.

Pelos Jovens:

Senhor Jesus, abençoai os jovens de todo o mundo.

Que eles possam encontrar em Vós o sentido para as suas vidas e sejam guiados pelo Espírito Santo.

Nós Vos pedimos, Senhor.
Senhor, escutai a nossa prece.

Pela Família Salesiana:

Senhor, olhai por toda a Família Salesiana. Que, unidos no carisma de Dom Bosco, possamos ser sinais e portadores do Vosso amor aos jovens e a todos os necessitados.

Nós Vos pedimos, Senhor.
Senhor, escutai a nossa prece.

Momento de Silêncio e Adoração Pessoal

Tempo de silêncio para adoração pessoal e contemplação.

Cântico adoração - Não Dormirá

Bênção do Santíssimo Sacramento

Sacerdote: Vós destes-nos o Pão do Céu.
Assembleia: para dar a vida ao mundo.

Sacerdote: Oremos. Senhor Jesus Cristo, neste admirável sacramento nos deixastes o memorial da vossa paixão; concedei-nos tal veneração pelos sagrados mistérios do vosso Corpo e Sangue, que experimentemos sempre em nós a sua eficácia redentora. Vós que sois Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo.
Assembleia: *Ámen.*

Bênção do Santíssimo

(O sacerdote faz a bênção com o Santíssimo Sacramento)

Tantum Ergo Sacramentum

Cantam-se as duas últimas estrofes do hino "Pange Lingua":

Tantum ergo Sacramentum
Veneremur cernui:
Et antiquum documentum
Novo cedat ritui:
Praestet fides supplementum
Sensuum defectui.
Genitori, Genitoque
Laus et jubilatio,
Salus, honor, virtus quoque
Sit et benedictio:
Procedenti ab utroque
Compar sit laudatio.
Ámen.

Bênção

Reposição do Santíssimo Sacramento

Cântico – Receive the Power (WYD 2008)

Eucaristia de Abertura

Martírio De São João Batista

1.ª Leitura (Jer 1, 17-19):

«Vai dizer-lhes tudo o que Eu te ordenar: não temas diante deles»

Leitura do Livro de Jeremias

Naqueles dias,

o Senhor dirigiu-me a palavra, dizendo:

«Cinge os teus rins e levanta-te,

para ires dizer tudo o que Eu te ordenar.

Não temas diante deles,

senão serei Eu que te farei temer a sua presença.

Hoje mesmo faço de ti uma cidade fortificada,

uma coluna de ferro e uma muralha de bronze,

diante de todo este país, dos reis de Judá e dos seus chefes,

diante dos sacerdotes e do povo da terra.

Eles combaterão contra ti, mas não poderão vencer-te,

porque Eu estou contigo para te salvar».

Palavra do Senhor.

R/. Graças a Deus

Salmo Responsorial:

Salmo 70 (71), 1-2.3-4A.5-6AB.15AB E 17 (R. CF. 15AB)

A minha boca proclamará a vossa salvação.

Em Vós, Senhor, me refugio,

jamais serei confundido.

Pela vossa justiça, defendei-me e salvai-me,

prestai ouvidos e libertai-me.

Sede para mim um refúgio seguro,

a fortaleza da minha salvação.

Vós sois a minha defesa e o meu refúgio:
meu Deus, salvai-me do pecador.

Sois Vós, Senhor, a minha esperança,
a minha confiança desde a juventude.
Desde o nascimento Vós me sustentais,
desde o seio materno sois o meu protector.

A minha boca proclamará a vossa justiça,
dia após dia a vossa infinita salvação.
Desde a juventude Vós me ensinai
e até hoje anunciei sempre os vossos prodígios.

Evangelho (Mc 6, 17-29):

**«Quero que me dês sem demora, num prato,
a cabeça de João Baptista»**

Naquele tempo,
o rei Herodes mandara prender João
e algemá-lo no cárcere,
por causa de Herodíades, a mulher do seu irmão Filipe,
que ele tinha tomado por esposa.
João dizia a Herodes:
«Não podes ter contigo a mulher do teu irmão».
Herodíades odiava João Baptista
e queria dar-lhe a morte, mas não podia,
porque Herodes respeitava João,
sabendo que era justo e santo,
e por isso o protegia.
Quando o ouvia, ficava perturbado,
mas escutava-o com prazer.
Entretanto, chegou um dia oportuno,
quando Herodes, no seu aniversário natalício,
ofereceu um banquete aos grandes da corte,
aos oficiais e às principais personalidades da Galileia.
Entrou então a filha de Herodíades,
que dançou e agradou a Herodes e aos convidados.
O rei disse à jovem:

«Pede-me o que desejares e eu to darei».

E fez este juramento:

«Dar-te-ei o que me pedires,
ainda que seja a metade do meu reino».

Ela saiu e perguntou à mãe: «Que hei-de pedir?».

A mãe respondeu-lhe: «Pede a cabeça de João Baptista».

Ela voltou apressadamente à presença do rei
e fez-lhe este pedido:

«Quero que me dê sem demora, num prato,
a cabeça de João Baptista».

O rei ficou consternado,
mas por causa do juramento e dos convidados,
não quis recusar o pedido.

E mandou imediatamente um guarda,
com ordem de trazer a cabeça de João.

O guarda foi à cadeia, cortou a cabeça de João
e trouxe-a num prato.

A jovem recebeu-a e entregou-a à mãe.

Quando os discípulos de João souberam a notícia,
foram buscar o seu cadáver e deram-lhe sepultura.

Palavra da Salvação.

R/. Glória a Vós, Senhor.

Eucaristia de Encerramento

1.ª Leitura (Deut 4, 1-2.6-8)

«Não acrescentareis nada ao que vos ordeno...
mas guardareis os mandamentos do Senhor»

Leitura do Livro do Deuterónimo

Moisés falou ao povo, dizendo:

«Agora escuta, Israel,

as leis e os preceitos que vos dou a conhecer
e ponde-os em prática,

para que vivais e entreis na posse da terra
que vos dá o Senhor, Deus de vossos pais.

Não acrescentareis nada ao que vos ordeno,
nem suprimireis coisa alguma,

mas guardareis os mandamentos do Senhor vosso Deus,
tal como eu vo-los prescrevo.

Observai-os e ponde-os em prática:

eles serão a vossa sabedoria e a vossa prudência
aos olhos dos povos,

que, ao ouvirem falar de todas estas leis, dirão:

'Que povo tão sábio e tão prudente é esta grande nação!'

Qual é, na verdade, a grande nação

que tem a divindade tão perto de si

como está perto de nós o Senhor, nosso Deus,
sempre que O invocamos?

E qual é a grande nação

que tem mandamentos e decretos tão justos
como esta lei que hoje vos apresento?».

Palavra do Senhor.

R/. Graças a Deus

Salmo Responsorial

Salmo 14 (15), 2-3A.3CD-4AB.5 (R. 1A)

Quem habitará, Senhor, no vosso santuário?
O que vive sem mancha e pratica a justiça
e diz a verdade que tem no seu coração
e guarda a sua língua da calúnia.

O que não faz mal ao seu próximo,
nem ultraja o seu semelhante;
o que tem por desprezível o ímpio,
mas estima os que temem o Senhor.

O que não falta ao juramento, mesmo em seu prejuízo,
e não empresta dinheiro com usura,
nem aceita presentes para condenar o inocente.
Quem assim proceder jamais será abalado.

2.ª Leitura (Tg 1, 17-18.21b-22.27)

«Sede cumpridores da palavra»

Leitura da Epístola de São Tiago

Caríssimos irmãos:

Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vêm do alto,
descem do Pai das luzes,

no qual não há variação nem sombra de mudança.

Foi Ele que nos gerou pela palavra da verdade,
para sermos como primícias das suas criaturas.

Acolhei docilmente a palavra em vós plantada,
que pode salvar as vossas almas.

Sede cumpridores da palavra e não apenas ouvintes,
pois seria enganar-vos a vós mesmos.

A religião pura e sem mancha,

aos olhos de Deus, nosso Pai,

consiste em visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações
e conservar-se limpo do contágio do mundo.

Palavra do Senhor.

R/. Graças a Deus

Evangelho (Mc 7, 1-8.14-15.21-23)

**«Deixais o mandamento de Deus
para vos prenderdes à tradição dos homens»**

Naquele tempo,
reuniu-se à volta de Jesus
um grupo de fariseus e alguns escribas
que tinham vindo de Jerusalém.
Viram que alguns dos discípulos de Jesus
comiam com as mãos impuras, isto é, sem as lavar.
– Na verdade, os fariseus e os judeus em geral
não comem sem ter lavado cuidadosamente as mãos,
conforme a tradição dos antigos.
Ao voltarem da praça pública,
não comem sem antes se terem lavado.
E seguem muitos outros costumes
a que se prenderam por tradição,
como lavar os copos, os jarros e as vasilhas de cobre –.
Os fariseus e os escribas perguntaram a Jesus:
«Porque não seguem os teus discípulos a tradição dos antigos,
e comem sem lavar as mãos?».
Jesus respondeu-lhes:
«Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas,
como está escrito:
‘Este povo honra-Me com os lábios,
mas o seu coração está longe de Mim.
É vão o culto que Me prestam,
e as doutrinas que ensinam não passam de preceitos humanos’.
Vós deixais de lado o mandamento de Deus,
para vos prenderdes à tradição dos homens».
Depois, Jesus chamou de novo a Si a multidão
e começou a dizer-lhe:
«Escutai-Me e procurai compreender.
Não há nada fora do homem
que ao entrar nele o possa tornar impuro.
O que sai do homem é que o torna impuro;
porque do interior do homem é que saem as más intenções:

imoralidades, roubos, assassínios,
adultérios, cobiças, injustiças,
fraudes, devassidão, inveja,
difamação, orgulho, insensatez.
Todos estes vícios saem do interior do homem,
e são eles que o tornam impuro».

Palavra da Salvação.

R/. Glória a Vós, Senhor.

Cânticos

Missa Abertura

Entrada

Jesus Christ, You are my life,
Alleluia, Alleluia,
Jesus Christ, You are my life,
You are my life, Alleluia. (bis)

És caminho, Tu és a verdade
Tu és a nossa vida,
Caminhando junto a Ti,
Viveremos para sempre.

Jesus Christ, You are my life,
Alleluia, Alleluia,
Jesus Christ, You are my life,
You are my life, Alleluia.

Tu sei via, sei verità
Tu sei la nostra vita
Camminando insieme a te
Vivremo in te per sempre

Jesus Christ, You are my life,
Alleluia, Alleluia,
Jesus Christ, You are my life,
You are my life, Alleluia.

Be our way, our truth and our life
Form us anew in how you died
We embrace the cross that
You bore
And will arise in glory

Ato Penitencial

Senhor tende Piedade
Tende Piedade de nós
Tende Piedade de nós.

Cristo tende Piedade
Tende Piedade de nós

Tende Piedade de nós.

Senhor tende Piedade
Tende Piedade de nós
Tende Piedade de nós.

Glória

Glória a Deus nas alturas
E paz na terra aos homens por Ele amados
Senhor Deus, Rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso

Nós vos louvamos
 Nós vos bendizemos
 Nós vos adoramos
 Nós vos glorificamos
 Nós vos damos graças por vossa imensa glória

Senhor Jesus Cristo, Filho Unigênito
 Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai
 Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós
 Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica
 Vós que estais à direita do Pai

Tende piedade de nós
 Só vós sois Santo
 Só vós o Senhor
 Só vós o Altíssimo, Jesus Cristo

Com o Espírito Santo
 Na glória de Deus Pai, amém!

Aleluia

Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia,
 Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia,

Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia,
 Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia,

Ofertório

Agora é hora
 De oferecer todo o meu ser
 Na pobreza, na tristeza
 Na alegria de cada dia

É tão pouco o que oferecemos
 Mas é tudo o que temos (bis)

Agora é hora
 De dizer obrigado
 Ao Senhor que é amor
 Nossa vida, nosso calor

É tão pouco o que oferecemos
 Mas é tudo o que temos (bis)

Agora é hora.

Santo

Santo, Santo, Santo Senhor
 Senhor Deus do Universo
 Céus e Terra proclamam
 Para sempre a Vossa Glória

Hossana nas alturas
 Bendito é Aquele que vem
 Em nome do Senhor
 Hossana nas alturas (bis)

Cordeiro

Cordeiro de Deus
 Que tiras o pecado do mundo
 Tem piedade de nós, Senhor
 Tem piedade de nós.

Cordeiro de Deus,
 Que tiras o pecado do mundo,
 Dá-nos a Tua paz, Senhor
 Dá-nos a Tua Paz.

Cordeiro de Deus
 Que tiras o pecado do mundo
 Tem piedade de nós Senhor,
 Tem piedade de nós.

Dá-nos a Tua Paz, Senhor
 Dá-nos a Tua Paz, Senhor

Comunhão (1) – Emanuel

No horizonte uma grande, luz viaja pela história
 Ao longo dos anos venceu as trevas, fazendo-se Memória
 E, iluminando a nossa vida, ela nos revela
 que não vive quem não procura, esta Verdade.

Da mille strade arrivamo qui
 Sui passi della fede,
 Sentiamo l'eco della parola
 Che risuona ancora
 Da queste mura, da questo cielo
 Per il mondo intero:
 È vivo oggi, È l'uomo vero
 Cristo tra noi.

Siamo qui sotto la stessa luce
 Sotto la sua croce cantando ad una você
 Emmanuel, Emmanuel, Emmanuel
 Emmanuel, Emmanuel
 Emmanuel, Emmanuel, Emmanuel
 Emmanuel, Emmanuel

This city which has poured out, its life-blood out of love
 And has transformed the ancient world, will send us on our way,
 By following Christ, together with Peter, our faith is born again,
 The living word, that makes us new and grows in our hearts.

Siamo qui sotto la stessa luce
 Sotto la sua croce cantando ad una você
 Emmanuel, Emmanuel, Emmanuel
 Emmanuel, Emmanuel
 Emmanuel, Emmanuel, Emmanuel
 Emmanuel, Emmanuel

Chegou uma nova era
 É tempo de mudar
 Sempre um novo dia para recomeçar
 Mudar de estrada com palavras novas
 Usar o coração e anunciar todo
 O mundo Cristo Jesus

Comunhão (2) – Luz Terna e Suave

Que importa, Senhor,
 se é tão longe para mim
 a praia onde tenho de chegar,
 se sobre mim levar pousada
 a clara luz do teu olhar.

Hoje te peço, Senhor,
 para seres a luz que me ilumina na plenitude da tua luz divina.

Luz terna e suave no meio da noite,
 leva-nos mais longe.
 Não temos aqui uma morada permanente.
 Leva-nos mais longe,
 Luz terna e suave no meio da noite.

Esquece, Senhor,
 os meus passos mal andados, meu desamor,
 perdoa os meus pecados.

Eu sei que vai raiar a madrugada
 e não me deixarás abandonado.

Se Tu me dás a mão, Senhor,
meus passos serão firmes no andar.
Leva-me mais longe para a Ti chegar.

Comunhão (3)

Pão do Céu, pão de Deus,
Vida em mim és Senhor Jesus.
No caminho da vida
és o pão que dá força e luz.
Quem comer deste pão
viverá por mim
Quem deste vinho beber,
viverá no amor
E feliz reinará com o seu Senhor.

Bom pastor és caminho
seguro verdade e vida.
Quem te segue não anda
no mundo perdido e só.
Nem a vida, ou a morte,
ou algum poder,
Do seu amor poderá
jamais separar,
Para a vida sem fim ressuscitará.

**Eu sou o pão da vida.
Eu sou a ressurreição.
Tomai e comei este
é o meu corpo:
Pão de vida e unidade.**

**Permanecei em mim:
Eu a videira vós os ramos.
Tomai e bebei este
é o meu sangue
Para a vossa salvação.**

Pão do céu é o maná que nos
dás com sabor a ti
És a força que alenta o nosso
peregrinar.

Quem tem sede
há-de em ti encontrar
A fonte da alegria
sem fim e da tua paz
E brotará dele um rio
de água viva.

Para quem hemos de ir
se tu és o Santo de Deus.
As palavras, Senhor, que nos dás
são de vida eterna.
Quem te segue não se
perderá na noite
Em caminhos e vales de solidão
Pois terá luz da vida,
vida verdadeira.

Ação de Graças

Il Signore ti ristora
Dio non allontana
Il Signore viene ad incontrarti
Viene ad incontrarti

Il Signore ti ristora
Dio non allontana
Il Signore viene ad incontrarti
Viene ad incontrarti

Il Signore ti ristora
Dio non allontana
Il Signore viene ad incontrarti
Viene ad incontrarti

Il Signore ti ristora
Dio non allontana
Il Signore viene ad incontrarti
Viene ad incontrarti

Final – Hino

**Família em oração,
Teu nome, Mãe protetora,
Canta o nosso coração,
Maria, Auxiliadora!**

1. «Dar-te-ei a Mestra», a Mãe
Do teu caminho a Guia;
Sê humilde e forte,
Vai sem medo e confia!

2. Quem sois Vós, Senhor?
Eu sou Criança pobre, incapaz.
Eu contigo estarei,
Tu um dia verás!

3. Segue a Estrela, olha o céu,
Virá de lá tua luz;
Minha Mãe é o auxílio,
Teu caminho conduz!

4. O teu sonho é o mundo,
Cheio de jovens, crianças,
A quem sonhas levar
Alegrias, esp'ranças!

**Famiglia in preghiera,
Maria, Tu ci proteggi
Canta sempre con il cuor
Maria, Ausiliatrice**

**Familia en oración,
Tu nombre, oh protectora,
Canta nuestro corazón,
María, Auxiliadora**

**Family in Prayer
Your name, protective Mother
Our hearts sing together
Mary Help Of Christians**

Adoração

Emanuel

No horizonte uma grande, luz viaja pela história
 Ao longo dos anos venceu as trevas, fazendo-se Memória
 E, iluminando a nossa vida, ela nos revela
 que não vive quem não procura, esta Verdade.

Da mille strade arrivamo qui
 Sui passi della fede,
 Sentiamo l'eco della parola
 Che risuona ancora
 Da queste mura, da questo cielo
 Per il mondo intero:
 È vivo oggi, È l'uomo vero
 Cristo tra noi.

Siamo qui sotto la stessa luce
Sotto la sua croce cantando ad una você
Emmanuel, Emmanuel, Emmanuel
Emmanuel, Emmanuel
Emmanuel, Emmanuel, Emmanuel
Emmanuel, Emmanuel

This city which has poured out, its life-blood out of love
 And has transformed the ancient world, will send us on our way,
 By following Christ, together with Peter, our faith is born again,
 The living word, that makes us new and grows in our hearts.

Siamo qui sotto la stessa luce
Sotto la sua croce cantando ad una você
Emmanuel, Emmanuel, Emmanuel
Emmanuel, Emmanuel
Emmanuel, Emmanuel, Emmanuel
Emmanuel, Emmanuel

Chegou uma nova era
 É tempo de mudar
 Sempre um novo dia para recomeçar

Mudar de estrada com palavras novas
 Usar o coração e anunciar todo
 O mundo Cristo Jesus

Senhor Vela Por Mim

Senhor vela por mim
 Que farei sem ti?
 Só eu não sou nada
 Guarda-me, Senhor

Vem viver em Nós

Vem viver em nós, Senhor,
 vem viver em nós.
 Vem viver em nós, Senhor,
 Vem viver em nós

Inunda o meu ser

Inunda o meu ser,
 inunda o meu ser, Espírito,
 inunda o meu ser.

Com fogo de amor,
 ó vem sobre mim.
 Espírito inunda o meu ser.

Ensina-me a amar,
 ensina-me a amar,
 Espírito, ensina-me a amar.

Como ama Jesus,
 ó vem sobre mim.
 Espírito ensina-me a amar.

Aumenta-me a fé,
 aumenta-me a fé,
 Espírito, aumenta-me a fé.

Com fogo de amor,
 ó vem sobre mim.
 Espírito aumenta-me a fé.

Ensina-me a orar,
 ensina-me a orar,
 Espírito, ensina-me a orar.

Como ora Jesus,
 ó vem sobre mim.
 Espírito ensina-me a orar.

Receive The Power

Every nation, every tribe,
come together to worship You.
In Your presence we delight,
we will follow to the ends
of the earth.

Alleluia! Alleluia!
Receive the Power,
from the Holy Spirit!
Alleluia! Alleluia!
Receive the Power
to be a light unto the world!

As Your Spirit calls to rise
we will answer and do Your Will.
We'll forever testify
of Your mercy and unfailing love.

Alleluia! Alleluia!
Receive the Power,
from the Holy Spirit!
Alleluia! Alleluia!
Receive the Power
to be a light unto the world!

Lamb of God, we worship You,
Holy One, we worship You,
Bread of Life, we worship You,
Emmanuel, we worship You.
Lamb of God, we worship You,
Holy One, we worship You,
Bread of Life, we worship You,
Emmanuel, we will sing forever.

Missa Encerramento

Entrada

Família em oração,
Teu nome, Mãe protetora,
Canta o nosso coração,
Maria, Auxiliadora!

1. «Dar-te-ei a Mestra», a Mãe
Do teu caminho a Guia;
Sê humilde e forte,
Vai sem medo e confia!

2. Quem sois Vós, Senhor?
Eu sou Criança pobre, incapaz.
Eu contigo estarei,
Tu um dia verás!

3. Segue a Estrela, olha o céu,
Virá de lá tua luz;

Minha Mãe é o auxílio,
Teu caminho conduz!

4. O teu sonho é o mundo,
Cheio de jovens, crianças,
A quem sonhas levar
Alegrias, esp'ranças!

**Famiglia in preghiera,
Maria, Tu ci proteggi
Canta sempre con il cuor
Maria, Ausiliatrice**

**Family in Prayer
Your name, protective Mother
Our hearts sing together
Mary Help Of Christians**

Ato Penitencial

Kyrie, eleison. Kyrie, eleison. Kyrie, eleison
Kyrie, eleison. Kyrie, eleison. Kyrie, eleison.

Christe, eleison. Christe, eleison. Christe, eleison.
Christe, eleison. Christe, eleison. Christe, eleison.

Kyrie, eleison. Kyrie, eleison. Kyrie, eleison.
Kyrie, eleison. Kyrie, eleison. Kyrie, eleison.

Glória

Glória a Deus nas alturas
E paz na terra aos homens por Ele amados
Senhor Deus, Rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso

Nós vos louvamos
Nós vos bendizemos
Nós vos adoramos

Nós vos glorificamos

Nós vos damos graças por vossa imensa glória

Senhor Jesus Cristo, Filho Unigênito

Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai

Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós

Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica

Vós que estais à direita do Pai

Tende piedade de nós

Só vós sois Santo

Só vós o Senhor

Só vós o Altíssimo, Jesus Cristo

Com o Espírito Santo

Na glória de Deus Pai, amém!

Aleluia

Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia,
Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia,

Aleluia, Aleluia,
Aleluia, Aleluia, Aleluia,

Aleluia, Aleluia,
Aleluia, Aleluia, Aleluia,

Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia,
Aleluia, Aleluia, Aleluia, Aleluia

Ofertório

Sei Senhor, que na vida
Nem sempre temos tudo,
tudo dado
Por isso, aqui estou
Pronto para ser, ser ajudado

Senhor a Ti me entrego
Com todo o coração
Eu nunca fui tão sincero

Não sei mais o que fazer,
sem Ti eu não sei viver
Ouve a minha oração,
Senhor dá-me a Tua mão

Sei Senhor, que não posso
Ter tudo o que quero,
ou que gosto
Por isso, peço-Te a Ti
Que me leves sempre,
sempre contigo

Senhor a Ti me entrego
Com todo o coração
Eu nunca fui tão sincero

Não sei mais o que fazer,
sem Ti eu não sei viver
Ouve a minha oração,
Senhor dá-me a Tua mão

Santo

Santo, Santo, Santo Senhor
 Senhor Deus do Universo
 Céus e Terra proclamam
 Para sempre a Vossa Glória

Hossana nas alturas
 Bendito é Aquele que vem
 Em nome do Senhor
 Hossana nas alturas (bis)

Cordeiro

Cordeiro de Deus
 Que tiras o pecado do mundo
 Tem piedade de nós, Senhor
 Tem piedade de nós.

Cordeiro de Deus,

Que tiras o pecado do mundo,
 Dá-nos a Tua paz, Senhor
 Dá-nos a Tua Paz.

Cordeiro de Deus
 Que tiras o pecado do mundo
 Tem piedade de nós Senhor,
 Tem piedade de nós.

Dá-nos a Tua Paz, Senhor
 Dá-nos a Tua Paz, Senhor

Comunhão (1) – Hino JM7 2016

Levanto os meus olhos
 para os montes,
 Donde me virá o auxílio
 O meu auxílio vem do Senhor,
 porque Deus é Misericordioso

Chi potrebbe resistere?
 Ma Lui perdona, e anche noi
 Facciamo come fa il nostro Dio!

When we are lost
 He searches for us
 To hold us in His arms
 His only blood will heal
 Our wounds
 To breathe new life into us

**Błogosławieni miłosierni,
 albowiem oni miłosierdzia
 dostąpią! (Bis)**

En la cruz el nos redimió
 de la tumba resucitó.
 ¡Jesucristo es el Señor!
 ¡Al mundo hay que anunciar!

**Błogosławieni miłosierni,
 albowiem oni miłosierdzia
 dostąpią! (Bis)**

**Błogosławieni miłosierni,
 albowiem oni miłosierdzia
 dostąpią! (Bis)**

Se il Signore non ci avesse
 perdonato i nostri peccati,

Lança fora o medo e sê fiel,
 Entrega ao Senhor
 os teus cuidados

E confia, pois Ele ressuscitou
e está vivo
o Teu Senhor e o Teu Deus!

**Błogostawieni miłosierni,
albowiem oni miłosierdzia
dostałią! (Bis)**

Comunhão (2) – Pelos Prados

Pelos prados e campinas verdejantes, eu vou
É o Senhor que me leva a descansar
Junto às fontes de águas puras repousantes, eu vou
Minhas forças o Senhor vai animar

**Tu és, Senhor, o meu pastor
Por isso nada em minha vida faltará
Tu és, Senhor, o meu pastor
Por isso nada em minha vida faltará**

Nos caminhos mais seguros, junto d'Ele eu vou
E pra sempre o Seu nome eu honrarei
Se eu encontro mil abismos nos caminhos, eu vou
Segurança sempre tenho em suas mãos

**Tu és, Senhor, o meu pastor
Por isso nada em minha vida faltará
Tu és, Senhor, o meu pastor
Por isso nada em minha vida faltará**

No banquete em sua casa muito alegre, eu vou
Um lugar em Sua mesa me preparou
Ele unge minha fronte e me faz ser feliz
E transborda a minha taça em Seu amor

**Tu és, Senhor, o meu pastor
Por isso nada em minha vida faltará
Tu és, Senhor, o meu pastor
Por isso nada em minha vida faltará**

Bem a frente do inimigo, confiante eu vou
Tenho sempre, o Senhor junto de mim
Seu cajado me protege, e eu jamais temerei
Sempre junto do Senhor eu estarei

Tu és, Senhor, o meu pastor

Por isso nada em minha vida faltará
 Tu és, Senhor, o meu pastor
 Por isso nada em minha vida faltará

Comunhão (3) – Não dormirá

Levanto os olhos para os montes,
 D'onde virá o auxílio?
 O meu auxílio vem do Senhor,
 Que fez o céu e a terra.

Não permitirá que vacilem os teus passos,
 Não dormirá Aquele que te guarda.
 Não há de adormecer
 O que guarda Israel.

O Senhor é quem te guarda,
 O Senhor está a teu lado, Ele é o teu abrigo.
 O sol não te fará mal de dia
 Nem a lua durante a noite.

O Senhor te defende do mal,
 O Senhor vela pela tua vida.
 Ele te protege quando vais, quando vens,
 Agora e para sempre

Ação de Graças

Il Signore ti ristora
 Dio non allontana
 Il Signore viene ad incontrarti
 Viene ad incontrarti

Il Signore ti ristora
 Dio non allontana
 Il Signore viene ad incontrarti
 Viene ad incontrarti

Il Signore ti ristora
 Dio non allontana
 Il Signore viene ad incontrarti
 Viene ad incontrarti

Il Signore ti ristora
 Dio non allontana
 Il Signore viene ad incontrarti
 Viene ad incontrarti

Final

Ausiliatrice Vergine bella, di nostra vita Tu sei la stella.

Fra le tempeste deh! guida il
cuore, di chi ti invoca Madre d'Amore.

Siam peccatori, ma figli tuoi. Ausiliatrice, prega per noi

Tu che nel cielo siedi Regina,
a noi pietosa lo sguardo inchina, pel Divin Figlio che
Stringi al petto deh! non privarci del tuo affetto.
Siam peccatori, ma figli tuoi

Ausiliatrice, prega per noi

Ficha Técnica

Propriedade:

Província Portuguesa da Sociedade Salesiana

Design e Paginação:

Equipa de Comunicação – Fundação Salesianos

Impressão e Acabamentos:

Invulgar Graphic

Edição extra comercial